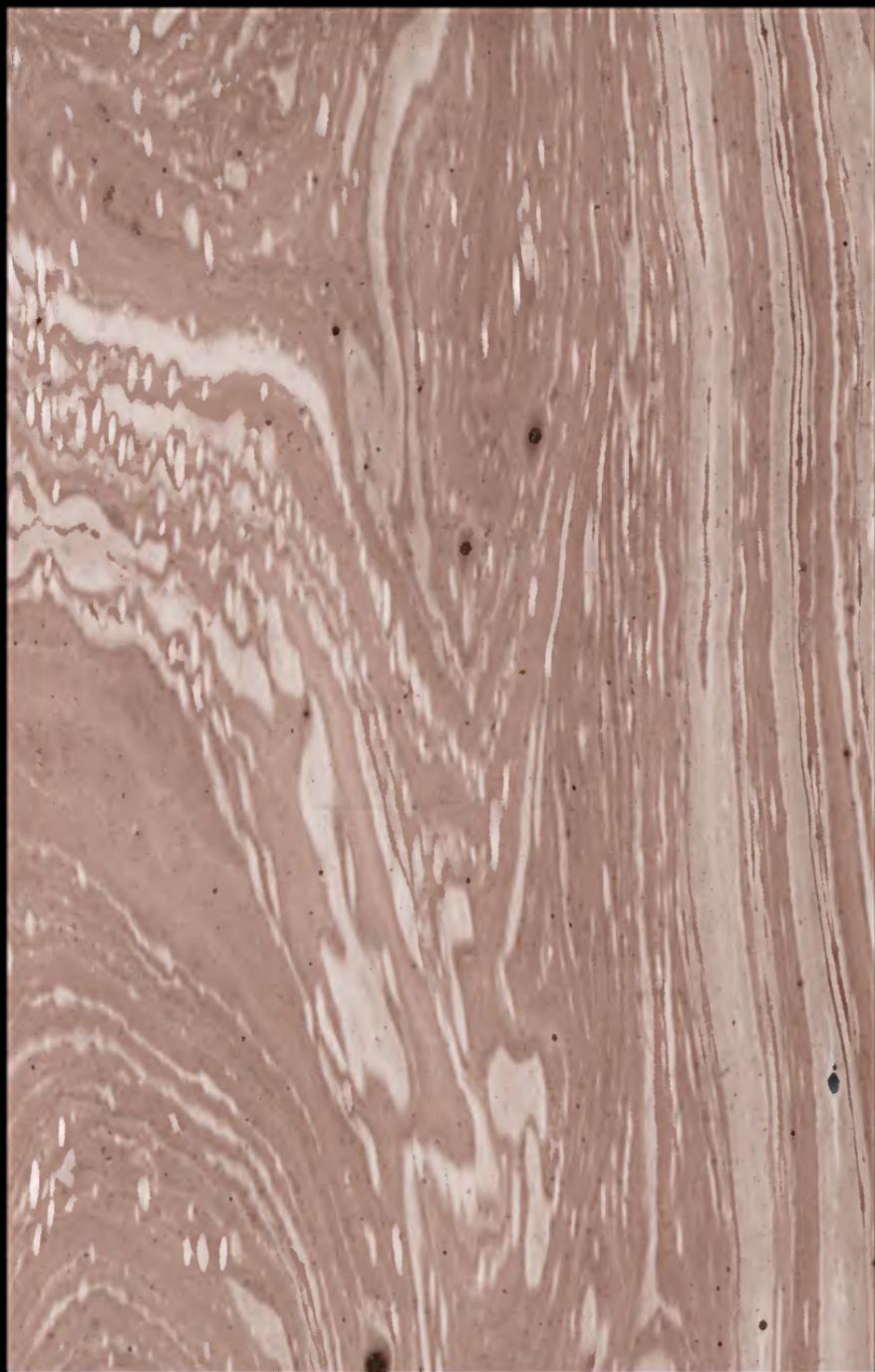






ENCADERNAÇÃO E
RESTAURO DE LIVROS
TEL.: (011) 581-4954







COLLECCÃO ECONOMICA

Volumes de ln-16.º, de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

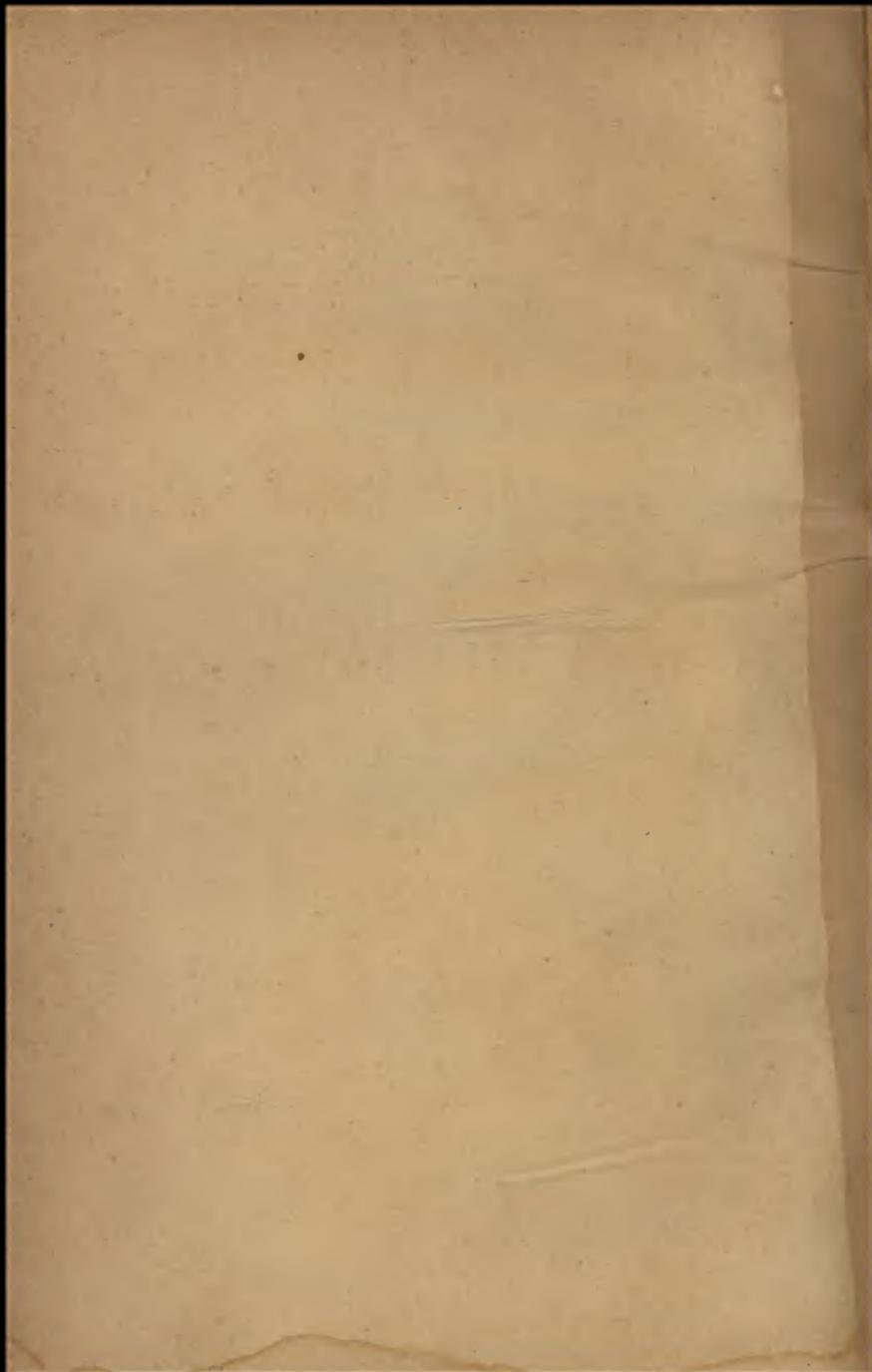
A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os títulos dos ultimos volumes publicados:

- N.º 21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — A alma de Pedro, de J. Ohnet.
N.º 23 — Camilla, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — Trahida, de Maxime Paz.
N.º 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
N.º 26 — Magdalena Férat, por Emilio Zola.
N.º 27 — Os Reis no exílio, por A. Daudet.
N.º 28 — Dívida de odio, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — Mentiras, por Paul Bourget.
N.º 30 — Marizheiro, por Pierre Loti.
N.º 31 — A montanha do Diabo, por Eugenio Sue.
N.º 32 — A Evangelista, por A. Daudet.
* N.º 33 — Aranha Vermelha, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — Parisienses!... romance, por H. Davenel.
N.º 37 — Ao entardecer!... rom., por Iveling Ramband.
N.º 38 — A confissão de Carolina, romance.
N.º 39 — Um casamento no mosteiro, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — Os Parias, original de Francisco da Rocha Martins
N.º 41 — O abade de Favrières, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — A agonia de uma alma, romance, por Ossip Fehubin.
N.º 43 — Memorias d'um burro, por Madame Ségur.
N.º 44 — A nihilista, por Catulle Mendés.
N.º 45 — O grande Industrial, por George Ohnet.
N.º 46 — Morta d'amor, por Albert Delpit.
N.º 47 — João Sbogar, por Carlos Nadier.
N.º 48 — Viagem sentimental, por Sterné.
N.º 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
N.º 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
N.º 51 — O romance de um principe, por Pierre de Luño.
N.º 52 — O castello de Lonrps, por J. K. Huysmans.
N.º 53 — Amor de Miss, por J. Blain.
N.º 54 — A sogra, por Dubut de Laforest.
N.º 55 — Colomba, por Próspero Merimée.
N.º 56 — Katia, pelo Conde Leon Tolstol.
N.º 57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
N.º 58 — Duplo amor, por J. H. Roeny.
N.º 59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
N.º 60 — A princeza Maria, por Lermontoff, traducção de Alberto de Oliveira.
N.º 61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
N.º 62 — Manon Lescaut, pelo Abade Prevost.
N.º 63 — O romance do homem amarelo, (costumes chinezes), pelo General Tcheng-Ki-Tong.
N.º 64 — A dama das violetas, (imitação), por F. Guimarães Fonseca.
N.ºs 65 e 66 — Nemrod & C.ª, por J. Ohnet, traducção de Luiz Cardoso.
N.º 67 — Prisma de amor, por Paul Bonhome.

Os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.





COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 66.º Volume

A PASTA D'UM JORNALISTA



Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viajens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10,
excellente edição, em optimo papel.

Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente
encadernado em percalina.

Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados :

- N.º 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccoue.
N.º 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — Historias de Frades, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — Obras primas, por Chateaubriand.
N.º 38 — O Exilado, romance historico, por Manrioa C. de Figueiredo.
N.º 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — Espelho de Portuguezes, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — A Fada d'Anteuil, por Ponson du Terrail, tradnoção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — A volta do Chiado, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — Niho de gulcho, por Alberto Pimentel.
N.º 48 — Vasco, por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — Leituras ao serão, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — Luz coada por ferros, por D. Anna Augusta Plaidio.
N.º 51 — A flor secca, por M. Pinheiro Chagas.
N.º 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
N.º 53 — Historias Rusticas, por Virgilio Varzea.
N.º 54 — Figuras Humanas, por Alberto Pimentel.
N.º 55 — Dolorosa, por Francisco Aoebal, tradnoção de Cañel.
N.º 56 — Memorias de um Fura-vidas, por Alfredo Mesquita.
N.º 57 — Dramas da Corte, por Alberto de Castro.
N.º 58 — Os Mosqueteiros d'África, por J. da S. Mendes Leal.
N.º 59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
N.º 60 — Phototypias do Minho, por José Augusto Vieira.
N.º 61 — Insulsres, contos e historias, por Mendo Bem (Mouiz de Bettencourt).
N.º 62 e 63 — Historia da civilização na Europa, por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.
N.º 64 — Triplice aliança, romance, de Raul de Azevedo.
N.º 65 — Retalhos de verdade, por Cañel.
N.º 66 — A Pasta d'um Jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

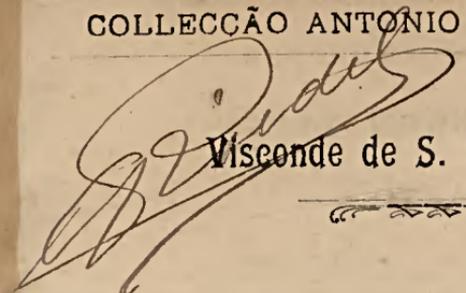
LIVRARIA EDITORA

E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

COLLECCÃO ANTONIO MARIA PEREIRA


Visconde de S. Poaventura

A PASTA D'UM JORNALISTA

(Escriptos politicos, litterarios
e biographiccs)

Com um anteloquio

DE

ABEL BOTELHO

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

1.293

924.1
B 238 P
V.L.P
657

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA
DA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA



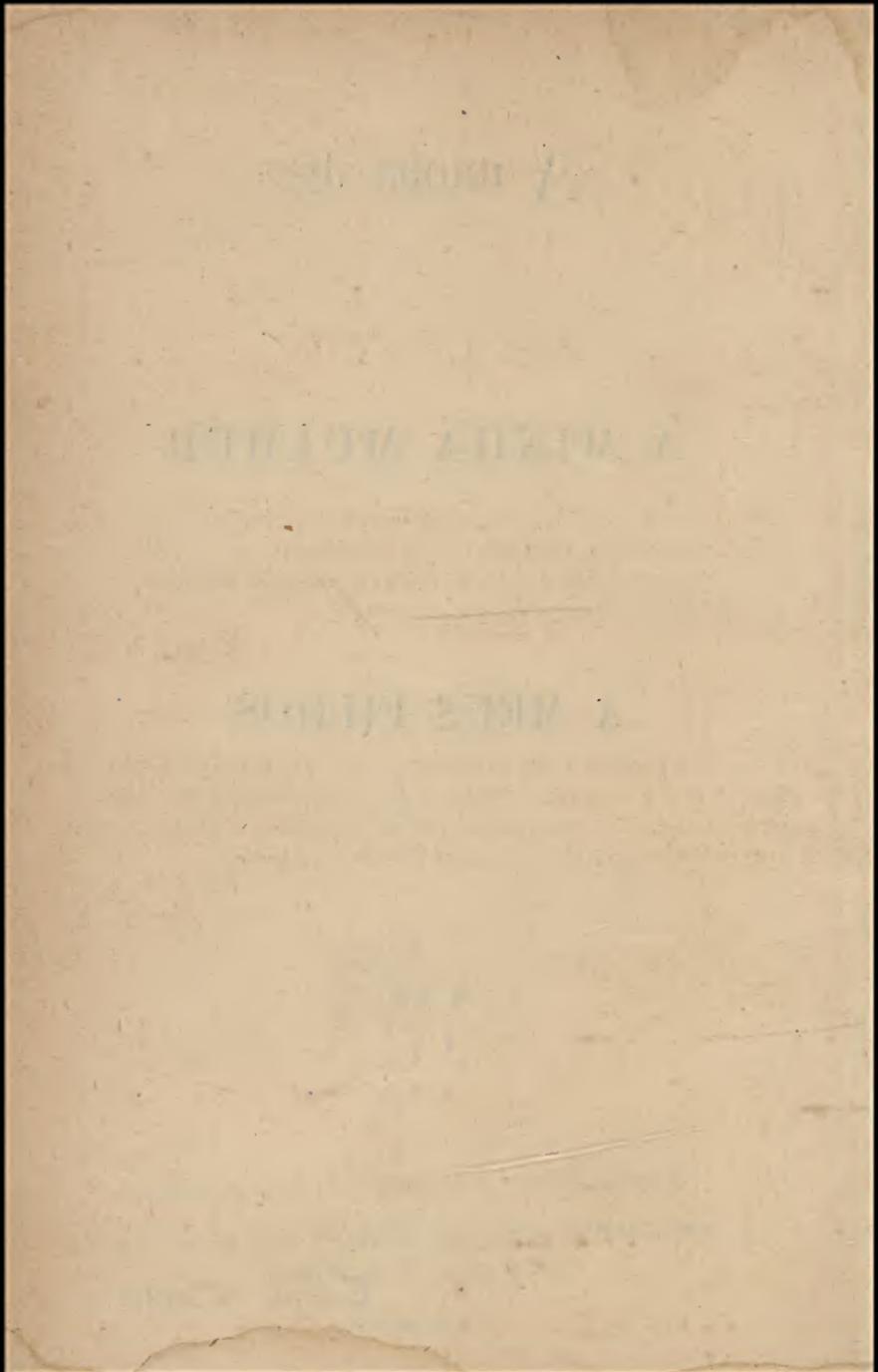
A minha mãe

A MINHA MULHER

A MEUS FILHOS

Tributo de amor.





AO LEITOR

Ami lecteur, qui viens d'entrer dans la boutique
Où l'on vend ce volume, et qui l'as acheté
Sans marchander d'un sou, malgré son prix modique,
Sois béni, lecteur, dans ta postérité !

H. Murger.

*

Je ne fais pas un livre, parce que je fais des articles, dont mon
editeur fait des volumes ; et plutôt à Dieu que mes articles eussent
parfois la vertu de décourager quelques uns des auteurs qui font
des livres ! Par malheur ils nout pas ce merite-là !

Cuvillier Fleury.



DO LITOR

RE FORTI

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



ANTELOQUIO

Visconde de S. Boaventura

Não é de modo nenhum um desconhecido, tanto para portuguezes como para brasileiros, este escriptor e jornalista de carreira.

O pequeno Boaventura Gaspar da Silva Barbosa, nascido em 1855, em Lamego, bem creança começou mostrando as suas peregrinas aptidões, todo o invejavel arsenal de faculdades, que entre os seus contemporaneos para logo lhe asseguraria um papel distincto. Irrequieto, nervoso, audaz, com uns grandes olhos investigadores, e uma ardente sêde de saber, mordendo-o perante o estimulante mysterio das coisas, é certo que, desde os mais tenros annos, e depois no celebre collegio *Roseira*, onde fez os primeiros estudos, o seu espirito exuberante e avido denotava uma excepcional capacidade de apprehensão, — a qual tem de ser sempre o germen das faculdades creadoras, — ao passo que o gesto vibrante e proprio, a mobilidade physionomica, a voz quente



e impetuosa lhe asseguravam já também a posse d'esse verdadeiro dom da palavra, que o nosso preso collega em tão elevado grau possui, reunindo ao encanto facil e elegante d'um cavaqueador, a persuasiva eloquencia e a calida impetuosidade proprias d'um tribuno.

Depois, no seminario e no lyceu de Braga, onde, com o melhor aproveitamento, continuou estudando, foi o pequenino Boaventura achar o *meio* mais de molde a estimular-lhe e afinar-lhe as preciosas disposições naturaes. Com effeito, tanto ahi, como successivamente no tempo que frequentou Coimbra, elle teve por condiscipulos ou contemporaneos homens como Antonio Candido, Gonçalves Crespo, Bernardo Pindella, Antonio Feijó e João Penha. Quer dizer, — quasi que a *élite* intellectual completa de toda uma geração gloriosa e magnifica a valer, geração das mais poderosas, aladas e arrogantes que com legitimo desvanecimento pode apontar o nosso Portugal contemporaneo. Pois em meio d'essa deslumbradora *pepinière* de talentos, n'esse embryonario cenaculo de tantos homens do futuro, a individualidade de Boaventura Gaspar da Silva notava-se, tinha echo a sua voz, a sua opinião impunha-se. E foi ahi também, na sincera communicação dos mais remontados ideaes, na mutuação liberrima das mais independentes e legitimas aspirações, que a sua alma ganhou azas, que o seu character se temperou... foi d'ahi que a sua vontade audaciosa e livre veio para a vida pratica em lucta com a convenção, aos piparotes contra os preconceitos, preparando-lhe alguns, poucos, annos de pequenas contrariedades e mais ou menos



romanticos episodios, que finalmente o determinaram a fazer-se de róta ao Brasil.

Em boa hora afinal; porque ahi, n'um centro de actividade mais largo e remunerador, ahi onde então n'uma titanica effervescencia se debatiam os elementos primordiaes de uma nacionalidade, pode dizer-se, em formação, ahi é que o visconde de S. Boaventura, alongando o seu energico pulso de luctador, se arremessou corajosamente á liça, revelando a primor os complexos recursos do seu talento e os prodigios, inverosimeis, por vezes, da sua espantosa actividade. Redigiu, amparou, fundou então um grande numero de jornaes, em varias cidades, a todos sobrelevando esse brilhante e fino *Diario Mercantil*, d'um tão accentuado cunho artistico, e que chegou a ser um dos periodicos mais bem escriptos e populares do Brasil.

Mas, como já aliás fizemos notar, o visconde de S. Boaventura não é só um homem de pensamento, é tambem um homem de acção. Na sua distincta individualidade, a sensibilidade, a intelligencia e a vontade, — esse trio essencial de attributos que em si explica e resume toda a ethologia humana, — mutuamente se fundem e completam, attingindo uma grande elevação e um poder suggestivo e dominador, como a Natureza só em geral concede aos eleitos. Assim, como n'esse tempo estava no seu auge a campanha homerica pela libertação dos escravos, logo o nosso benemerito compatriota, ardendo do mais sympathico enthusiasmo, quiz fazer sua a causa dos miseraveis, dos opprimidos. E eil-o que deixa o commodo remanso do seu gabinete, para se internar



á aventura pelos sertões, prégando a verdadeira, a sã doutrina, espontaneo procurador dos servos, arriscando a saude, a tranquillidade, a vida, tudo esquecendo, tudo deixando pela sublime evangelisação d'esse novo apostolado, em que havia tambem duros corações a converter e uma outra especie de odiosa barbarie a derruir por completo.

Não lhe faltaram por isso embuscadas, intrigas, perseguições, desgostos; mas este valente portuguez não se deixou intimidar, não entrou com elle nunca o desalento, até sentir-se bem pago finalmente com o triumpho completo da causa cuja defeza tão absorvedoramente o inflammou! N'esta benemerita cruzada teve o nosso compatriota por companheiro o illustre escriptor brasileiro Raul Pompeia, auctor do notavel livro *O Atheneu*. E devemos ainda fazer notar que, quando o dr. Antonio Bento, o glorioso chefe do movimento abolicionista em S. Paulo, depois da victoria, historiou a campanha emancipadora, era o nome do nosso Boaventura Gaspar da Silva um dos que elle mais carinhosamente recommendava á gratidão do Brasil.

O visconde de S. Boaventura, ha annos regressado a Portugal, mantém relações de affectuosa camaradagem com os principaes escriptores do Brasil. Como tem viajado muito, a sua vasta erudição theorica illumina-se, por assim dizer, e completa-se pelo exame comparativo dos homens e das coisas, — o que torna o seu convivio attrahente, a sua palestra sempre instructiva e pittoresca. Está correntemente ao facto de quanto de mais culminante ou sensacional assignala o movimento litterario e artistico con-



temporaneo. A sua innata *nonchalance*, de meridional que se présa, vae-lhe indefinidamente arredando para a hora seguinte a phantasiada realisação dos seus planos, e não lhe permite uma sequencia regular de trabalho. Isso porém não obsta a que este eminente escriptor não possua as mais brilhantes qualidades litterarias, aliás sobejamente comprovadas: quer como poeta, no seu adoravel livro de lyricas *O livro de Luiza*; quer como polemista e prosador, nos *Reverberos*, livro prefaciado por Assis Brazil, *Carta d'um emigrado* e *O Balzac de S. Miguel de Seide*, em que terçou com Camillo, na sua notavel obra *O Brasil actual*, da qual alguns capitulos foram transcriptos em revistas estrangeiras; e nas *Impressões estheticas*, notas e critica de arte.

Em summa, e porque não podemos alongar demasiado este artigo, para se ajuizar da estima, reputação e apreço em que o nosso presado compatriota é tido no Brasil, bastará dizer-lhes que, ainda recentemente, um brasileiro bem eminente na politica e nas lettras, enviando-lhe a sua photographia, traçou n'ella esta expressiva dedicatoria:

«AO ETERNO DEFENSOR DO BRAZIL EM PORTUGAL
E DE PORTUGAL NO BRAZIL»

N'este conceituoso dizer fica mais que sobejamente justificado, suppomos, o direito do sr. visconde á nossa tão modesta quão espontanea homenagem.

O visconde de S. Boaventura, por quem Pinheiro Chagas tinha especial estima, é hoje secretario do



Conservatorio Real de Lisboa. Tem os habitos de S. Thiago e de Christo, bem como as palmas da Academia de França. Tem ainda, por successão, direito ao fôro de moço fidalgo, fôro que nunca requereu.

ABEL BOTELHO.



A IMPRENSA

I

E' a imprensa o mais crystalino espelho das sociedades modernas, que n'ella se revêem orgulhosas e ridentes.

Reflectindo-lhes fielmente as feições caracteristicas, apresenta-nos o estado social de cada collectividade humana, a sua cultura intellectual e a sua prosperidade material, nos diversos periodos historicos.

Povo rico, livre e culto, possui jornaes poderosos e importantes; ao inverso, povo pobre, tyrannizado e analphabeto tem-nos de nenhum valor.

E á medida que as nações sobem na escala da civilisação, de par augmentam a riqueza e o alcance dos seus periodicos para lhes reproduzirem a phisionomia louça e viçosa.

A imprensa é um facho luminoso, que clareia a estrada larga do progresso social. E' o orgão legitimo da opinião publica. E' o quarto poder do Estado, que traduz o sentimento e a força nacional.

Foi a imprensa que soprou os primeiros alentos



á opinião publica, que lhe imprimiu os primeiros movimentos, que esboçou os primeiros ideaes para o seu objectivo e funcções.

E' a imprensa que trabalha pela conquista das ideias modernas, preparando-lhes o advento, apresentando-lhes a evolução, garantindo-lhes a victoria.

A sua acção é immensa: encaminha e orienta a opinião publica perante os poderes do Estado, suavisa e amenisa o rigor excessivo da applicação da lei, appláude os actos justos e nobres e verbera os abusos e os excessos.

E quantas vezes não exerce a sua acção prophylatica contra o egoismo!

A sua influencia attinge as raias do sublime, quando defende os opprimidos e patrocina os sedentos de justiça.

A imprensa é o palladio de todas as liberdades, o apoio de todas as fraquezas, a salvaguarda de todos os direitos, a resistencia a todas as prepotencias, e direito opposto a todas as tyrannias, inclusivé a das maiorias parlamentares, condemnadas e fulminadas pelo grande constitucionalista James Bryce.

A falta de discussão pela palavra e pela imprensa faz com que se procurem outros meios de combater as instituições ou os homens que as dirigem; faz com que, em vez do raciocinio, em vez do argumento, se lance mão da espada e da espingarda.

Poucos homens parecem tão estranhos, tão opacos e inacessiveis á vasta irradiação das ideias dominantes quanto o auctor do projecto de lei contra a imprensa, approvado pela maioria servil da camara baixa.



E' para vêr e admirar a corajosa indiferença com que elle se pronuncia em relação á sciencia contemporanea e á civilisação !

Não basta lançar no papel meia duzia de ideias velhas, desenterradas do jazigo secular, para se merecer a nomeada de homem instruido.

Nem tão pouco aproveita a quem quer que seja a insistencia na defesa de uma causa perdida.

E' um trabalho esterilissimo e que não deixa de ter o seu lado burlesco. Além de pouco preparados para resolverem qualquer ordem de problemas, os espiritos affectos á politica sertaneja, mal sabem repetir o que ha de mais commum e menos verdadeiro no assumpto questionado.

Reina em nosso paiz uma doença perigosa: é a ambição de governar, que ataca até os espiritos mesquinhos.

Pequenos escriptores de frivolidades litterarias tornam-se facilmente homens politicos.

Pouco a pouco erige-se entre nós aquella especie de governo que Stuart Mill qualificou de «pedanocracia» e que justamente consiste na intrusão de ambiciosos mediocres, que, sob o vago titulo de capacidades, illudem o publico indifferente e pouco disposto a sondar-lhes o merito e medir-lhes o tamanho.

O mal ainda se complica de um phenomeno grave: a idolatria partidaria, que distribue corôas e renomes a um certo numero de vultos, que aliás vistos e apreciados de perto nada offerecem de extraordinario.

Acontece que, repassados de orgulho, fazem-se mais necessarios do que realmente são e o menor de



seus actos ou a mais banal das suas palavras repercute no seio das almas timidas.

A causa da liberdade, como a causa da verdade, é sempre ella mesma: não cresce, nem decresce pela adhesão ou renuncia que se faça.

A nossa politica é de nomes proprios.

O povo quer ser livre, mais livre do que é actualmente.

A liberdade dos povos, como tudo que é grande, e bello, cahiu no dominio regular da discussão e da critica.

II

Um violento sopro de reacção politica agita o espirito portuguez contra o despotismo colérico do governo, que procura suffocal-o com a lei oppressora da imprensa — vergonhoso sophisma, affronta revoltante á liberdade.

A iniquidade marcial, que falla insolentemente por detraz das espingardas, não tem coragem para explicar á luz do sol a razão dos seus desatinos.

A violencia e os excessos arrastam a queda infallivel quem os pratica, por mais poderoso que se julgue ou seja. As leis da historia são inexoraveis.

Punem tudo quanto é contrario ao desenvolvimento natural dos povos.

O homem politico, que quer impôr a sua opinião, que quer deliberar só de accordo com o que pensa,



sem ouvir outrem, sem saber o que deseja a opinião publica, sem indagar o que pensa o povo, é um tyranno e não será jámais um verdadeiro chefe de poder em um governo representativo, em um governo liberal.

O que dá força a uma politica não é a fórma que a reveste: é a ideia que a anima, o sentimento que a conforta.

O primeiro de todos os deveres de um governo é o respeito á soberania nacional, que se expande na urna e na imprensa. Sabe-se como o chefe do governo fez funcionar os alambiques eleitoraes e o que representa a maioria da camara electiva — os productos incolores d'essa estranha distillação.

No livro *Crimes Politicos*, de Luiz Proal, ha uma pagina sobre sophisticacões do suffragio.

A liberdade de imprensa, pela qual se bateram sempre os publicistas de espirito liberal, como Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Rodrigues Sampaio, Almeida Garrett, Henriques Nogueira, Latino Coelho, Antonio de Serpa, Mendes Leal, Rebello da Silva, Andrade Ferreira, Osorio de Vasconcellos, Bulhão Pato, Silva Tullio, Teixeira de Vasconcellos, Rodrigues de Freitas, Emygdio Navarro, Marianno de Carvalho, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Teixeira Bastos e outros homens de lettras e jornalistas, essa liberdade essencial está muito periclitante.

Opinião adversa ao governo constituirá um crime.
Que obtusão!

E' a orientacão politica da imposição, do mando, da ordem, que exclue a discussão, que elimina a



critica, que não admite a censura, que repelle o exame.

Ha completo antagonismo entre o governo e o povo, no apreciar e no sentir os males que acabrunham a nação.

Sabindo da ordem administrativa, que é pessima, para a ordem politica, as culpas e violencias contra as liberdades publicas são hediondas.

O governo actual é reu d'essas prepotencias; reu, cujos actos umas vezes revestem a fôrma brutal de correrias sanguinarias pelas ruas, outras vezes assumem a fôrma amena da illaqueação da boa fé politica, ao serviço de doentias ambições de mando pessoal.

Escusado é adduzir factos notorios.

A patria viva, na phrase de Michelet, amaldiçoa este governo.

III

A imprensa exerceu, desde o principio, e exerce cada dia, directa e indirectamente, uma influencia muito importante na marcha de todos os progressos politicos, scientificos, artistas, litterarios, economicos e sociaes.

Na grande massa popular, que fôrma o seu conceito social pelo que lê nos jornaes, que se educa pela sancção dos actos que vê praticar e que vê per-



doar ou punir, vão-se estratificando idéas, que se incorporam á consciencia nacional com aquella persistencia que as torna indeleveis e que lhes dão o character de transmissibilidade hereditaria na educação dos filhos, de modo a formar a psychologia do povo.

A imprensa ensina, como Hegel, o itinerario do espirito.

Sustenta ou condemna principios em nome de outros principios, ideias em nome de outras ideias.

Louva e applaude tudo quanto represente um progresso ou um beneficio publico.

A preocupação de ser util é sempre um titulo de recommendação perante os homens constituídos em sociedade.

O homem de governo, que quer impôr a sua opinião, que quer deliberar só de accordo com o que pensa, sem ouvir outras pessoas, sem saber o que deseja a opinião publica, sem indagar o que pensa o povo que dirige, é um despota, um tyranno e não um chefe de poder, em um governo representativo, em um governo de forma livre.

O despota não raciocina.

Amordaçar a imprensa é excogitar os meios de fazer o espirito humano recuar deante da grandeza da sua própria sombra, envergonhar-se dos seus triumphos e volver os olhos atraz.

Poucos homens se rão tão rombos quanto o auctor do projecto de lei contra a liberdade de pensamento.

Parece ditado pelo tyranno da Russia ou soba africano ou kant asiatico ou cacique americano.



A ignorancia, diz Scherer, é uma das condições do culto do passado.

Só um ignorante condemna a civilisação e a sciencia moderna.

O mandarinato politico, planta damninha de *nova especie*, vae abafando por toda a parte, por onde se alastra com furia, em sua expansão absorvente, todas as manifestações legitimas, nobres e vivazes da consciencia nacional e transformando pouco a pouco este glorioso paiz, digno de melhor sorte, em um vasto e melancholico deserto. onde a arvore da liberdade, crestada pelo tufão da tyrannia, definha e morre.

Maldito governo !

IV

Passou, com todos os chavelhos, a proposta de lei contra a imprensa.

O governo teve, na camara dos pares, 13 votos de maioria em 89 votantes. «Treze» — numero fatidico !

Não ha maioria numerica que resista á evidencia.

O numero é apenas a linguagem da decisão.

O que se agita e elabora é a sociedade activa inteira.

A lei humana só é fecunda quando é a paraphrase explicativa da lei natural.

Quem governa é a sociedade ; não é a maioria.



Um homem pôde ter razão contra o mundo inteiro.

A patria é de todos os cidadãos e todo o cidadão tem o direito de influir no sentido de ser bem governado.

O mandado político tem por fim o cuidar conscienciosamente do interesse nacional.

Nas leis organicas de uma nação briosa são essençiaes as garantias da liberdade individual, de cultos, de imprensa, de reunião e de petição.

O actual governo distingue-se pelos seus maus instinctos e pelas suas feias intenções.

Não se transgridem impunemente as leis da logica, do criterio historico e do bom senso.

Da sciencia politica, em sua difficilima gestão, com seus problemas economicos, administrativos e sociaes, o chefe do governo decorou apenas o brevariario dos declamadores.

O seu grupo, com os seus hystericismos desatinados, com a sua completa ignorancia da historia nacional, com a sua incapacidade pratica para resolver os problemas do paiz, com a sua fatuidade feminil, tem sido um dos maiores factores da desordem que alastra na hora presente.

O paiz precisa de ser dirigido por homens de character severo, de patriotismo provado, de intelligencia átilada e de estudos solidos.

O verbo da opinião, quando não se pôde fazer homem, faz-se féra.

A lei contra a imprensa é um anathema á Liberdade.



O edificio da Liberdade não deve tolerar nem uma só pedra das ruínas do despotismo.

Se as bayonetas armadas
Escudam a Reacção,
Soltem-se as pedras do chão
Para fazer barricadas !

E' do genial poeta Guilherme Braga, apostolo da Ideia Santa, da estrella redemptora, que fulgia na frente de Jesus, este brado sublime.



O SR. JOÃO ARROYO

Fluente, poderoso na sua maneira por que expõe as idéas, logico quando discute, violento quando ataca, fecundo nas imagens, todas ellas contendo uma idéa e indo ferir directamente o seu objectivo, ora repercutindo como um echo as opiniões que ferrem na consciencia de todos, ora, por uma serie de raciocinios, claramente expostos, que põem em relevo as elevadas qualidades do seu talento e a firmeza das suas convicções, o sr. conselheiro João Arroyo apodera-se do auditorio, enlaça-o, penetra no intimo da sua natureza, anima-o, enthusiasma-o, elucida-o, vibra-o, transubstanciando os espiritos e collocando-se em contacto directo com as aspirações e os interesses proprios do momento historico, que elle descreve e discute.

A sua palavra tem o quer que seja de scintilla electrica.

Tem o caracteristico da sua epoca em que, suprema, fulge a electricidade.



Estygmatisando o actual governo, põe em relevo os seus grandes erros e as suas incongruencias cynicas.

As organizações intellectuaes são como as physicas: nem todo o ambiente lhes serve.

Onde respira o chefe do actual governo, que é um mollusco politico, não pôde respirar um homem como o sr. João Arroyo, preparado para as grandes luctas e para as grandes victorias, segundo o ponto de vista pelo qual a sciencia estuda o homem e a sociedade.

Para cada organismo uma orbita correspondente.

Para o sr. João Franco — os centros *José Novaes e Mello e Sousa*.

Para a palavra energica e rutilante do sr. João Arroyo só uma camara como a da França.

O sr. João Franco é uma candeia murcha; o sr. João Arroyo é um pharol da intellectualidade.

O sr. João Arroyo é um d'aquelles espiritos superiores que, como luminosas meteoros, deslumbram a humanidade com o clarão do seu genio e que a impulsionam com a impetuosidade do seu esforço.

São os eleitos da Providencia.

Foi verdadeiramente monumental o discurso do sr. conselheiro João Arroyo em que demonstrou os beneficios que a imprensa tem prestado á humanidade.

Os defensores do projecto de lei contra a imprensa ficaram reduzidos ao silencio.

Só a pratica franca, decidida e sem hesitação, dos principios de liberdade e de moral na politica e na administração poderá curar os nossos males — disse o grande tribuno.



È' um programma politico.

Estadista eminente, jurisconsulto insigne, dotado de um engenho subtil e penetrante, de uma imaginação viva e assisada, de uma alma nobilissima, mestre da eloquencia parlamentar, compositor de musica admiravel, o sr. João Arroyo é o mais preclaro representante do genio portuguez na actualidade.

Ditosa patria que tál filho tem.



O GOVERNO

I

A politica é a difficil sciencia de governar os povos.

Para bem desempenhar a missão de dirigir homens livres e independentes, missão tão nobre e levantada quão melindrosa, é mister que o politico ou o estadista, observando attentamente os factos, estudando as necessidades sociaes na integra, destaque as mais imperiosas em cada momento evolutivo da vida nacional para, sem, todavia, descurar do conjuncto, satisfazel-as com firmeza, resolução e tenacidade, pouco se lhe dando que os insensatos, os criticos, os eternos descontentes do presente e presagiadores de futuras calamidades, resistam, rotineiramente, com o intuito de entorpecer a acção dos dirigentes.

Em Portugal a verdade orçamental corre parelhas com a verdade eleitoral.

Em vez de verdades, ha apenas duas mentiras, propositadamente organisadas e propositalmente mantidas.



A's classes dirigentes não convem nem a verdade dos orçamentos, nem a verdade nas eleições.

As classes dirigentes «dirigem»: as dirigidas pagam o dinheiro que lhes é extorquido sob o nome de diversos impostos, ignorando a applicação d'esse dinheiro.

A direcção da causa publica é uma coisa: o pagamento de tributos e a sua applicação são outra coisa.

Cada hora que se escôa na clepsydra da actualidade é uma esperança de menos e uma decepção de mais nos espiritos attentos aos progressos do mal que afflige este reino.

Os factos multiplicam-se, vergonhosos, hediondos, horriveis.

A obstinação e o capricho tomam assento nos conselhos de ministros.

As ideias, que a opinião publica tem como dignas de mais breve realisação, ficam de lado e para sempre esquecidas.

O chefe do governo parece aceitar a doutrina de um escriptor perigoso, para quem o unico meio de fugir ás grandes questões é não resolvel-as, lançar mão de meios termos, que a ninguem contentam e deixar que os problemas se gastem e morram á falta de razão de ser.

E' o que se vê praticado actualmente. Nenhuma tentativa, nenhum projecto sério da parte do governo para satisfazer os mais fundos anhelos da sociedade e as mais altas aspirações do espirito nacional!

E' manifesta a pertinacia em affrontar a civilisação e o progresso.

As questões que nos acercam são de immenso



alcance e, como taes demandam estudo e meditação de que não são capazes os homunculos de estado, que constituem o actual ministerio!

Grande Deus! Quando acabará isto?

II

Seria um trabalho bem curioso para a nossa historia politica o resumo de tudo que n'estes ultimos tempos a indignação tem feito brotar dos espiritos feridos pelo espectaculo de um governo irritante.

Vêr-se-hia que não é a franqueza nem a coragem que tem faltado aos órgãos do clamor publico.

Pelo contrario, nunca entre nós a linguagem livre se prestou com mais vigor a fulminar de alto a baixo o despotismo mal disfarçado do governo.

Na marcha do ministerio, que se diz regenerador-liberal, nota-se uma certa manqueira: o seu apoio é a muleta do sr. José Luciano de Castro.

E terá o calcanhar mordido por algum dente aguçado e venenoso...

Um dos mais tristes espectaculos que se possa dar em face da historia é a obstinação com que o orgulho e a fatuidade humana querem, ás vezes, rebellarse contra a ordem providencial dos acontecimentos.

Na ignorancia inconsciente das leis, que dirigem a humanidade, tão reaes e tão firmes como as que



dirigem o mundo physico e material, e na apparencia de liberdade com que se movem os grandes corpos sociaes, assenta a convicção de certos homens, que julgam possivel prolongar-se indefinidamente a duração de uma epoca e obstruir a passagem das idéas *perigosas*.

Quando uma idéa chega ao ultimo periodo de gestação no espirito, já não é facil o emprego de meios para a destruir, porque o susto e a violencia não fazem mais do que acelerar-lhe o nascimento.

Ha gente que descança na crença de que o povo portuguez só é apto para o regimen monarchico.

E' facil descobrir que ha n'isto uma illusão devida ao poder do habito.

O espirito superior do povo atira-se em busca de nova fôrma de vida, pela necessidade absoluta de uma regeneração social.

Desgostoso do presente, volve-se de todo para o futuro e aspira, com toda a alma, que é boa e generosa, a ser governado por homens competentes, distinctos, capazes de ousar, como Pombal e Mousinho da Silveira.

Por maior que seja actualmente a grita dos áulicos, distingue-se alguma coisa de animador, que se approxima de nós para salvar-nos—a Liberdade.

Todos aquelles que erguem a voz para condemnar, em nome da consciencia nacional, os erros e desatinos de que somos victimas, devem apresentar-se lavados nas aguas lustraes de honrosos precedentes, devem trajar a toga romana da abnegação e do patriotismo.

Muitas vezes de um pegreiro rude e ignorante



Deus poude fazer um propheta energico e sublime.

Aqui, n'este mundo em que vivemos, de um aulico, de um palaciano, jámais se fará um reformador sincero.

A patria é de todos os cidadãos, e todo o cidadão tem o direito de influir no sentido de ser bem governado.

E' immoralidade reunirem-se individuos de credos diversos com o fim de conquistarem o poder, repartindo depois, como coisa vil, o objecto da cubiçada victoria.

Em regra, são immoraes as colligações; mas o que é peor é que ellas são negativas no governo e, per isso, funestas.

O povo é a fonte do poder.

Dizem que cada povo tem o governo que merece.

O conceito é falso.

O povo portuguez não merece o actual governo e considera-se preso de tyrannia cruel.

E' um governo que realisa o inverso do preceito de Horacio: junta o inutil ao desagradavel.

No reinado do regio sicario D. João III o sr. João Franco seria Inquisidor-Mór de Portugal.



A MULHER

«La femme est une religion» — diz Michelet.

A mulher é o symbolo da belleza moral e physica — diz Théophile Gautier.

«La femme est le vrai médecin» — diz o medico francez Sénancourt.

A mulher é a obra prima da creação.

O sr. Simão de Laboreiro não quer que a mulher cultive a litteratura, porque a sua missão é de ser mãe, esposa, filha e irmã.

Michelet pensa diversamente.

No seu livro «La Femme» ha um capitulo intitulado «La femme lettrée».

A missão da mulher não se restringe á familia ; é tambem social : «l'âge émancipe la femme et lui permet un ministère de bonté et de sociabilité. Elle met dans les salons la vraie liberté, fait valoir tout le monde, protège les timides.»

Se a mulher não póde ser escriptora, tambem não póde ser actriz, cantora, pintora, professora, medica.



E' a conclusão do mal fundado artigo do sr. Simão de Laboreiro. Deus nos livre da «bas bleu» e da «femme savante», assim como dos maus escriptores machos.

A França ufana-se de ser a patria da marquezia de Sévigné, de Aurore Dupin (George Sand), de madame de Staël e de Louise Ackermann -- grandes escriptoras.

A poetisa portugueza D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que compoz as «Soledades do Bussaco», que encerram versos elegantes e harmoniosos, e a «Hespanha libertada», poema em oitavas, mereceu os encomios dos criticos, entre os quaes figura o grande auctor dramatico hespanhol Lope de Vega.

Soror Violante do Céu, dominicana, possuia faculdades de verdadeira poetisa, e foi um vulto distincto nas letras.

Uma das obras mais bellas, mais originaes e mais verdadeiras da litteratura portugueza do seculo xviii deve-se a uma recolhida do convento de Beja, Marianna Alcoforado: «Cartas da religiosa portugueza,»

Estas cartas, dirigidas ao official francez conde de Chamilly, são a voz indignada da mulher pura, ingenua e de boa fé, censurando o homem vil, que, com o mais revoltante cynismo, a escarneceu e repudiou!

Marianna Alcoforado lembra-lhe as falsas promessas com que a illudiu, os juramentos hypocritas com que a ludibriou, e termina por lhe votar completo desprezo, procurando esquecel-o inteiramente.

Ha traducções, em todas as linguas, das cinco primorosas cartas da religiosa portugueza.

D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Len-



castre, marquezia de Alorna e condessa de Assumar e de Oeyhaussen, é uma brilhante personificação do talento feminino portuguez. No mundo poetico era conhecida pelo nome de «Alcippe.»

Ha verdadeira inspiração e belleza de forma nas suas poesias soltas e no poema «Recreações botanicas»; e são magnificas as traducções da «Arte poetica», de Horacio, do «Rapto de Proserpina», de Claudiano, do «Ensaio critico», de Pope e dos «Psalms», de David.

D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre fez versos admiraveis.

O livro «Luz coada por ferros», de D. Anna Placido (viscondessa de Corrêa Botelho) tem alma e talento: encanta e commove.

E' cheio de celeste doçura o excellent livro da sr.^a marquezia de Pomares «Os pobres e os ricos.»

A sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que é o typo que retrata a mulher d'este seculo, conquistou o publico de Portugal e do Brazil e vive do fructo do seu fecundo e elevadissimo espirito.

Este merito é muito grande, litterariamente, em Portugal.

«Caêl» e «Modesta» teem direito a elogios, pelos seus trabalhos litterarios, em prosa e em verso.

São deliciosas as poesias da sr.^a D. Aurora Beatriz Dias Freitas, filha do finado escriptor Dias Freitas, o grande poeta das «Inspirações do Vizella» e da «Grinalda christã».

Esriptores e poetisas brasileiras, que teem scintellas de suave sentimento e superior e bem trabalhada expressão: Narcisa Amalia, Julia Lopes, Au-



rea Pires, Ibrantina Cardona, Presciliana Duarte de Almeida, Zalina Rolim, Francisca Julia da Silva, Laura Lopes Figueiredo, Josephina Sarmiento Barbosa, Edwiges de Sá Pereira, Rosalia Sandoval, Andralina de Oliveira, Olga de Suckow. Narcisa Amalia, que tem genio poetico, tem as honras de princeza na litteratura brasileira.

A escriptora não é uma inutilidade litteraria nem um erro social.

Leia Michelet, sr. Laboreiro!

Já Julio Cesar Machado, espirito scintillante, dizia — «que estamos n'um paiz em que a primeira coisa que uma senhora de talento tem que fazer-se perdoar, é o seu talento mesmo.

«E' tão commodo dispensar-se uma pessoa de ter espirito, que os semsaborões nacionaes formaram uma seita para castigar os que o teem.»

Ponha a carapuça, Simão de Nantua!



EDUARDO PRADO

O Brazil possui um grupo de homens notaveis, ainda não adiantados em annos, que o honram verdadeiramente e que honrariam, pela sua cultura intellectual, pela sua educação, pelos seus sentimentos, pelos seus ideaes e pela sua distincção moral e physica, a mais apurada e brilhante civilisação.

Eduardo Prado, que, ha dias, se finou na cidade de S. Paulo, estupidamente victimado pela febre amarella (que suppomos ter contrahido no Rio de Janeiro, onde fôra para tomar assento no Instituto Historio e Geographico, elevada corporação scientifica, que o elegera seu membro effectivo) era uma das individualidades mais interessantes, mais completas, mais attrahentes e mais accentuadas d'esse grupo de brazileiros egregios, que tão alto e tão bem falam da sua patria e tanto a recommendam á sympathy universal.

Logo depois de fazer airoosamente o seu direito na Faculdade de S. Paulo — um estabelecimento de ex-



cellentes credits e soberbas tradições —, Eduardo Prado, que pertencia a uma familia abastada e illustre, viajou muito, perlustrou a America, veiu á Europa, foi ao Oriente, deu a volta ao mundo.

Intelligentissimo, perspicaz, observador, estudioso, cheio de curiosidade — a nobre curiosidade dos espiritos superiores —, adquiriu n'essas demoradas viagens uma instrucção muito variada, que mais tarde reforçou e completou nas bibliothecas e archivos de Londres, de Paris, da Italia, da Allemanha e de Portugal.

Era, por ultimo, um erudito, mais do que um erudito — um verdadeiro sabio. Assim o consideravam Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que o prezavam cordealmente pelas suas qualidades primorosas, pela sua bondade angelical, pelo encanto das suas maneiras, pela nobreza do seu character, e que o respeitavam sinceramente pelo seu profundo e extraordinario saber.

Philosophia, historia, litteratura, arte — elle entendia de tudo, e em tudo manifestava conhecimentos especiaes.

Constituiria uma bibliotheca, que não valia só pelas preciosidades bibliographicas que continha, mas principalmente pela orientação que presidira á escolha dos livros que a compunham. Era a bibliotheca do homem moderno, sem lhe faltar uma obra, e era ao mesmo tempo a bibliotheca de um brasileiro amante da sua terra: alli havia tudo quanto se tem publicado ácerca do Brazil e mesmo alguma coisa que nunca se publicou:



Cumpre dizer que Eduardo Prado, que viajára muito, que estivera alguns annos na diplomacia, que, emfim, passára uma boa parte da sua existencia — infelizmente tão curta — fóra do Brazil, era, todavia, um patriota ardente, um entusiasta sincero do seu paiz. Não o amaria mais, se nunca de lá tivesse sahido. Eça de Queiroz, que foi intimo de Eduardo Prado, assignalou isso n'um gracioso artigo em que lhe desenhou o perfil.

As obras que Eduardo Prado deixa impressas teem muito valor, porém não patenteiam toda a vasta erudição, todo o merecimento que o auctor possuia. São obras da mocidade, umas, como os seus livros de viagens, e outras são obras de combate, como os *Factos da dictadura militar*, um pamphleto terrivel e cheio de ironias perfurantes; o volume intitulado *A Illusão americana*, protesto vigoroso e eloquente contra a idéa, que vogou por algum tempo, de enfeudar o Brazil aos Estados-Unidos, que outra coisa não seria a imaginária confraternisação das duas republicas; a conferencia sobre o padre Anchieta, em que se faz a apologia dos jesuitas, pelos reaes serviços que prestaram á colonisação e á civilisação do Brazil, etc.

Onde todo o seu valor, todo o seu saber, toda a sua capacidade se ia pôr em plena evidencia era n'uma obra, para a qual, de ha muito, reunia materiaes, um estudo sobre o padre Manuel de Moraes, jesuita portuguez, nascido em S. Paulo. Este homem, que figurou nas luctas de Pernambuco, entre portuguezes e hollandezes, foi perseguido pela Inquisição, processado e condemnado á morte pelo fogo, pena



substituída pela do garrote. Eduardo Prado tinha obtido na Italia varios documentos relativos a este padre e descobrira na nossa Torre do Tombo o processo a que elle foi submettido, processo que mandára copiar. Além d'estes, possuia outros documentos alcançados aqui e no Brazil, de modo que o trabalho que projectava, e que não sabemos se principiou a escrever, devia ser muito curioso, muito completo e muito importante, especialmente como apresentação da epocha.

Era agora que Eduardo Prado podia começar, e provavelmente começaria, a produzir obras de tomo; era agora que o seu talento e a sua sciencia se iam afirmar solemnemente, poderosamente; era agora, que elle prestaria ao seu querido Brazil os serviços que tanto desejava prestar-lhe...

Maldita febre amarella! Implacavel enfermidade! Diz-se ha muito que o Brazil não tem peor inimigo — e é bem certo.

A morte de Eduardo Prado, tão moço ainda, tão talentoso, tão illustrado, tão distincto, tão cheio de bondade, tão digno, tão patriota, constitue, por si só, uma calamidade para o Brazil.

Não é, porém, só o Brazil que a sente: sente-a tambem Portugal, que correspondia ao amor que Eduardo Prado, como bom brasileiro, lhe consagrava, tendo com elle as maximas deferencias e rendendo-lhe as mais elevadas homenagens.

Eduardo Prado era socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e tinha a commenda da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico.



El-Rei recebia-o com sympathia e carinho e os nossos primeiros homens de letras honravam-se de o ter por confrade e de lhe chamar amigo.

E' que, sobre todos os seus outros dotes, *il avait quelque chose qui ne court pas les rues: un caractère.* Ramalho Ortigão, o critico eminente, o estylista incomparavel, ao mostrar-nos o telegramma que recebera, noticiando a morte de Eduardo Prado, tinha os olhos marejados de lagrimas.

1901.



ANTONIO PEDRO

A grande Ristori, nas suas interessantes *Memo-
rias*, condemna os conservatorios e escolas de de-
clamação, argumentando com o que se passa em
França e com os exemplos que a Inglaterra offerece,
em favor da sua opinião.

A respeito da França escreve :

«Na scena franceza vê-se todo e qualquer es-
treiante fazer uma declaração de amor com os mes-
mos gestos uniformes e o mesmo tremor monotono
na voz e nas mãos. Abdica completamente das sug-
gestões do seu temperamento individual. A mesma
observação se applica ás ingenuas. Não podem dif-
ferençar-se umas das outras. São todas parallela-
mente modestas, sensiveis e ternas como cordeiros.
Confesso que me irrita essa monotonia.»

Isto é bastante exaggerado. O que é certo é que



o mestre quasi sempre transmite ao discipulo, com as suas boas qualidades, os seus defeitos.

Da Inglaterra diz :

«Desde o seculo xvi até hoje, nunca houve n'este paiz academias nem escolas de declamação. E, não obstante, que multidão de celebridades dramaticas não tem produzido, fazendo a admiração e a cobiça em todas as outras nações! Os primeiros actores inglezes foram unicamente inspirados pelo genio de Shakspeare. Foi o genio d'este que formou Garrick, Kean, Mrs. Siddons. E estes comediantes deixaram não só verdadeiros modelos, mas tambem regras para estudar e interpretar os papeis, regras que ainda estão em vigor.»

Para a insigne tragica são os dotes naturaes e a pratica do palco que formam o actor.

Isto é contestavel, porque não faltam raciocinios e factos a contrapôr a esta theoria, bastando citar as grandes figuras modernas do theatro francez, sahidas todas do Conservatorio de Paris, como Delaunay, Got, Févbre, Coquelin, Mounet-Sully, Sarah Bernhardt, Reichemberg, Bartet, Réjane, para não falar senão das celebridades universaes.

Não se attinge a correcção suprema que estes artistas alcançaram em muitos dos seus trabalhos sem uma aprendizagem scientifica e methodica.

Os proprios genios, quando não disciplinados, não conseguem ter egualdade no modo de representar.

Foi esse o unico defeito do maior actor que Por-



tugal tem produzido: o inolvidavel, o colossal, o estupendo Antonio Pedro.

Antonio Pedro nunca se preparou para ser actor, nunca estudou as leis estabelecidas nos codigos theatraes, nunca se impressionou com as regras da Arte e, todavia, possuiu uma individualidade perfeitamente accentuada, que transmittia com uma fidelidade admiravel todas as impressões recebidas da natureza externa como todos os sentimentos originarios do coração.

Isto é um facto, mas constitue uma excepção só concedida aos genios e por isso não pôde servir de base ás doutrinas da Ristori. A escola é indispensavel, pelo menos para aprender a estudar, e Antonio Pedro, porque não a teve, foi ás vezes imperfeito, especialmente na dicção. Isto não diminúe o seu valor, mas demonstra que são necessarios para todos os cursos regulares de arte dramatica.

Com a instrucção de Emanuel, com os conhecimentos praticos de Got, com o dizer crystallino de Coquelin, o nosso grande actor teria assombrado o mundo.

Ainda assim fez uma serie de creações de primeira ordem: o *Fala-só*, do *Saltinhanco*, o *De-Profundis*, do *Sargento-mór de Villar*, o *Paralytico*, o *De Veaucourtois*, dos *Solteirões*, o camponio do *Drama do Povo*, o *Orgon*, do *Tartufo*, o judeu d'O *Juiz*, o coveiro do *Hamlet*, o moleiro do *Pedro Rui-vo*, o *Pétillon*, do *Bébé*, embora errasse a interpretação d'essa personagem, o *Pedro*, das *Duas Orphãs*, o *Alto Vareta*, o *Telmo*, do *Frei Luiz de Sousa*, etc., etc.



Antonio Pedro conseguiu encarnar-se em cada um d'esses papeis, sem que nenhum d'elles fizesse lembrar o outro.

No *Saltimbanco* imprimiu á personagem do *Fala-só* uma unidade que ella não tinha na peça, melhorando a concepção do auctor.

Conta-se que Antonio Pedro costumava dizer, em linguagem plebéa — *Calhou assim!* — quando o interrogavam sobre os processos que empregára para realisar um trabalho, que a todos inaravilhára.

Elle, realmente, exprimia-se d'essa maneira, mas as suas palavras não correspondiam á verdade.

O *Fala-só* foi estudado em uma barraca de feira. O *De-Profundis* em um hospital de alienados.

E todas ou quasi todas as outras figuras, que representou, copiou-as da natureza.

E foi a natureza que lhe deu a corôa — como aos reis.



DR. FERREIRA D'ARAÚJO

O director da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, o «Araujo da *Gazeta*», como todos lhe chamavam, era o typo do jornalista, no preciso e justo sentido d'esta palavra; escriptor que faz um jornal.

Escrevia o artigo politico, ora doutrinario ora humoristico, a chronica litteraria, a apreciação de uma obra de arte, a noticia de um caso sensacional, o conto, a anedota, a critica de uma *première*, o *suelto* — emfim, tudo quanto é preciso para um jornal bem feito, um jornal variado, leve e attrahente. E escrevia tudo *currente calamo*, com elegancia, com distincção, com superioridade, deixando transparecer sempre o seu forte temperamento artistico.

Elle só, em caso de apuro, preencheria todas as secções da sua *Gazeta*, que era o mais agradavel e interessante dos jornaes brazileiros.

Não é jornalista quem não possúa esta malleabilidade de talento e esta variedade de aptidões, quem



não saiba discorrer prompta e acertadamente *de omni re scibili et quibusdam aliis*.

Foi por possuir no maximo grau estes raros e preciosos dons que E. de Girardin se avantajou a todos os jornalistas do seu tempo — e havia-os então notabilissimos.

O dr. Ferreira de Araujo era um jornalista á Girardin, como em Portugal Teixeira de Vasconcellos, Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro, Antonio Ennes, José de Alpoim, Urbano de Castro, Bruno e Pinheiro Chagas.

Pinheiro Chagas, depois de um artigo de fundo tão eloquente como energico, fazia, com igual facilidade e com todo o sabor das revistas especiaes, uma chronica de modas, que subscrevia com um nome feminino. E nem o espirito mais perspicaz duvidava de que fosse escripta por uma mulher!

Assim, o dr. Ferreira de Araujo, a seguir a um artigo politico, cheio de bom senso e de sãos principios, escrevia uma d'aquellas hilariantes *balas d'estalo*, que tanto contribuíram para o *successo* da *Gazeta de Noticias*.

E' brilhantissimo o hodierno jornalismo brasileiro, nem podia deixar de ser muito luzente uma imprensa que tem ao seu serviço as pennas diamantinas de Ruy Barbosa, José Carlos Rodrigues, Olavo Bilac, Julio de Mesquita, Eduardo Salainonde, José Verissimo, Arthur Azevedo, Affonso Celso, Medeiros e Albuquerque, Alcindo Guanabara, Henrique de Barcellos, e tantos outros escriptores de raça; mas a falta do dr. Ferreira de Araujo, que tinha uma in-



dividualidade tão accentuada, ha de sentir-se por largo tempo.

Elle era, de todos, o jornalista mais completo.

O dr. Ferreira de Araujo, que entrou em todas as grandes peijas da sua epoca, bateu-se sempre e sempre galhardamente pelos mais nobres ideaes. Nunca se sujeitou a peias partidarias, nunca pertenceu a agremiações politicas. Assim, pois, nunca teve de consultar outros interesses que não fossem os grandes interesses do Brazil. D'ahi a sua superioridade moral.

*

Como particular, o dr. Ferreira de Araujo era um d'aquelles homens que não podem ter inimigos.

Desaffectado, simples, jovial, generoso, muito honesto, bondosissimo, conciliava admiravelmente a bonhomia de character com a delicadeza das maneiras.

Filho de portuguezes, o dr. Araujo consagrava um culto sincero á memoria de seus paes, manifestado não só na intimidade pelo respeito ás tradições familiares, mas tambem na imprensa, pela sympathia com que se referia á nossa terra e pela deferencia affectuosa com que sempre tratava os nossos compatriotas domiciliados no Brazil.

Não poucos serviços nos prestou — serviços que o governo portuguez procurou galardoar, conferindo ao eminente jornalista brasileiro o collar da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago.



CASI

(POEMETOS EM PROSA)

I

Mais suave que o primeiro rubor das primeiras flôres da primavera ; mais leve que o derradeiro flocco de neve, quando tem nevado por longas horas ; mais subtil que a ultima nuvem — ligeiro farrapo de gaze — que foge deante do sol radioso, o Amor visitou-me e eu não pude vel-o !

Eu tinha adormecido, mas reconheci perfeitamente a sua caricia inconfundivel e senti que elle fez grandes esforços por me reanimar o coração, enchendo-o de sonhos.

Eu tinha adormecido, não pude vel-o, mas, quando despertei, ouvi uma deliciosa canção longiqua, que se perdia no horisonte calmo, parecendo dominal-o completamente. . .

D'ahi a pouco, encontrava-te, Casi !



II

Bem hajas, Casi!

Depois que, como uma aurora estival, a luz dos teus olhos incomparaveis dissipou as trevas da minh'alma, o meu coração — que é teu, deslumbrante Casi! — anda estonteado como o vôo primaveril das andorinhas e alegre como o primeiro murmurio da nascente, quando a agua cahe sobre viçosa relva e ahi se torna regato ou como o ultimo raio da estrella, que, empallidecendo, se sente feliz por ter visto o sol que surge...

Depois que — altivo como um rei — trouxe ao peito aquella formosa camelia, que tem o teu nome dulcissimo e que tu propria colheste com as tuas mãos setinosas de archi-duqueza, este meu pobre coração — que é teu, encantadora Casi! — faz lembrar a rútila e sonora armadura, que o guerreiro triumphante fere com a ponta de lança para se recordar da batalha...

Depois que o teu sorriso ideal, ó ideal Casi! me chamou á Vida e ao Amor, no meu — outr'ora empedrenido — coração ha mais vida e mais amor que em todos os berços onde o futuro palpita e em todos os braços maternas que embalam seraphins...

Bem hajas, Casi!

III

O' lua, não derrames sobre mim a tua dôce cláridade argentea! ó estrellas, occultae-vos aos meus olhos fascinados pelos olhos de Casi! ó sol, eu não



reconheço á tua magestade: afasta de mim os teus raios!

Quero a sombra, quero a treva, para que se ignore quem sou, para que o universo inteiro tenha pavor de mim, para que ninguem me possa vêr nem perturbar.

Quero a sombra, quero a treva, para contemplar infinita e tranquillamente, n'um extasis profundo, a obra prima de Deus — a minha adorada Casi!

Quero a sombra, quero a trêva, para — possuido do mesmo respeito d'Arte com que Miguel Angelo beijava em *Santa Maria Novella* os frescos de Fiesole e Paulo Ocello — beijar idealmente a deslumbrante e ideal Casi!

Sol! lua! estrellas! não vos quero vêr! não preciso de vós! Basta-me a luz do amor!

Ella que me illumine, que me guie, que me eleve ao céu ou que me precipite no abysmo...

IV

O teu sorriso celestial foi a gotta de mel cahida no meu calix de amarguras...

*

Se os olhos são d'alma o reflexo, Casi, minha doce Casi, mira os meus olhos e lê n'elles a paixão que me abraza.

Quizera ser a noite escura para me converter em dia luminoso á força de te amar.

Quizera ser eterno para morrer, cada tarde, do teu amor e d'elle renascer cada manhã.



Quizera ser o Nada para me tornar um mundo,
pelo poder irresistível d'este amor.

Quizera ser a campa que me destinam para que
visses como brotavam flôres das minhas cinzas, fe-
cundas na sua frigidez, por causa do amor que me
inspiraste.

*

O teu sorriso cejestial foi a gotta de mel cahida
no meu calix de amarguras...

V

Quem foi que andou a espargir rosas pelo céu
ennublado e pelo mar tenebroso — tantas rosas que
céo e mar parecem jardins infinitos?

E' por ventura, ó minha amada, a doçura do teu
sorriso que se reflecte na immensidade melancholica
e lhe dá esse aspecto maravilhoso?

Foi o meu coração que, não podendo conter o in-
tenso jubilo de te amar, estourou, enchendo de rosas
os espaços ameaçadores?

Não sei, não sei...

Sei tão sómente que aos meus olhos, fascinados
pelos teus, se affiguram jardins infinitos o mar tene-
broso e o céu ennublado.

VI

Que magia a dos teus olhos, Casi!

O meu coração morrera e transformára-se, sob
as magoas, em pedra rija, como, sob as lavas do



Vesuvio, os desgraçados que não puderam fugir de Pompeia.

Eu quiz dal-o ás aguias famintas e as aguias repelliram-n'ò.

Eu arremessei-o ao mar, o grande esfomeado, e o mar devolveu-m'ò.

Eu offereci-o á cova, á cova insaciavel, que tudo devora, e a cova restituiu-m'ò.

Vivia eu assim, com um cadaver dentro do peito, quando te encontrei.

Olhaste-me— e foi como se as estrellas do céo, uma a uma, cahissem sobre o pobre morto para re-animal-o.

Que magia a dos teus olhos, Casi !

VII

Escuta, minha querida, a estranha historia :

Cançados de dormir por muitos seculos, os tumulos despertaram e disseram ao somno :

— Não te queremos mais ; vai-te, deixa-nos !

E o somno, assim brusca e imperiosamente repellido, abandonou os tumulos.

Rompia a madrugada, ouvia-se já o chilrear das aves e eu revolvia-me ainda no meu leito, sem con-



seguir adormecer, sem que me fosse dado afastar de mim a tua imagem. E como que sentia nos labios a doçura ineffavel dos teus beijos e no rosto a caricia avelludada do teu cabello.

Bateram á porta.

— Os tumulos expulsaram-me. Venho pedir-te guarida e offerecer-te repouso, a ti, que queres dormir e não podes — disse-me o somno.

E eu, extenuado, disse ao somno :

— Volta para os tumulos.

VIII

Dizem-me que te esqueça, Casi...

Esquecer-te?!

Mas esquecer, quando se ama, é porventura possível?

Póde esquecer a memoria; póde esquecer a honra que uma vez foi ferida: o coração não póde.

Eu li ou sonhei que existe uma grande floresta — vizinha do mar e que o mar envolve n'um murmurio delicioso — uma floresta onde, sob as arvores seculares, se amontôa o pó dos corações, que são lançados alli para que obtenham o repouso absoluto, esquecendo-se completamente. Muitos d'esses corações, que nem a cova poude tranquillisar e que foram tirados da cova e lançados á floresta para alcançarem a paz pelo esquecimento, muitos d'esses corações estão lá desde as primeiras edades.

A floresta, de longe em longe, pergunta: — Ainda não?



E o pó dos corações responde: — Nunca!

Esquecer-te?!

Mas esquecer, quando se ama, é o impossivel.

1893.



UM GRANDE AMIGO DE PORTUGAL

O DR. ASSIS BRAZIL

I

São muito pouco vulgares, constituem, infelizmente, diminuta excepção na familia humana, as pessoas que reúnem as faculdades e as virtudes, que possui o illustre cidadão brasileiro dr. Assis Brazil.

Homens de talento ha-os em toda a parte; homens de talento e de character não são communs, mas encontram-se, para honra da humanidade, sem ser preciso procural-os com uma lanterna, á guisa do philosopho grego; mas homens de talento, de character e de coração, organizações assim completas, assim equilibradas, assim perfectas; personalidades tão privilegiadas, tão dignas de apreço e respeito pelos altos dotes intellectuaes como pela pureza e excellencia das qualidades moraes, existem, não ha duvida, porém são mais raras do que as esmeraldas sem jaça ou do que as auroras boreaes n'estes nossos climas.

O sr. dr. Assis Brazil pertence a esta selecção.

Nascido em 1857 na pequena cidade de S. Gabriel,



então provincia e hoje Estado do Rio Grande do Sul, ahi fez os seus primeiros estudos e os seus primeiros versos.

Versos balbuciei co'a voz da infancia

podia Assis Brazil dizer, como Bocage.

Não obstante o valioso concurso que prestava á administração da casa de seus honrados paes, chegando a fazer serviços e a cuidar de negocios proprios de pessoa de grande tino e larga experiencia, Joaquim Assis, que não passava de uma creança, alcançou a breve trecho a mais elevada classificação entre os seus condiscipulos.

A' vista de taes provas de intelligencia e de amor ao estudo, resolveu a familia mandal-o para Porto Alegre, a cõpital da provincia, onde havia um curso de instrucção secundaria.

Ali mais se accentuaram as manifestações da sua superioridade intellectual.

Feito, com brilhantismo, o primeiro exame, teve de interromper os estudos para não aggravar com as suas despesas a situação um tanto difficil de familia, cujo chefe — um homem exemplarissimo — se finára.

Ao cabo de um anno, voltou para Porto Alegre, concluindo rapidamente os preparatorios.

De uma assentada, fez dez exames, sendo plenamente approvado em todos. O caso, que nunca se déra, e que nunca mais se repetiu, causou, naturalmente, grande admiração.

O nome do estudante andou de bocca em bocca proferido com enthusiasmo.

Em 1878, Joaquim Francisco de Assis Brazil matriculava-se na faculdade de direito, de S. Paulo, um estabelecimento de honrosas e brilhantes tradições.

N'esse tempo, havia em S. Paulo, seguindo o curso de sciencias juridicas e sociaes, uma inçlyta pleiade de rapazes, que figuram com realce na politica, na litteratura e na diplomacia.

Eram elles: Theophilo Dias, o poeta primoroso, o artista impecavel das «Fanfarras» e da «Comedia dos deuses» — um poema inspirado no «Ashavérus» de Edgar Quinet, que Pinheiro Chagas prefaciou brilhantemente, manifestando verdadeira admiração pelas bellezas do trabalho; Raymundo Correia, cujos sonetos são tão perfeitos como os de J. M. de Heredia; Silva Jardim, o irado e tonitruante orador, cuja morte tragica, no Vesuvio, commoveu, ha annos, o mundo inteiro; Fontoura Xavier, cujas admiraveis composições poeticas são gritos de dôr e brados de revolta; Valentim Magalhães, um talento muito doçil, que se revelou em todos os ramos da litteratura; Affonso Celso, a quem chamavam a «creança sublime»; Ezequiel Freire, um lyrico delicioso e genuinamente brasileiro; Augusto de Lima, um poeta de raça e um pensador insigne; Luiz Murat, imaginação fecunda, envergadura para os mais altos vôos; Alberto Fialho, escrevendo e fallando correctamente, e recebendo com suprema delicadeza na sua «republica», como actualmente recebe na legação brazileira de Lisboa; Raul Pompeia, o auctor das «Canções sem metro» e de «O Atheneu», um romance á Sthendal; Rodrigo Octavio, Coelho Netto, Pedro Lessa, Julio de Mesquita, Herculano de Freitas, Vicente de Car-



valho, Fernando Mendes de Almeida, Wenceslau de Queiroz e outros tambem notaveis.

Assis Brazil evidenciou-se immediatamente.

O seu primeiro artigo revelou um polemista; os seus primeiros versos deram-lhe fôros de artista; o seu primeiro discurso apresentou-o tribuno.

Fundando, com dois academicos, seus comprouvianos, a revista «A Evolução», soube dar-lhe importancia politica e litteraria, como ainda não tivera, e depois não teve nenhum periodico dirigido por estudantes.

Ahi publicou Assis Brazil muitos artigos sociaes e politicos e diversos trabalhos poeticos, entre os quaes algumas traducções primorosas dos «Poèmes barbares» e dos «Poèmes antiques», de Leconte de Lisle, o seu poeta predilecto até hoje.

Para a commemoração do tricentenario de Camões, Assis Brazil compôz estas magnificas estrophes :

O MONSTRO

No tormentoso cabo, ultima raia
Imposta á carga do membrudo Atlante,
Lá onde o salso gado em suja praia
Muge feroz, rebenta estrepitante,
Perdida, remotissima atalaia,
Erecta ao Austro incognito e distante,
Dorme converso em dura penedia
O que o céu combater ousara um dia.



Mas, de opprobrio e vergonha carregado,
Seu genio bellacissimo e maldoso
Conserva aquelle páramo vedado
A todo esforço humano astucioso,
E tem por firme que jámais arado
Será de ousado lenho o mar undoso,
Por onde o cerca a imagem fugitiva
D'aquella que lhe fôra sempre esquivã.

Quando seu vulto feio, o mar rompendo,
Affronta as naus que vão, pela agua fria
Prodigios nunca vistos commettendo,
Buscar as terras onde nasce o dia,
Rebenta o mar em flor n'um coro horrendo,
Um temor grande as carnes arrepia,
Luz o fuzil, os raios estourando
Vão pelos ares longos reboando.

Houve, porém, um monstro mais ingente,
Que mais saiu das regras da natura:
Foi esse cuja força omnipotente
Do passado rasgou a noite escura;
E, por ser-lhe seu tempo insufficiente,
Inda atravez dos seculos perdura,
Muito maior que Adamastor titaneo,
Pois o poude crear dentro do craneo.

Epico!

Após alguns annos de ausencia, Carlos Gomes, o genial compositor do «Guarany» e de outras operas notaveis, faz uma visita á patria, que o acolhe como filho dilecto e glorioso.



Em S. Paulo, é Assis Brazil quem o saúda :

Carlos, ha muito já que o sceptro e a corôa
Vão rolando no pó quebrados e vencidos ;
Emquanto que um tufão de imprecações revôa
Sobre o cadaver nú dos Cesares bandidos !

O seculo rebelde, o seculo pujante,
Arrazou d'este mundo as cruas asperezas,
E suspendeu do lodo o povo agonisante,
E arremessou no abysmo as torpes realezas.

Mas no campo deserto, onde o tufão raivoso
As aras derribou da antiga divindade,
— Sobre um throno mais alto, e bello, e esplendoroso,
Impera um novo rei, de augusta magestade !

Esse rei é o Genio e o Genio és tu, que abrazas,
O cerebro febril nas tradicções da historia,
E bates, sobranceiro, as espalmadas azas,
Fito o profundo olhar no pantheon da gloria.

Tu vaes desenterrar as broncas harmonias
E da taba sepulta as formidaveis festas,
E, calado, escutar nas solidões sombrias
O solemne rumor das murmuradas florestas.

Tu sabes enfeixar n'um prodigio sonoro
O riso mais gentil e os gritos mais profundos :
O trino festival do sabiá canoro
E o rugido feroz dos tigres furibundos.

Ouvindo-te o fragor do férvido alaúde,
A terra do teu berço, esse gigante adusto,
Sente bater talvez, estrepitante e rude,
No peito de granito o coração robusto.



Não é só pela imaginação e pelo sentimento que as poesias de Assis Brazil se admiram; é também pela idéa, pelo pensamento e pelo grande vigor e extrema correcção da fôrma.

Theophilo Dias, que era um mestre da arte de compôr versos, tinha Assis Brazil em grande conta como poeta, fallando sempre com muito encomio dos seus dotes artisticos.

Um livro, obra de real valor, que depois foi reeditado em grande escala, consagrou e dilatou os creditos de Assis Brazil, que, estudante ainda, se viu considerado vulto politico e director espiritual do partido republicano. Esse livro foi «A Republica Federal», trabalho lucidissimo, que impressionou, pelo são criterio, pelo rigor da logica, pela exactidão das observações e pela serenidade da exposição, os homens mais ligados ao regimen que então vigorava.

Assis Brazil, firmemente convicto, procurava demonstrar que a federação era essencial para o desenvolvimento da sua patria; que um paiz extenso como o Brazil não podia prosperar e engrandecer-se sem que as provincias, que o constituíam, se tornassem estados autonomos, ligados apenas por interesses communs; que a federação era incompativel com a monarchia e que «por isso» a transformação politica se impunha.

Assim, o republicanismo de Assis Brazil não era o sarampo politico de que falla o sub-prefeito da comedia de Pailleron, nem derivava de espirito jacobino: era o resultado de uma comprehensão elevada e exacta da conveniencia e interesses do paiz.



II

Um anno depois da «Republica Federal», que foi uma das mais poderosas armas de propaganda em prol da liberdade politica e administrativa e portanto a centralisação monarchica, Assis Brazil publicou outro livro — «Historia da republica-grandense», isto é, a narração critica do celebre movimento do Rio Grande do Sul contra a tyrannia e a absorpção exercidas pelo poder central.

Nenhum dos outros Estados brazileiros tem mais gloriosas tradições que o bello Estado do Rio Grande do Sul — a Italia americana.

Nenhum professa mais ardente culto pela liberdade e pela independencia. Nenhum leva tão longe a abnegação, é capaz de tantos sacrificios para sustentar ou defender um principio justo, uma ideia patriotica.

E' feita das mais nobres qualidades a alma rio-grandense: aberta a todos os sentimentos generosos, refractaria ao sordido egoismo e ao calculo interesseiro.

Pelas suas surprehendentes bellezas naturaes, pela amenidade do seu clima, pelo character dos seus filhos, pela formosura e gentileza das mulheres, pela encantadora simplicidade dos costumes, pela franqueza e sinceridade d'aquelle povo, ao mesmo tempo bravo e amavel, o Rio Grande do Sul é digno da sympathia universal.

Oxalá nos seus destinos esteja a prosperidade,



que os seus recursos lhe permitem, e entre a preponderancia de que é merecedor.

Não se lê o esplendido livro de Assis Brazil sobre a revolução riograndense, á qual Garibaldi prestou o valioso concurso da sua espada, sem se ficar amando o Rio Grande.

*

Concluido o curso juridico em S. Paulo, Assis Brazil, laureado, regressou á provincia natal, que, pouco depois, percorreu, de norte a sul, em viagem de propaganda politica.

Com o seu auxilio intellectual e pecuniario fundou-se em Porto Alegre uma excellente folha diaria intitulada *A Federação*. Este jornal alcançou, dentro de pouco tempo, extraordinaria importancia, pelo criterio e pela superioridade com que era redigido.

Nas primeiras eleições de deputados á Assembléa Provincial, Assis Brazil foi eleito por uma votação enorme, reveladora do seu prestigio pessoal e dos resultados da propaganda republicana.

Ahi desempenhou um grande papel, como representante unico do seu partido.

Affirmou desassombradamente as suas crenças, expoz, com vigor de phrase e methodo scientifico, as suas doutrinas, defendeu com admiravel galhardia os seus ideaes, tendo por vezes de bater-se, face a face, com o maior tribuno brasileiro e o homem de maior influencia na provincia, o conselheiro Silveira



Martins, que nem mesmo pela facilidade e brilhantismo da palavra diminuiu o triumpho moral do seu joven adversario

São, especialmente, notaveis os discursos de Assis Brazil sobre o systema federativo e sobre a fórmã republicana. Duas prelecções completas, duas orações monumentaes, deixando o assumpto exgotado. Ha n'esses famosos discursos rasgos de genuina eloquencia.

Assis Brazil, atacando as instituições, respeitou sempre os individuos que as representavam.

Foi invariavelmente a sua linha de conducta. Nunca offendeu ninguem pessoalmente, nunca desceu ao doesto ou ao chasco, manteve-se sempre na serena região dos principios.

De uma vez, Silveira Martins, que, embora monarchico, sempre andou descontente com a monarchia, apontou o imperador como responsável dos males do Brazil.

O deputado republicano protestou, dizendo que os males provinham das instituições e não do monarcha e que não hesitava em fazer a declaração de que considerava o sr. D. Pedro II um cidadão distincto a todos os respeitos, amante sincero do seu paiz.

Quanta dignidade n'estas palavras! E como se impõe ao respeito quem assim procede!

Proclamada a republica, Assis Brazil defendeu-a com a penna e com a palavra e, sendo escolhido pelo governo provisorio para o melindroso posto de ministro em Buenos-Ayres, passou a servir-a no desempenho d'esse elevado cargo.

Foi na capital da Republica Argentina que enco-



tou a sua carreira diplomatica, que tem sido fecunda em serviços ao Brazil.

Dos modernos diplomatas brasileiros ha alguns que teem ganho fama sem terem praticado actos que a justifiquem; Assis Brazil é dos poucos que pôdem justificar com factos a sua escolha para as missões exteriores, ainda as mais delicadas.

Eleito, apesar de ausente, deputado á Assembléa Constituinte, tomou parte muito activa uos seus trabalhos.

O traço indelevel da sua passagem pelo Congresso foi a declaração que fez, ao proceder-se á eleição do presidente da republica.

Deodoro era candidato e tinha todas as probabílidades de victoria.

Assis Brazil dedicava ao marechal a maxima consideração e consagrava-lhe grande estima pessoal. Entendia, porém, que elle viria a ser funesto, como foi, ás novas instituições e por isso recusou-lhe o seu voto, dando-o ao dr. Prudente de Moraes.

A declaração escripta, que apresentou á assembléa, expondo as razões porque não votava em Deodoro, é o mais valioso documento que um homem publico pôde dar da sua independencia, da sua lealdade, da sua altivez e do seu patriotismo.

D'ahi a pouco, Deodoro dissolvia arbitrariamente o Congresso, que o elegera, e Assis Brazil, que estava n'esse momento no Rio Grande, assumiu a direcção da resistencia ao golpe de Estado, sendo levado a tomar conta do governo estadual. Deram-se então factos deploraveis, que originaram a indisposição entre Assis Brazil, sempre logico, sempre cor-



recto, sempre leal e sempre obediente aos principios, e o sr. Julio de Castilho.

Tendo recebido do ministro da dictadura, barão de Lucena, um telegramma, interrogando-o sobre a attitude do Rio Grande do Sul em face da dissolução do Congresso, Assis Brazil, que dirigia o governo do Estado, respondeu como quem se sente brutalmente ferido na sua dignidade. Essa resposta causou funda impressão na capital federal e é um titulo de gloria para Assis Brazil.

Deodoro viu-se, dentro de pouco, forçado a resignar a presidencia da republica e Assis Brazil deixou tambem, sem detença, o governo do Rio Grande do Sul. Só o accéitára para resistir á dictadura.

Decorridos mezes, Assis Brazil voltou para o logar de ministro em Buenos-Ayres, d'onde o tiraram para lhe confiarem uma importante missão á China.

III

Foi em 1894 que veiu pela primeira vez á Europa, com intenção de seguir d'aqui para o Celeste Imperio.

Extincta a missão na China, por conveniencias do momento, Assis Brazil, que ainda estava em Paris, ficou em disponibilidade até ser nomeado ministro em Portugal, para reatar as relações officiaes entre os dois paizes. Durante esses poucos mezes percorreu a Europa e fez uma viagem ao Oriente.

Em Portugal, Assis Brazil, festiva e carinhosamente acolhido, tornou-se logo estimado e popular.



Em todas as espheras sociaes gosava de particular consideração. A Academia Real das Sciencias franqueou-lhe as suas portas.

Nunca, em tempo algum, diplomata estrangeiro foi aqui tão querido.

A festa, que em sua honra se realisou no theatro de S. Carlos, teve o maximo esplendor.

Além dos livros mencionados, Assis Brazil tem uma obra, «Democracia representativa—Do voto e do modo de votar», a qual Naquet, Pi y Margall, E. Naille e outros pensadores recommendam como consagrando na ordem das idéas um verdadeiro progresso democratico.

Em Lisboa escreveu e imprimiu o livro «Do governo presidencial na Republica Brazileira». Obra de uma vasta e luminosa intelligencia; obra de observação directa e meditação aturada; obra de um verdadeiro pensador, que não faz fogos de artificio com idéas de outrem, mas que pensa realmente e que possui poderosas faculdades mentaes, esse livro não pode ser devidamente apreciado, no conjuncto e nas suas diferentes partes, senão por quem conheça a fundo as condições materiaes, as tradições, os costumes e a indole do povo brazileiro e seja muito versado nas grandes questões politicas e sociaes.

Nos escriptos de Assis Brazil não ha pompas de estylo, não ha floreios rhetoricos, nem citações decorativas; é completa a ausencia de logares communs e de banalidades empoladas; dentro de cada phrase fulge uma idéa.



Não ha para Assis Brazil assumpto inabordavel, assumpto que lhe seja estranho.

Tambem aqui escreveu e publicou uma interessante obra sobre agricultura. Intitula-se «Cultura dos campos», e contém noções geraes de agricultura e especiaes de alguns cultivos actualmente mais urgentes no Brazil.

No prefacio são reproduzidas estas palavras de um discurso que Assis Brazil proferiu como presidente da «Sociedade Brasileira para animação da criação e agricultura»:

«Como a mim me tócou servir a patria na diplomacia e como em um passado ainda recente procurei servil-a tambem na politica militante (a que é possível que ainda volte, porque não é aos trinta e nove annos que a gente ha de renunciar á plena actividade)—é como diplomata e como homem politico que encaro de preferencia a questão, para muitos vil e indigna, de produzir trigo, batatas, forragens, gado, etc. Diplomata, procuro as condições do equilibrio que o meu paiz deve manter entre os seus visinhos; homem politico, quero a tranquillidade e a riqueza internas baseadas na abundancia e qualidade da producção.»

Que elevação de espirito, que extraordinaria capacidade e que admiravel senso pratico se patenteiam n'estes dizeres!

Não valendo menos pelos primores do character, nem pela bondade e pureza do coração do que pelos



dotes do seu privilegiadissimo talento, Assis Brazil, que é, em sociedade, uma figura muito interessante, attrahente e original, e no trato intimo o mais simples, o mais modesto, o mais amavel e o mais affectuoso dos homens, honra verdadeiramente a sua patria onde quer que a represente; honra-a como quem mais a tenha honrado.

O sr. Assis Brazil é um grande amigo de Portugal.

Ha factos, que não se pódem publicar, mas que são sabidos e não devem ser esquecidos pelo sr. marquez de Soveral e outras pessoas mais altas.

São de um discurso do sr. Assis Brazil, proferido por occasião da inauguração da quinta exposição agro-pecuaria promovida pela Sociedade Agricola e Pastoril, que tem a séde em Paris, e realisada na cidade de Pelotas, as seguintes referencias honrosissimas para os portuguezes:

«Os primeiros occupantes da campanha, os portuguezes-açorianos e os immediatos descendentes, traziam ainda a força inicial que receberam com o leite da civilisação antiga, que representavam.

O que elles fizeram nunca mais foi egualado na nossa historia e provavelmente nunca será excedido.

Na ordem publica foram os creadores da patria, mettendo duro peito contra a onda formidavel da expansão castelhana e fazendo-a refluir para além dos barrancos do Prata.

Na ordem domestica, construíram a primeira char-



rua que primeiro rasgou o seio da terra virgem; transformaram a savana bravia em marulhosos oceanos de louros trigaes; fundaram os primeiros lares sorridentes e fartos, afogados no verdejante arvoredo que protegeu debaixo das suas frondes como cupulas perfumadas de cathedraes os primeiros mysterios do amor fecundo, que devia perpetuar essa raça de bravos e fortes, cuja herança era e é dever nosso recolher e guardar.

«O homem era bom, era o melhor para o melhor dos paizes havidos ou sonhados. Mas, as circumstancias foram desgraçadas.

.....

«São ainda os mesmos, porque a lei da hereditariedade, como lei que é, pode ser violada, mas não destruída; porém, as grandes virtudes originarias estão em parte obliteradas, está adormecida a energia e a aptidão dos avós; sem ser indolente, o homem actual abandona a cultura da terra, porque a molestia atacou o seu principal cultivo e quem pode e tem d'isso o dever não lhe mostra uma clareira no horizonte cerrado pela ignorancia; sem ser estúpido, assistiu de braços cruzados ao envelhecimento e morte das arvores, que os antepassados plantaram e criaram com carinho e amor, e não ha quem lhes dê a educação que faz comprehender que as arvores, como todos os seres, são eternas — nascem, crescem e morrem e precisam de renovação, que conserve e melhore a especie.

«Para quem conhece como as coisas se teem passado no Rio Grande, o mais admiravel não é o atrazo actual; é sim—que alguma coisa se tenha feito, que



algum progresso se tenha operado e, sobretudo, que os rio-grandenses (fallo da massa do povo, do grande numero da quasi totalidade da população, e não dos poucos felizes que escaparam a condição geral) sejam, como são, modelos de honestidade, quando nunca tiveram administração publica, nem educação que os preparasse para a vida.

«Logicamente, os rio-grandenses deviam ser perversos da peor especie.

«São justamente o contrario d'isso, e d'ahi o alento que deve cobrar o apostolo da regeneração d'esta terra, onde tudo está por fazer.»

*

Este notavel discurso, em que Portugal tem o seu quinhão de gloria, foi publicado por quasi toda a imprensa brasileira, com os maiores louvores ao sr. dr. Assis Brazil—um grande, muito grande, vulto civico.



FURTADO COELHO

Quasi esquecido e semi-abandonado, finou-se em Pedrouços, aros de Lisboa, na primavera de 1900, o grande actor Luiz Candido Furtado Coelho, que tinha regressado do Brazil com o proposito manifesto de vir morrer na terra em que nascera e que tanto honrara com as variadas manifestações do seu extraordinario talento.

Furtado Coelho, oriundo d'uma familia illustre de Vianna do Castello, nasceu n'aquella pittoresca povoação minhota em 28 de dezembro de 1831.

Esmeradamente educado e com bastante instrução litteraria, empregou-se em uma secretaria do Estado, mas por pouco tempo se manteve no emprego, que não satisfazia as suas aspirações.

Acenava-lhe a arte, attrahia-o a aventura, sorria-lhe a gloria.

Considerações de familia impediám-n'o de seguir em Portugal a sua vocação; partiu em 1855 para o Brazil, onde realisou o seu ideal — ser artista — e



onde encontrou o que ambicionava — applausos e loiros.

O Brazil foi-lhe segunda patria e queria-lhe como a filho dilecto.

Tornando-se actor, estreiou-se publicamente em Porto Alegre, a formosa capital do Rio Grande do Sul.

O publico festejou-o com verdadeiro enthusiasmo. Não parecia um estreiante; apresentava-se; fallava, gesticulava como um artista consummado.

E que naturalidade! que correcção!

Ainda não se vira representar assim no Brazil! — dizia-se.

Em curto lapso, Furtado Coelho, que tinha uma figura muito distincta e insinuante, era o actor pre-dilecto das platéas brazileiras, o mestre da arte de representar.

E n'esta situação se conservou por mais de trinta annos; ninguem o privou da soberania.

Furtado Coelho possuia qualidades excepçionaes, uma dicção crystallina, de uma nitidez, de uma pureza impecavel.

Debaixo d'este ponto de vista, bem como em elegancia de porte e nobreza de maneiras, rivalisava com Delaunay.

Quando Furtado Coelho representou pela primeira vez em Lisboa, no «Supplicio de uma mulher», o grande escriptor Latino Coelho, que era um dos espectadores, exclamou, em meio de uma «tirada», abstracto e deliciado:

— Como elle falla o portuguez!

O sr. D. Pedro II, imperador do Brazil, tambem



lhe disse que a ninguem ouvira pronunciar melhor a lingua portugueza.

Era um «diseur» perfectissimo.

Os melhores papeis de Furtado, aquelles a que o seu nome glorioso andar  ligado por largo tempo (no Brazil, pelo menos) eram os do «Demi-monde», «D lila», «Supplicio de uma mulher», «Estatua de carne», «Pae prodigo», «Vida de um rapaz pobre», «Lenço branco», e «Crime do padre Amado».

Que noites de gloria, que triumphos, que ovações lhe proporcionaram Olivier de Jalin e o cavalleiro Carnioli!

Foi, indiscutivelmente, Furtado Coelho quem introduziu no Brazil a moderna arte dramatica e quem preparou o publico para apreciar Sarah Bernhardi, Eleonora Duse, Gabrielle R jane, Coquelin, Emanuel e Novelli.

Não são como actor, mas tambem como ensaiador, Furtado Coelho prestou grandes e inolvidaveis serviços ao Brazil.

As suas companhias, compostas,  s vezes, de principiantes, offereciam um conjuncto, perfeito, de servir de exemplo a «troupes» afamadas.

Foi com Furtado Coelho que Lucinda Simões se elevou   altura das maiores actrizes contemporaneas.

Em papeis de alta-comedia, Lucinda attingiu a perfeição. Ismenia, Apollonia, Eugenia Camara e outras «estrellas», que fulgiram nos palcos brazileiros, eram productos do ensino ministrado por Furtado Coelho.

Além de artista dramatico de primeira ordem, a despeito do seu temperamento um pouco frio, Fur-



tado foi compositor de musica, pianista, poeta, romancista e dramaturgo.

Eis as suas obras :

«O agiota», drama em 5 actos e 1 prologo, representado pela primeira vez em Lisboa no theatro de D. Maria II, em 1855.

«Um episodio da vida», comedia em 3 actos.

«O actor», drama em 4 actos, representado pela primeira vez no theatro do Gymnasio, do Rio de Janeiro, em 1866.

«A actriz», comedia-drama, em 5 actos.

«O remorso vivo», drama phantastico-lyrico, representado pela primeira vez no theatro do Gymnasio do Rio de Janeiro, em 1866 (musica de Arthur Napoleão).

«O bom anjo da meia noite», drama phantastico em 5 actos, representado em 1877 no theatro Casino, do Rio de Janeiro.

«Misérias humanas», drama em 5 actos, representado no theatro de S. Pedro de Alcantara, do Rio de Janeiro, em 1878.

«Nem por muito madrugar amanhece mais cedo», proverbio em 1 acto, representado em varios theatros e salões.

«Procure-me depois de amanhã», comedia em 1 acto, representada no theatro de S. Luiz.

«Morrer pela patria!» peça patriotica, em 1 acto, representada no theatro Lucinda, em março de 1890.

«Lucia» (romance) 2 volumes.

«Paixão do luxo» (romance) 2 volumes.

Furtado Coelho aperfeiçoou o curioso instrumento denominado «copophone», do qual sabia tirar bellos



e agradaveis sons, executando os mais difficeis trechos musicaes.

Com esse instrumento apresentou-se em Londres, alcançando um successo nos salões da embaixada portugueza.

O embaixador era o duque de Saldanha.

D'essa feita, deu concertos em varias cidades da Europa, em companhia de um violinista celebre.

Perfeito homem de sociedade, Furtado Coelho fazia as delicias de um salão; conversador adoravel e interessantissimo, era um encanto ouvi-lo em um grupo de amigos.

Phantasista eterno, incorrigivel sonhador, nunca teve apego ao dinheiro e, podendo ter constituido um peculio consideravel, viu-se no fim da vida em circumstancias, mais que difficeis, angustiosas.

Acudiu-lhe, é certo, como acode a todos os infortunios, a grande alma da excelsa filha do grande rei Victor Manuel, da augusta princeza, que melhor tem sabido manter, nos tempos modernos, a magestade das rainhas.

Tambem se lhe entregou o producto integral de uma recita em que tomaram parte os primeiros artistas de todos os theatros de Lisboa.

Ha algo a fazer, em Portugal e no Brazil, em homenagem á memoria refulgente do grande artista, que se chamou Luiz Candido Furtado Coelho.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

UM ANNO DEPOIS DA SUA MORTE

Faz hoje um anno que um facto lamentavel e tristissimo aconteceu em Lisboa.

Não foi — é claro — a morte de um politico funesto, condemnado pela execração publica.

Teve proporções de catastrophe nacional esse caso imprevisto.

Finára-se Raphael Bordallo Pinheiro, incomparavel artista, figura isolada na arte portugueza.

Nem na caricatura, em que elle foi tão grande, pelo menos, como o inglez Carnikshank e os francezes Gavarni, Cham e Daumier; nem na arte decorativa e na ceramica, existe quem o substitua e, muito menos, quem o eguale.

Assim pensa o seu illustre filho, que tem talento excepcional e dá lustre ao brazão da sua nobre familia de artistas.

A collecção do *Antonio Maria*, em que se encon-



tram varias obras primas de Raphael Bordallo Pinheiro, ficará nas bibliothecas portuguezas como o livro mais curioso de uma época.

Pinheiro Chagas, cuja falta continua a ser dolorosa, considerava o *Antonio Maria* como um *combatente esplendido, um gladiador admiravel*.

A celebridade de Raphael Bordallo Pinheiro ultrapassou as fronteiras — o que não é vulgar entre nós, em qualquer carreira intellectiva.

De Londres disputaram-n'o; em Paris festejaram-n'o.

Coquelin *ainê* adorava-o.

Tem na sua opulenta collecção trabalhos do nosso extraordinario artista.

No Brazil, onde a civilisação, ao contrario do que alguém pensa, compete com as mais adeantadas, para o que muito concorreu o longo reinado do sabio imperador D. Pedro II, de veneranda memoria; n'esse grande paiz, onde todas as artes teem cultores eximios e onde a caricatura floresceu, com artistas italianos e brasileiros, Bordallo triumphou, sendo preferido a todos pelo publico selecto.

Ao mesmo tempo que gosava da maxima popularidade, ao ponto de ser acclamado nas ruas, Bordallo Pinheiro era recebido com attenções especiaes na primeira sociedade fluminense.

Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, dr. Luiz de Castro, Quintino Bocayuva, Luiz Murat, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa, Arthur e Aluizio Azevedo, Machado de Assis, Affonso Celso, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac — as principaes figuras da litteratura e



do jornalismo do Brazil — tributavam-lhe a mais entusiastica admiração, prestando-lhe homenagens muito honrosas e excepcionaes.

Era privilegiada a individualidade do nosso maior artista contemporaneo. O eminente critico de arte, sr. Ramalho Ortigão, e o fulgurante prosador Eduardo Salamonde, que dispõe de um raro entendimento, assim o demonstraram em trabalhos notaveis, cuja leitura muito se recommenda.

Consociam-se Portugal e o Brazil para erigir o monumento devido ao genial artista, que se chamou Raphael Bordallo Pinheiro.

23 de janeiro de 1906.

754
659



HENRY IRVING

A Inglaterra acaba de perder um dos maiores actores que tem produzido, igual, senão superior, a Garrick e a Kean: Henry Irving.

Era universal a fama d'este grande interprete de Shakespeare.

Tendo recebido uma perfeita e solida educação litteraria —o que é essencial n'um actor—desde a mocidade possuira-se de um vivo desejo: *sentir* o divino William.

Conseguiu plenamente essa nobre aspiração, que define um artista.

Conhecia a fundo a obra shakespeareana. Uma paixão instinctiva e irresistivel arrastou-o para o theatro. Com dezoito annos incompletos, seduzia-o o palco.

Aos dezenove, estreitava-se em Edimburgo; aos vinte, representava em Londres.

Não se limitava a estudar profundamente os papeis mais difficeis: fazia conferencias publicas, justificando a interpretação que lhes dava. Os seus pri-



meiros triumphos alcançou-os em Manchester, no anno de 1860.

D'ahi até 1870 representou nas principaes cidades do Reino Unido, com vantajosos contractos.

N'aquella data, entrou para o *Lyceum*, da capital britannica, e ahi obteve—moço ainda, pois contava trinta e cinco annos—a predilecção do publico selecto e culto.

Alem de dramas inglezes de auctores contemporaneos e de adaptações e traducções de peças francezas, Irving representou Shakespeare com suprema perfeição. Não abalou apenas o mundo artistico: entusiasmou a multidão. Tornou-se o actor querido e adorado na Inglaterra.

O papel de Hamlet, com a sua tremenda complexidade, proporcionou-lhe uma victoria completa e definitiva.

Os reparos de alguns criticos deixaram-n'o imperturbavel.

Irving firmou a sua supremacia com uma ideia original e uma visão particular dos personagens. A tradição não o preocupou.

Dizia-se, porém, sincero admirador de Talma e de Rachel. Nunca se desvanecerá do meu espirito a impressão que me causou a simplicidade grandiosa com que elle exercia o maximo dominio nos grandes lances.

Assisti, em Londres, no anno de 1891, a tres espectaculos de Henry Irving.

G. Emanuel, de quem possuo cartas preciosas, habilitára-me a comprehender o tragico inglez.



Como aquelle colossal e naturalissimo artista italiano, Irving foi um renovador.

A sua poderosa e soberba encarnação do *Hamlet* será sempre recordada.

Irving attingiu e realisou a suprema belleza artistica.

Todos os dramas celebres foram interpretados por elle.

A Casimir Delavigne seguia-se Byron.

Fóra da Inglaterra, só representou nos Estados-Unidos, conseguindo enthusiasmar e commover os empedernidos *yankees!*

Eram-lhe devidas as honras que a Grã-Bretanha prestou á sua fulgurante memoria.



EMILIO DE GIRARDIN

A 17 de janeiro de 1881 falleceu em Paris o grande jornalista Emilio de Girardin.

O jornalismo universal perdeu n'esse dia o seu mais notavel chefe.

Emilio de Girardin era um bastardo, mais do que isso, um filho adulterino de madame Dupuis e do conde de Alexandre de Girardin.

A creança, creada ás occultas, pela fatalidade do nascimento, em breve manifestou as tendencias vigorosas do seu temperamento, e, depois de, aos 17 annos, ter dado á sentimentalidade de escriptor novel o que uma lei natural exige de todos nós, desprendeu-se de qualquer preocupação egoista, conhecendo que nascera para as grandes luctas das ideias e para viver mais para os outros do que para si.

Ha grande afinidade entre o caracter do grande jornalista da *France* e o vulto extraordinario de Beaumarchais.

O Barbeiro de Sevilha e o Casamento de Figaro



foram poderosas machinas dynamiticas, que ajudaram os revolucionarios do fim do seculo xviii a derubar thronos e altares.

As suas *Memorias*, terriveis pamphletos, vale-ram-lhe a perda completa da fortuna, a prisão e outros desgostos profundos.

E' n'essa obra immortal que a original individualidade de Beaumarchais apparece a toda a luz.

Confrontando-a no estylo, no vigor, na ironia e nos sentimentos de justiça e de liberdade com o que deixou o maravilhoso jornalista, reconhece-se que um descende do outro e que a verdadeira filiação do espirito de Girardin pertence a Beaumarchais.

As proprias tendencias do genio e as pequenas inclinações da vida intima são as mesmas.

Como o auctor do *Figaro*, Emilio de Girardin comprehendeu que era preciso ser rico para ter a independencia das suas idéas; como elle, se atirou ás especulações do jogo publico e viveu no luxo e no goso constante de tudo quanto era artistico e apurado.

Começou por fundar um jornal perfeitamente novo. Intitulou-o *O Ladrão*.

Esse jornal viveu da transcripção intelligente e conscienciosa de tudo quanto produziram os grandes escriptores da epoca.

E' singular: o homem que mais tarde se gabava de ter uma idéa por dia, começou roubando as idéas dos outros.

Era um millionario, que se aproveitava do dinheiro alheio e muitas vezes de quem tinha menos do que elle. Seria longo enumerar os triumphos que alcan-



çou, os jornaes a que deu vida e aquelles que resuscitou com o prestigio do seu nome.

E mais longo seria ainda citar os grandes serviços que prestou á liberdade, amando-a tanto que acceitaria o governo do Grão Turco, se lhe concedesse completa independencia.

Casado com uma das mulheres mais bellas e espirituosas da França, nem isso lhe faltou na vida.

Delfina Gay foi a sua companheira leal, o seu amigo mais firme, o seu collaborador mais valioso. Mas um dia veiu a velhice: e, se não conseguiu abrandar-lhe o enthusiasmo da lucta, a fertilidade da intelligencia, nem a grandeza do character, levou consigo a morte; e então caiu para sempre d'aquella mão athletica e delicada a penna invejavel do primeiro jornalista do mundo!

E, apesar dos seus bellos dramas, dos seus livros didacticos, dos seus pamphletos de polemica, a sua grande gloria está n'este singelo nome de — jornalista.

Que sirva elle de apoio e de animação áquelles que, perdidos na obscuridade do grosso do exercito, podem, como os soldados da Italia e do Egypto lembravam o nome de Bonaparte, lembrar em todos os tempos o nome fulgurante de Emilio de Girardin.



ÉMILE AUGIER

No D. Amelia — a nossa «Comédie», de que o sr. visconde S. Luiz Braga é o Claretie, representa se uma das obras primas do theatro de Émile Augier — «O genro do sr. Poirier».

Émile Augier é o mais fervente e proximo discipulo de Molière, honrando o Mestre.

A sua primeira peça «Cigüe» foi representada, por favor, no «Odeon», em 1844.

Teve 100 representações seguidas e salvou o theatro.

Émile Augier escreveu com equal superioridade em verso e em prosa.

Ha perfeita harmonia no theatro de Augier.

Tem peças consagradas á defeza da familia.

«Gabrielle», em 5 actos e em verso primoroso; e «Paul Forestier», são as principaes. «Les Éffrontés» e «Le fils de Giboyer», peças representadas em 1861 e 1862 na «Comédie Française», são duas satyras, que desmascaram, uma, a intrusão dos banqueiros no



jornalismo; outra, a intervenção do clericalismo na politica.

Houve contendas calorosas, como no tempo de Molière. Émile Augier foi muito applaudido.

«Le genre de Monsieur Poirier», «Un beau mariage», «Diane», «L'Aventurière», «Le mariage d'Olympe», «Philiberte», «Les Fourchambault», «Ceinture dorée», «Les lionnes pauvres», «Le Post Scriptum» «Maitre Guérin», «Jean de Tommeray» são admiraveis e perfeitas comedias de costumes.

Não ha melhores, nem eguaes, de auctor moderno.

«Le Contagion», «Lions et Renards», «Madame Caverlet», e «L'homme de bien» pertencem, como «Les Éffrontés» e «Le fils de Giboyer», á comedia politica e social.

O grande critico J. J. Weiss, que idolatrava Regnard, disse de Émile Augier :

«C'est un second Regnard, plus original en ses combinaisons, plus varié en sensations poétiques, plus pénétrant et de plus portée que l'autre».

A observação dos costumes contemporaneos é completa no theatro de Augier — um grande comedigrapho.

A deliciosa peça «Gabrielle» acaba com este verso :

«Ô père de famille, ô poète, je t'aime !»

Este verso, que é a moralidade da comedia, é o germen fecundo do genio de Émile Augier e como a synthese do seu magnifico theatro, que nunca deixará de ser representado.



O SAMPAIO DA "REVOLUÇÃO,,

Nasceu a 25 de julho de 1806, em S. Bartholomeu do Mar, concelho de Espozende, districto de Braga, Antonio Rodrigues Sampaio, principe dos jornalistas portuguezes e estadista, cuja memoria ainda hoje illumina a politica, difficil sciencia de governar os povos.

Foi um gigante da penna, um denodado paladino da liberdade e das regalias populares.

A sua figura altiva sobresaie no periodo agitadissimo de 1820 a 1834, anno em que ficou abolida a antiga legislação do absolutismo, dos privilegios de classe e das instituições incompativeis com a liberdade moderna.

Exerceu alguns cargos administrativos.

A 22 de julho de 1840 appareceu o primeiro numero do jornal *Revolução de Setembro*, de que Rodrigues Sampaio era o redactor principal.

Houve ainda em Portugal, depois de 1834, revoluções politicas e até guerra civil e dictaduras; tudo



isto teve um aspecto platonico em comparação com os horrores de 1828 a 1834.

Por causa d'estas luctas, a *Revolução de Setembro* esteve suspensa de 1844 a 1846.

De 16 de dezembro de 1846 a 13 de julho de 1847, Sampaio redigiu *O Espectro*, pequena folha em 4.º, de 4 paginas, da qual saíram 63 numeros.

O ultimo tem no remate final as iniciaes *A. R. S.*, que indicam o nome do auctor.

As circumstancias da epocha deram grande voga e apreço a estes escriptos clandestinos, tão cheios de indignação e violencia como as satyras de Juvenal contra os vicios de Roma.

Antonio Rodrigues Sampaio possuia vasta erudição, conhecendo a fundo a lingua latina; fallava e escrevia, magistralmente, a portugueza.

Se, como orador parlamentar, não arrebatava, instrua e convencia.

José Estevão respeitava-o e admirava-o.

Sampaio, sendo ministro do reino, dotou o seu paiz com uma lei, de instrucção primaria, que se adeantou a quantas então existiam na Europa e na America.

E' a lei de 2 de maio de 1878, a mais liberal até hoje, no velho e no novo mundo.

Essa lei foi a continuação da obra revolucionaria de Rodrigues Sampaio — obra que favoreceu e completou a do immortal estadista Mousinho da Silveira.

Sampaio tinha uma virtude rarissima em homens politicos: a coherencia.

Com as armas na mão combateu pela liberdade; sendo ministro, promulgou uma lei de instrucção



primaria, que é o maior esteio da liberdade, pelo principio descentralizador que estabeleceu.

A escola primaria portugueza jazia na mais deprimente das situações.

Outro acto de coherencia: saiu do ministerio, por achar desnecessaria a dictadura.

Uma resposta espirituosissima ao sr. José Luciano de Castro, que o censurava, na camara, por não demittir um governador civil, dizendo-lhe que havia de morrer com elle.

— *Il m'est plus doux*, atalhou Sampaio, que concluiu o verso de Racine :

Il m'est plus doux

De mourir avec lui que de vivre avec vous...

A memoria gloriosa de Antonio Rodrigues Sampaio tem direito a uma consagração nacional.



FONTOURA XAVIER

O Brazil teve sempre bons poetas, desde a epoca da sua formação. As primeiras manifestações da intelligencia nas terras opulentas de Vera Cruz cifravam-se exclusivamente na poesia.

O mais antigo vulto da historia litteraria do Brazil, o celebre e benemerito padre José de Anchieta, compoz bellos versos portuguezes e perfeitos especimens de poesia latina, hespanhola, italiana e tupy. E' esta a origem da litteratura brazileira.

Dos actuaes poetas, que são primorosos, impecaveis, na fórmula docil e graciosa, e ardentes, cheios de impetos na expressão do lyrismo, inspirado em extasis de amor, um dos que mais avultam é Fontoura Xavier, o auctor das iriadas *Opalas*, onde ha verdadeiras sublimidades.

Ninguem o vence na comprehensão do actual sentimento esthetico.



Como consegue adaptar a expressão á variedade de commoções e de idéas !...

Fontoura fica definitivamente na litteratura moderna.

Acabam de o consagrar nomes, que de ha muito são cercados pela auréola da gloria litteraria: o senhor Ramalho Ortigão, o mestre supremo da critica d'arte; a senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o mais elevado e o mais culto espirito feminino da nossa terra; João Penha, o Mestre do Soneto, que é a mais nobre das composições poeticas; José Pereira de Sampaio (Bruno), uma das capacidades intellectuaes mais poderosas que tem produzido n'esta nossa idade o genero humano; João Grave, a penna mais fulgurante dos novos artistas da brunida prosa luzitana; Candido de Figueiredo, poeta romantico, mestre do patrio idioma, homem de saber vasto e profundo; José Antonio de Freitas, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, auctor de valiosas obras litterarias muito elogiadas por Latino Coelho, que foi seu mestre no Curso Superior de Letras; e outros tambem de elevada cathegoria.

Será completa a glorificação de Fontoura Xavier, que tudo merece, pelo conjuncto de excellencias, de que se constitue a sua inconfundivel e adoravel individualidade.



OS PORTUGUEZES NO BRAZIL

Acabo de folhear o Relatório da Sociedade Protectora dos Portuguezes Desvalidos, que tem a sua séde na florescente capital do Estado de S. Paulo e sinto-me, ao mesmo tempo, commovido e entusiasmado pelo que se me depara n'esse brillantissimo documento, que attesta inconcussamente as altas e admiraveis virtudes da familia luzitana domiciliada no Brazil.

Não ha consideração de que não sejam dignos os nossos dedicados irmãos d'além-mar, não ha preito que não lhes devâmos; não ha homenagem a que não tenha jus a honrada, a laboriosa, a patriótica, a benemerita colonia portugueza, espalhada pelas terras opulentas de Vera Cruz.

Eu não hesito em proclamar os portuguezes que moirejam n'essa abençoada região, que Pedro Alvares Cabral desvendou ao mundo, como constituindo a parte mais sã, mais util, mais generosa, mais respeitavel da nossa nacionalidade.



Basta o seu patriotismo, o amor ardente que elles consagram a esta nesga de terra onde nasceram ; basta o seu amor da patria, *não movido de premio vil*, que póde alguma vez parecer ingenuo mas que vae sempre até á abnegação ; basta isso para os tornar merecedores do mais respeitoso apreço e do mais enternecido affecto.

O velhó Portugal, o temido e glorioso guerreiro de outr'ora, curva a fronte e cruza os braços ao arreganho do Leopardo ?

A ninguem dóe mais a humilhação do que ao portuguez que vive no Brazil.

Após dias amargos vêm dias de jubilo e de gloria, as armas portuguezas triumpham em Africa, Mousinho bate e aprisiona o poderoso e temivel regulo dos vátuas, o mundo pasma do feito ?

Como fica enlevada, como transborda de alegria a alma do portuguez do Brazil !

O brilhante official de marinha, Augusto de Castilho, n'um rasgo de magnanimidade, acolhe á sombra da bandeira das Quinas a flor da marinha brazileira, evitando quiçá uma hecatombe, que mancharia eternamente o nome do Brazil ?

O applauso intimo da colonia portugueza não é menos sincero do que as benções das mães brazileiras...

Trata-se de commemorar uma grande data da nossa historia, de render homenagem a algum dos nossos vultos, como Camões e Pombal, de remediar os effeitos de uma catastrophe, de reforçar a marinha de guerra, de augmentar o numero de escolas, de promover melhoramentos locaes, de acudir a des-



graças? Precisa-se de dinheiro? Póde contar-se com o portuguez que emigrou para o Brazil: elle não conhece sacrificios, o seu concurso, generoso e dedicado, não falta nunca!

No meio d'este ruir da Patria, abatida e despojada pela imbecilidade, pela desorientação, pelo egoismo, pela falta de senso moral de muitos dos politicos, só ha para nós uma consolação: a que nos offerecem os nossos irmãos de além-mar, com as suas virtudes, com os seus exemplos, com os seus ensinamentos moraes e patrioticos.

E' no Brazil que está hoje a alma portugueza.

O Relatorio da *Sociedade Protectora dos Portuguezes Desvalidos*, apresentado á assembléa geral de 10 de Maio do anno corrente pelo seu benemerito presidente, o commendador Alberto da Silva e Souza, é um titulo de honra a mais elevada, a mais pura, a mais nobilitante, para a colonia portugueza no Brazil.

E' assim que se exerce a philantropia, é assim que se comprehende o patriotismo.

Patricios,

A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.



VENEZA

Maio, 1891.

.....

A manhã era de sol abundante. A claridade coava-se suavemente pelos vitraes e rosaceas, projectando-se no pavimento do grandioso templo de S. Marcos, em fachas de luz multicôres, como pedaços de arco-iris desfeito ou em myriades de manchas luminosas irisadas, como se houvessem espalhado ali fragmentos polychromos do crystal de taças quebradas em ruidoso festim.

O grande orgão enchia o espaço com a harmonia plangente e doce das composições sacras.

Um côro de sacerdotes entoava canticos funebres, commemorativos do anniversario da morte de um prelado.

Fica-se maravilhado com a profusão dos mais bellos marmores orientaes, esculturas, bronzes, mosaicos executados desde o seculo x até aos nossos dias. Os mais celebres são os feitos pelos irmãos



Zuccati, segundo desenhos de Ticiano, Pordenone e Salviati.

A pia da agua benta é de porphyro com esculpturas; por uma porta em estylo arabe entra-se no thesouro de S. Marcos, que contem preciosidades em relicarios, calices e outros objectos do culto.

O altar-mór, que está sob um rico docel, encerra o corpo de S. Marcos.

A' esquerda uma porta de bronze dourado, maravilhosamente cinzelada por Sansovino, dá passagem para a sachristia, onde ha a admirar magnificos mosaicos e grandes armarios bellamente marchetados.

Da fachada monumental uma das decorações consiste em quatro cavallos de bronze, obra romana do tempo de Nero.

A bellissima praça de S. Marcos cercada por tres lados de bellas construcções classicas e de arcadás. e tendo na outra extremidade a basilica de S. Marcos, é o lugar de reunião mais frequentado pelos habitantes e pelos estrangeiros.

Revodadas de pombas, dezenas, centenas de pombas mansas descem á praça solicitando a pequena ração que os «touristes» lhe costumam dar: uns cartuchinhos de milho que se vendem ali mesmo a 5 centimos cada um.

Voam em torno de nós e, depois, poisam nos nossos braços, nas nossas mãos, tranquillamente, sem medo, confiantes em que ninguem lhes pode fazer mal.

Mais adeante de nós, em outros grupos, a mesma scena se repete: homens, mulheres e creanças, louras «misses» e «signorinas» morenas, todos em-



penhados em alimentar os volateis bandos venezianos!

Sente-se um bem estar profundo, uma alegria simples, commovente, no meio d'aquellas aves amorosas!

Como que dentro de nós se despertam unicamente os sentimentos bons.

Nossa alma, alvoroçada, parece desejar tambem erguer vôo no meio d'aquellas pombas doces, que trazem em si a nota mystica do templo, onde construíram os seus primeiros ninhos, que as mãos pesadas e impiedosas de alguns seculos não poderam destruir!

Chama-nos a attenção o palacio dos Doges, edificio ogival, de um aspecto grandioso, que produz uma impressão inextinguivel.

Antiga residencia dos Doges, serviu para o senado, para tribunal, para prisão e para museu.

Tem tres fachadas: uma, sobre o caes de Môle, restaurada de 1885 a 1888, é do seculo xiv; outra, sobre a Piazzetta, é do seculo xv; e a sobre o canal («rio di Palazzo») de 1484.

O atrio, em estylo Renascença, é deslumbrante.

Duas escadarias magestosas conduzem ao primeiro andar: a dos Gigantes, assim denominada por duas estatuas colossaes (Marte e Neptuno) obra de Sansovino; a do Ouro, riquissimamente decorada.

A sala do Grande Conselho é a mais vasta e sumptuosa da Europa.

As paredes e os tectos teem pinturas, representando os fastos da Republica de Veneza.

O friso é occupado pelos retratos de 76 Doges.



No logar onde devia estar Marino Faliero, vê-se um quadro preto com esta inscripção : «Hic est locus Marini Faliero, decapitali pro criminibus».

Tres grandes composições occupam o centro do tecto : «Apotheóse de Veneza», por P. Veroneso ; «Veneza entre divindades», por Tintoreto, «Veneza coroada pela Victoria», por Palma Junior.

Os pequenos espaços são ornados com pinturas de Veroneso, Tintoreto, Palma Filho e Frei Bassano.

Na parede do lado direito ha um quadro immenso, de 26 metros de comprimento e 7,80 de altura, representando «A Gloria do Paraiso». E' de Tintoreto, ajudado por seu filho.

Outras salas, com pinturas de artistas venezianos : «Sala do escrutinio», onde se elegiam os Doges ; «Sala da Bussola», ante-camara do conselho dos dez ; «Sala dos tres chefes» ; «Sala das quatro portas» ; «Sala do Collegio», «Sala do senado».

A bibliotheca, fundada com livros do cardeal Bessarion e de Petrarcha, tem 250:000 volumes e 10:000 manuscriptos, entre os quaes um breviario do cardeal Grimani, com miniaturas de Memling.

O museu archeologico encerra grandes preciosidades em baixos relevos, estatuas, medalhas, bustos, cartas geographicas, sarcophagos ; copia antiga da Venus dos Medicis ; bronzes, marfins, porcelanas, etc.

A «ponte dos suspiros» servia para passar do palacio para as prisões — traço de união entre o supplicio e a morte, testemunha indifferente de tantas dôres.

Na capella do Doge admiram se : «Madona», de



Sansovino; fresco, de Ticiano; quadros de Albert Durer, P. Veroneso, Palma Filho, C. da Conegliano, Giorgione e J. Bassano.

Edifícios religiosos: igreja de Santa Maria Formosa, muito perto da basilica de S. Marcos; «Frari», mausoleu de Ticiano; mausoleu de Canova; «Santi Giovanni» e «Paolo», estylo gothico italiano, pantheon veneziano, cheio de mausoleus de Doges, de homens de Estado celebres e de guerreiros; grandes altos relevos em bronze; bustos de Ticiano e dos dois Palma; «San Francesco della Vigna», pinturas de P. Veroneso, de J. Belin e Palma Filho; esculpturas em marmore pelos Lombardi; «Santa Maria della Salute», sumptuoso edificio do estylo da decadencia (1631-1682) construido por Bald Longhena, em commemoração do fim da peste de 1630. Cupula monumental. Grande candelabro em bronze, trabalho de Alessandro Bresciano. Pinturas admiraveis de Ticiano e de Tintoreto.

Os palacios, que mais contribuem para a magnificencia de Veneza são os que marginam o Grande Canal — a maior maravilha do mundo. Alguns estão occupados por hotéis e bancos.

No palacio Trèves veem-se duas estatuas collosaes, Heitor e Ajax, de Canova.

O palacio Mocenigo compõe-se de tres habitações; na do centro, residiu em 1818 lord Byron, o genial poeta de *Childe-Harold*.

No palacio Lombardo, que possui uma galeria de quadros antigos e modernos, falleceu o celebre compositor Richard Wagner em março de 1883. No palacio Giustiniani, onde funciona o antigo hotel de



Europa, passaram dias amorosos o auctor da «Confession d'un enfant du siècle» e a auctora de «Indiana», «Lélia» e «Consuelo», Alfred de Musset e George Sand — a divina.

Tambem lá se hospedou Théophile Gautier — o divino.

Em Veneza sonha-se e ama-se, tendo por leito uma gondola.

.....
Veneza é um grandioso navio de pedra e arte, ancorando a vontade humana e o genio latino, no azul deslumbrante do altivo Adriatico.



PISA

A cidade de Pisa pôde vêr-se n'um dia ou n'um anno.

N'um dia vêem-se rapidamente a Cathedral, a Torre, o Baptisterio e o Campo Santo.

Um anno seria o preciso para contemplar as obras de arte de Jean Bologne, Tacca, Stagi, A. del Sarto, Ghirlandajo, Beccafumi, Nicolas de Pise, Giotto, Rondinosi, Andrea Orcagna, Bernardo Orcagna, irmão de Andrea, Antonio Veneziano, Spinello Spinelli e Benozzo Gozzoti, discipulo de Frá Angelico.

São verdadeiros thesouros aquelles quatro monumentos, que se elevam n'uma vasta e bella campina, semeada de margaridas e de flores agrestes.

E' tocante esta associação de edificios catholicos. Representam toda a vida do christão: a torre parece inclinada sobre a cidade para chamar o neophyto; o baptisterio recebe-o e torna-o crente; a egreja abre-se para o santificar; o cemiterio para o enterrar.



Todas estas pedras teem força de expressão.

A torre de Pisa é o monumento mais conhecido da Europa — pela gravura e pela esculptura ; todavia quando se nos depara em Pisa, fica-se maravilhado.

A Cathedral é uma das opulentas e deslumbrantes egrejas, que só a Italia possui.

Que riquezas alli reunidas !

O templo é uma galeria magnifica de quadros moldurados em marmore, em ouro, em bronze, em mosaico, em porphyro.

O mais exigente critico de arte não poderá conter a admiração.

O Baptisterio contrasta com a Cathedral : são nuas as suas magestosas muralhas : é a casa do neophyto ; não deve ter pompa decorativa.

A cadeira é imponente ; assenta em sete columnas symbolicas, que tem por base animaes monstruosos, como Plinio do «Apocalypse» os imaginou.

N'um pilar lê-se o nome do architecto, Deoti Salvi.

Foi elle quem deu alma, côr e character a este edificio singularmente bello.

Exteriormente, parece o zimbório de uma cathedral immensa, que se afundou, ficando a cupula ao nivel da relva.

Perto fica o «Campo Santo». Não ha no mundo canto de terra mais commovente.

O «Campo Santo» exhala toda a poesia da morte, do nada, da immortalidade. E' o verdadeiro cemiterio do christão : a alma não sente a desolação que cerca as sepulturas do homem ; uma doce e religiosa melancholia nos acompanha n'estas quatro galerias funebres e pensa-se na morte sem horror.

Esta milagrosa terra preserva os corpos do insulto do verme: veste-se de relva e de flores.

Os muros são cobertos de «frescos» de velhos mestres, o que torna o «Campo Santo» uma especie de «Tribuna» (museu de Florença) da pintura da idade media e da Renascença.

O muro do sul tem quatro quadros, attribuidos a Giotto, representando os episodios da vida de Job.

O muro do oeste representa a historia de Esther, por Agost. Ghirlanda e a de Judith, por Paolo Guidotti (seculo xvii).

O muro do norte contem 26 frescos, 13 superiores e 13 inferiores, representando assumptos biblicos, attribuidos a Buffalmacco e depois a Pietro di Puccio d'Orvietto (1390); 24 compartimentos, tambem de assumptos biblicos, de Benozzo Gazzoli, discipulo de Frá Angelico (1469-1485).

Muro do leste: Pinturas de Prondinosi. Grande capella: crucifixo de Giunta de Pisa (1238); tres composições attribuidas a Buffalmacco.

Muro do sul: «O Triumpho da Morte e Juizo Final,» por Andrea Orcagna — um dos monumentos mais notaveis da pintura italiana da Renascença; o «Inferno», por Bernardo Orcagna, irmão de Andrea; «Vida dos padres no deserto», por Laurati de Siene (1350); «Assumpção», attribuida a Simone Memmi; «Historia de São Renier, padroeiro de Pisa», por Andrea, de Florença, e P. Barnaba; o mesmo assumpto, por Antonio Veneziano; Vida de São Ephése, por Spinello Spinelli.

Grande numero de esculpturas, de sarcophagos,



de estatuas, de fragmentos antigos ou da idade media estão dispostos nos porticos.

O ceu dôce de Pisa associou-se a todos os grandes artistas que trabalharam para o «Campo Santo», distribuindo a luz e as sombras.

Em Pisa tudo representa a vida ; nada representa a morte ; nem mesmo o cemiterio.



DA CÔR NA PINTURA

Quando entro em qualquer museu de pintura, ou quando visito exposições de quadros — o que me tem acontecido muitas vezes nas minhas viagens —, passados que sejam alguns instantes de observação, facilmente descubro, não tanto o merecimento real da composição, mas o estado psychologico, a disposição de espirito, ou antes, para que assim o diga, a compleição moral do artista que a produziu.

Isto, que se dá commigo, dá-se, parece-me, com toda a gente que tem olhos para ver, ainda mesmo que em coisas de arte seja um simples curioso.

Entrando n'esses interessantes e deliciosos certames — que o são a muitos respeito —, os meus olhos fixam-se para logo na distribuição, na accentuação, na verdade palpitante do colorido.

E se este é vigoroso; se me faz com que tactear uma folha de arvore, ou me estimula pruridos de saborear um pomo, ou me incita a dessedentar-me na veia crystalina d'um ribeiro, ou me acaricia o ouvido



com o remigio das aves e o olfacto com o perfume das flores, ou me transporta, n'um vôo, a longinquas paragens; se me faz ouvir claramente retininte o clarim da alvorada, ou me enlanguesce na celagem de um poente de estio; ou me expõe, bem a escancararas, o funcionamento de um cerebro e me faz surprehender a linguagem de uns olhos e me desperta pudicos desejos de beijar uns labios e me deixa contar as palpitações de um seio e, finalmente, me convida a entabolar conversa com o ser ali exposto á minha admiração,—eu sinto-me subjugado por aquelle fiel transumpto da realidade, bem substancial, bem authentica, e no intimo da minha alma exclamo: eis um grande artista!

E d'onde promana a força irreductivel que me impõe, mais do que me suggere, aquella exclamação?

Eu não examinei ainda a perfeição do desenho...

Não importa. A impressão, ou antes a serie de impressões que já experimentei sob o poder irresistivel do colorido, auctorisa-me a concluir, «á posteriori», que deve ser correlativa a perfeição do desenho.

Excellente a vista e excellente a disposição espirital do grande artista, que executou essa bella composição!

Eis que, passeando a vista, se me depara uma paizagem, em que as arvores me não dão a impressão da sombra, nem o tapete relvoso a da frescura, nem a dos animaes a do movimento, nem o horisonte a da longitude. E, não obstante, o desenho esta correctissimo, perfeito, denunciando um pintor que



estudou, que sabe, que é ou póde ser professor de pintura.

E eu, vendo a sua obra, sem lhe recusar merito relativo, digo para mim: eis um soberbo desenhador, — mas um colorista vulgar! Pouco invejavel seria, por certo, a disposição de espirito em que elle concebeu e executou a sua obra. Se não é effeito do seu temperamento, sem duvida alguma que na sua alma dominava, com despotica tyrannia, o prosaismo das realidades da vida, absolutamente avéssas a concepções onde naturalmente devem conjugar-se a harmonia e o vigor.

Na pintura, como na litteratura — mas sobretudo n'aquella — as producções artisticas dependem essencialmente das condições phisicas e moraes dos auctores.

Um orador, um poeta, só poderá produzir um discurso verdadeiramente sublime, quando estejam o seu corpo e o seu espirito em condições normaes de saude: «mens sana in corpore sano».

Chateaubriand disse que é impossivel escrever bem quando se soffre.

Outro tanto diremos do pintor.

Se a acuidade da sua vista corporal não está em relação de egualdade perfeita com a acuidade da sua vista espiritual, as telas que produzir, hão de necessariamente resentir-se d'essa grande falta. E será o colorido, mais ou menos vigoroso e real, que denuncie irrecusavelmente o desequilibrio.

A parte, por assim dizer, tangivel dos objectos, é da alçada do desenho; a parte intangivel, isto é, o influxo vital, que os anima, pertence á côr.

Póde o artista ser um desenhador perfeito.; mas, como na hypothese acima figurada, não exceder a craveira de um colorido vulgar.

E' portanto, no colorido, que assenta, principalmente, o valor summo dos cultores da arte sublime de Miguel Angelo, de Raphael, de Ticiano de Murillo, de Rubens, de Correggio, do Grão Vasco e de Delacroix.



PORTUGAL E ITALIA

Se ha dois paizes na Europa que devam considerar-se irmãos, tanto pelas tradições gloriosas da sua historia, como pelos laços de uma sympathia nunca desmentida, são esses dois paizes a Italia e Portugal.

Na sua alta munificencia dotou-os Deus com largo quinhão de virtudes e de qualidades heroicas.

Ainda mais, como se quizesse enriquecel-os de quantos prodigios e maravilhas podem ser concedidos aos povos de sua eleição, deu a ambos o torrão abençoado, o clima fertilizador e o ceu esplendido; este ceu, que não tem rival, quando por manhãs formosas de inverno, o sol se ergue no horizonte illuminando as marges do Tejo ou reflectindo-se por sobre as aguas da bahia de Napoles.

Tão semelhantes, tão irmãos, são estes dois paizes na indole dos seus habitantes e na excellencia da sua natureza, que não ha pagina gloriosa na historia de um a que não corresponda pagina de igual fulgor na historia do outro.



O mundo tem-os visto a ambos nos dias de adversidade, nos longos annos de martyrio, a braços com o despotismo estrangeiro, invocar os nomes dos seus maiores e lutar com denodo e heroicidade pela terra sagrada da patria.

A nossa independencia foi cimentada com o sangue dos cavalleiros christãos, que palmo a palmo disputaram o territorio luzitano.

A essas gerações, que dormem o somno eterno á sombra da cruz e da espada, que lhes haviam sido, durante a vida, symbolo de combate, pertencem os primeiros capitulos da grande epopeia. E se um dia, para sempre infausto, puderam ser esquecidos os antigos brios conjunctamente com a provada lealdade portugueza, para dar entrada as hostes do duque de Alba, essa mancha foi resgatada sessenta annos depois nos campos da batalha, para sempre gloriosos, de Ameixial e Montes Claros.

Para a Italia foi mais longa e terrivel a provação.

A idade média viu-a debater-se no meio das encontradas ambições de tantas familias rivaes, que retalharam o seu solo e espalharam por toda a parte os horrores da guerra. Correram-lhe depois os annos entre os sobresaltos de esperanças patrioticas e os temores que o despotismo estrangeiro impunha com mão de ferro.

O seculo XIX raiou ainda testemunha de novas scenas de oppressão, e só, depois de mais de uma revolução mallograda, heroicas tentativas em que os martyres provaram a sua fé sobre o patibulo, é que a Italia, como acordada do seu longo somno, cheia de vida nova, aspirando a altos destinos, nobre, glo-



riosa, «una e indivisivel», se apresentou no congresso das nações a reivindicar entre ellas o seu logar de honra!

Sublime espectaculo o acordar de um povo! A Italia, que se fez admirar pela heroicidade dos seus generaes, como Garibaldi, ganhou depois da victoria direito a admiração universal pela sua clemencia e illustrada iniciativa, que em todos os ramos de administração prepara a prosperidade publica.

Garibaldi era um d'esses homens gigantes, que só as revoluções produzem para encadear com mão forte as ondas populares; era um genio de ferro, uma razão imperiosa, uma vontade inflexivel.

«Roma será nossa» — foram as palavras propheticas do valente general.

Victor Manuel tem um dos logares mais distinctos nos annaes da historia contemporanea.

Graças ao genio, graças á alta concepção e alto valor do filho de Carlos Alberto, a liberdade predominou em toda a Italia e com ella renasceu o socego e restabeleceu-se a ordem. A face que a Italia apresenta n'estes ultimos annos traduz a ventura e a prosperidade, que hão de elevar aquelle reino ao maior auge de esplendor.

A soberania da casa de Saboya data do seculo xi.

Ha setecentos e sessenta annos que, pela vez primeira, uma princeza oriunda d'aquella d'ynastia veio assumir o logar de rainha de Portugal, unindo-se pelos laços nupciaes a el-rei D. Affonso Henriques, um dos maiores principes de que faz menção a historia, porque deixou, com heroicos triumphos, firme e respeitada a sua corôa, como a attestam a celebra-



da victoria de Valdevez, os cercos de Guimarães e de Coimbra e as batalhas de Trancoso e Campo de Ourique.

A historia descuidou-se em registrar as virtudes da primeira rainha de Portugal; todavia, para se tornar illustre e resplandecente a sua memoria, escaparam algumas noticias, que servem para se formar um verdadeiro juizo sobre as suas virtudes e merecimentos. Das acções benemeritas da filha de Amadeu III legou o passado como memoria a fundação de um hospital, a edificação de algumas egrejas, de um mosteiro em Guimarães e a noticia de que era dotada de rara piedade e devoção, acudindo com largas esmolas aonde era mais occulta a pobreza.

E' o que basta saber para testemunho irrefragavel da gloria da sua fama.

No anno de 1521 foi a dynastia de Aviz que deu á Italia uma infanta, filha do grande rei D. Manuel.

Carlos III, duque de Saboya, esposou D. Beatriz a 27 de setembro d'este mesmo anno.

As distinctas qualidades d'esta infanta portugueza attrahiram o respeito de todos os seus vassallos e conquistaram-lhe o glorioso nome de «heroína».

Era tal a estima que lhe dedicavam, que, quando em 1522, Carlos III resolveu ir para Saboya, em consequencia de ter perdido o ducado de Milão, todas as cidades, possuidas do maior enthusiasmo, prepararam para recebê-la esplendidos festejos.

A recepção que lhe fizeram em Genova é, entre todas, a mais memoravel.

Era grande o enthusiasmo da população, a mili-



cia formava em parada, esperava para a conduzir um rico e magnifico carro triumphal e para a acompanhar trezentas mulheres, vestidas de amazonas; deram-se batalhas navaes e á noite houve surpre- henderentes fogos de artificio.

Teve de vida esta princeza trinta e quatro annos; morreu em Nizza aos 8 de janeiro de 1538.

Outra alliança com a dynastia de Saboya: o so- lio portuguez deu novamente logar a uma princeza de Italia, D. Maria Francisca Izabel, que chegou a Portugal a 2 de agosto de 1666, acompanhada pelo duque de Estrees.

Desembarcou em Belem a esposa de Affonso VI, que pouco tempo depois tinha de se sentar no thro- no ao lado de Pedro II, irmão do infeliz monarcha, que viu em um dia quebrar-se-lhe aos pés a corôa real.

Pouco tempo tinha de succeder a mulher de D. Pedro II á morte de seu primeiro marido. O mesmo anno viu succumbir o prisioneiro dos paços de Cin- tra e a princeza que a morte d'aquelle fizera rainha ao lado do homem escolhido pelo seu coração. D. Pedro, collocado entre o tumulto do irmão, que lhe déra a corôa, e o da esposa, que lhe levava a felici- dade, gravou para sempre na memoria o dia funesto de 27 de janeiro de 1668, em que se finou a filha de Carlos Manuel de Saboya, duque de Nemours e Au- male, ainda florescente de todos os dotes de mocida- de e belleza.

Deixou em disposições testamentarias muitos le- gados para casamentos de orphãos, resgate de ca- ptivos e sustentação de hospitaes, e bastantes esmo-



las para as religiosas mendicantes ; fundou um convento de freiras e mandou erigir duas capellas. E' o que a historia nos refere para podermos fazer o elogio de tão piedosa rainha.

Tem produzido bellos e excellentes fructos a arvore genealogica saboyana.

Victor Manuel assumiu o poder em 1849 e tinha casado com a princeza Maria Adelaide em 12 de abril de 1842.

Cinco filhos nasceram d'este enlace : a princeza Clotilde, os principes Humberto, Amadeu e Othon Eugenio e a princeza Maria Pia, nascida a 16 de outubro de 1847, que se uniu pelos laços matrimoniaes, em Turim, ao sr. D. Luiz I, rei de Portugal.

O sr. visconde da Carreira teve a elevada honra de ser encarregado por el-rei D. Luiz de ir pedir a mão da princeza Maria Pia a el-rei Victor Manuel, que o recebeu em audiencia solemne. O enviado portuguez apresentou as suas credenciaes e, em seguida, pronunciou um discurso, em nome de sua magestade D. Luiz I, rei de Portugal, pedindo a el-rei Victor Manuel a mão de sua alteza real a princeza Maria Pia.

Sua magestade respondeu ao sr. visconde da Carreira que recebia da melhor vontade o pedido, que lhe fazia em nome de sua magestade el-rei D. Luiz, da mão de sua muito presada filha a princeza Maria Pia, convencido de que semelhante consorcio assegurava a felicidade de sua alteza ; accrescentando que os novos laços de familia contrahidos entre as duas dynastias, consolidando antigas allianças, con-



tribuiriam poderosamente para a prosperidade das duas nações.

Tendo-se concluido d'este modo a audiencia solemne, o enviado portuguez foi conduzido pelo prefeito do Paço á camara, onde estava Sua Alteza Real a Príncipeza Maria Pia com Sua Alteza Real a duqueza de Genova, acompanhadas das damas de seu sequito, dos cavalleiros da sua cõrte e dos altos funcionarios do Estado; e, sendo apresentado á serenissima princeza o visconde da Carreira, teve a honra de dirigir a sua alteza os cumprimentos, recebendo a mais gentil e delicada resposta.

O contracto matrimonial assignou-se no dia 10 de agosto de 1861.

A noticia do casamento da filha de Victor Manuel, com o rei de Portugal foi acolhida pelo povo italiano, e pelos seus representantes com demonstrações, que bem provam a consideração e a sympathia que a briosa nação italiana professa pela nação portugueza.

A mensagem da camara dos deputados a el-rei Victor Manuel contém estes periodos:

«Com esta feliz alliança de familia offerece o rei de Italia um precioso penhor de affecto á illustre dynastia e ao povo generoso, que foram nossos amigos leaes nos dias de desventura e que foram dos primeiros a saudar a inauguração do novo reino italiano.

«Praza a Deus que por longos annos seja a futura rainha de Portugal ornamento do throno e symbolo de constante amisade entre as duas augustas familias e os dois povos.

Objecto de orgulho e satisfação para a Italia, este



feliz consorcio é o presagio dos destinos gloriosos que guarda a renascente civilização latina.

Senhor! As aclamações de todo o paiz acompanham unisonas a Vossa Magestade no seu jubilo paternal».

Foram brillantissimos, os festejos realizados em Lisboa por occasião dos felizes desposorios de el-rei D. Luiz.

Não ha penna que possa descrever a enthuasiastica expansão de alegria a que se entregou toda a cidade logo que as torres de S. Lourenço e de S. Julião da Barra deram as salvas geraes como annuncio da felicissima chegada a este porto da rainha de Portugal.

A população de Lisboa, na exaltação do enthu-siasmo e nobre manifestação de seus generosos sentimentos, parecia estar como possuida d'um grande excesso de loucura; corria, enlevada e absorta, de umas para outras ruas, sem saber para onde se dirigir, para onde fosse que mais se lhe proporcionasse e mais accessivel lhe podesse ser á vista a magestosa entrada da filha do grande rei Victor Manuel.

A pompa do Tejo, d'esse porto, d'esse magnifico panorama, que podia annunciar a capital da Europa, excedia toda a expectação.

O troar das bombardas, o estalar das girandolas, os repiques de sinos, o bulicio da cidade, os sons harmoniosos das musicas tudo concorria para dar



especial feição a este successo, que era desejado com tanta anciedade.

O mar estava de rosas. E o Tejo parecia sorrir-se com ineffavel ternura.

Logo que Sua Magestade a Rainha pisou o solo de Portugal, tão fausto acontecimento foi annuciado pelos mais festivos jubilos.

No Terreiro do Paço, em frente do caes das Columnas, levantou-se um pavilhão ou templo de hymineu, destinado a receber Suas Magestades e, durante a cerimonia da recepção, todos os altos corpos contituantes, a cõrte e a camara municipal. A area d'este pavilhão era de 350 metros e continha mais de quatrocentas pessoas, além das que estavam agrupadas nas escadarias e nas plata-fórmias.

O pavilhão, além da sua decoração, estava embandeirado e flanqueado por oito grandes mastros venezianos com galhardetes, tropheus, cestos de flores e folhagens. A praça tinha o aspecto de uma floresta. O remate da cupula do pavilhão era uma cõrõa real.

Sobre o friso, do lado do mar, estava gravada esta inscripção :

Da bella Italia estrella soberana
Sejas bem vinda á praia Lusitana

Do lado do norte :

Filha de reis heroes, de reis' heroes origem
Em nova Italia, os céus throno te erigem.

Felicitação da camara municipal de Lisboa:

«Senhor! A camara municipal de Lisboa saúda com verdadeira satisfação a entrada de sua mages-



tade a rainha n'estes reinos, como aurora esperançosa e de venturas para vossa magestade e para esta nação. Portuguezes, que temos como nossas as felicidades do nosso rei, não podemos deixar de celebrar com o maior jubilo este dia solemne. Apraz-nos devéras ser interprete fiel d'estes sentimentos do nobre povo, que representamos, offerecendo a vossas magestades as chaves da muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, como penhor da sua hereditaria fidelidade. Graças a Deus Todo Poderoso! Estão cumpridos os nossos mais ardentes votos: mais um ornamento de virtude no solio portuguez; mais um penhor de amizade para dois povos tão ricos de tradições gloriosas!»

O sr. D. Luiz agradeceu as manifestações de amor e respeitosa sympathia com que Lisboa acolheu a rainha, ao entrar no paiz que ella elegeu e que concorrerão para estreitar ainda mais os laços, que ha muito ligam Portugal á briosna nação italiana.

Concluindo, restituiu á camara municipal de Lisboa as chaves da cidade que lhe offecera e que ella sempre soube guardar com toda a lealdade.

A Italia é rainha das artes, berço da liberdade classica, patria de grandes poetas, mãe de heroes.

Portugal é e será, emquanto existirem brios verdadeiramente portuguezes, um paiz livre, altivo e independente.

Nenhum povo possuiu menos meios para ser grande, é certo; nenhum; todavia, se elevou com vôo mais rapido.



VISITA DO IMPERADOR DO BRAZIL A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Duas horas depois de chegarem ao Porto, no dia 1 de março de 1872, os imperadores do Brazil, o dr. Forbes procurava o primeiro romancista português para lhe communicar que o Imperador desejava receber a sua visita no Hotel du Louvre, onde o ficava esperando.

O sr. Camillo Castello Branco, porém, não podia annuir a este convite, em consequencia do seu mau estado de saude, com o qual se escusou. Horas depois, o sr. dr. Forbes renovou o convite e o genial escriptor igualmente se desculpou com os seus incommodos.

No dia seguinte, pela manhã, repetia-se a insistencia do venerando monarcha, que d'esta vez pedia ao sr. Camillo Castello Branco licença para o visitar em sua casa, pois que não lhe era possivel ir ao hotel.

A resposta do auctor do *Amor de perdição*, esse poema sublime e inimitavel da alma portugueza, foi que a sua casa era bastante pobre para receber Sua Magestade, mas tal como era estava ás suas ordens.

Pelas duas horas da tarde, o Imperador, acom-



panhado pelo barão de Itaúna, seu camarista, e pelo dr. Forbes, chegou a casa de Camillo Castello Branco, que o recebeu á porta da rua, merecendo por isso a censura, que, em palavras cordeaes o soberano lhe dirigiu, em razão do seu mau estado de saude.

Apenas entraram, o dono da casa apresentou ao Imperador o grande poeta Guilherme Braga, a quem Sua Magestade tratou com extrema jovialidade, convidando-o a sentar-se proximo de si, e não consentindo que lhe beijassem a mão.

Tornou-se assumpto de conversação o valor artistico de uns quadros que o insigne escriptor tinha na sala, mostrando o sr. D. Pedro II vastos conhecimentos de pintura.

O sr. Camillo Castello Branco, por esta occasião, offereceu ao seu augusto hospede um quadro com os retratos dos vinte e um primeiros reis portuguezes, pintado no reinado de D. João IV, segundo opinião competentissima.

O imperador do Brazil — a mais vasta e a mais rica das nações sul-americanas — agradeceu, comprazendo-se de possuir uma lembrança do grande mestre da lingua portugueza.

Successivamente, fallou-se de litteratura, tanto portugueza, como brazileira, materia sobre que o monarcha discursou largamente, com perfeito conhecimento de causa; dos livros do sr. Camillo Castello Branco, mostrando conhecel-os perfeitamente; e emfim dos fallecidos e chorados escriptores Gonçalves Dias e Julio Diniz, o primeiro o maior poeta do Brazil, o segundo, romancista portuense, muito ameno e observador da vida do campo.



A conversação por ultimo versou sobre assumptos de architectura, proporcionando ao nosso grande romancista ensejo para dirigir ao seu nobre interlocutor um cumprimento amavel e respeitoso.

Disse-lhe que, não obstante Sua Magestade vir do estrangeiro, onde teria admirado a famosa cathedral de Londres e outras maravilhas de arte, havia de ver com satisfação o edificio da Batalha, onde se acharia entre os seus, no meio de tumulos de avós.

O monarcha respondeu :

«Por certo; eu costumo, porém, separar o artista do homem».

N'esta aprazivel palestra se passaram tres quartos de hora, findos os quaes se retirou, apertando a mão a Camillo Castello Branco, a Guilherme Braga e ao sobrinho do eminente escriptor, o sr. José de Azevedo Castello Branco, então estudante notavel da Universidade e hoje par do reino, orador brilhante e diplomata sagaz.

O imperador encarregou depois o dr. Forbes de comprar e enviar-lhe todas as obras de Camillo Castello Branco, os *Fidalgos da casa mourisca*, de Julio Diniz e as *Heras e violetas*, de Guilherme Braga.

O sr. D. Pedro II, com quem Victor Hugo conversava longamente, visitou em Portugal tres homens de letras: os srs. Alexandre Herculano, Camillo Castello Branco e visconde de Castilho.

Sabios aturou os srs. Viale, Silva Tullio e Pereira Caldas, de Braga.



CAMILLO CASTELLO BRANCO

DEZESEIS DE MARÇO

Camillo Castello Branco, príncipe imperial da literatura portugueza, nasceu em Lisboa a 16 de março de 1825 e foi baptisado em 14 de abril do mesmo anno, na parochial egreja de Nossa Senhora dos Martyres, por monsenhor Antonio Ribeiro dos Santos Viegas.

Era filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco e de D. Jacintha Rosa de Almeida do Espirito Santo, ficando orphão muito cedo.

Camillo refere-se á sua orphandade innumeradas vezes, nos seus livros e em muitas poesias, especialmente n'esta :

Abrindo os olhos para ver o mundo
Oh mãe, não te encontrei !
Mostraram-me o sepulchro do teu nada,
E junto d'elle, erguendo as mãos sem mancha,
Creação, ajoelhei !



Sem ti, sem pae, deixado aos meus instinctos,
Esqueci-me de ti!
Cuidei que fôras astro passageiro
E desceras do nada ao seio escuro,
Quando, oh mãe, te perdi!

A poesia continúa, lamentando a sua orphandade tão de menino.

Como todos os portuguezes, em geral, Camillo era fidalgo, remontando a sua estirpe aos tempos de Affonso I, genro de Pelagio, fundador da monarchia de Oviedo e Leão.

Camillo, por mais de uma vez, foi aos archivos da propria familia buscar os personagens para os seus melhores romances.

Tinha razão, porque a sua familia fôra numerosa e vivera sempre em condições dramaticas e extraordinarias.

O personagem principal do inimitavel e incomparavel poema sentimental *Amor de perdição* era tio paterno de Camillo.

Camillo ficou orphão de pae aos nove annos. Elle mesmo conta a profunda impressão que lhe deixou no espirito infantil o cadaver do pae.

Foram estas as palavras que lhe ouviu:

«Que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!...»

Morto o pae, o conselho de familia mandou recolher os dois orphãos (havia uma filha mais velha) a Traz-os-Montes, confiados aos cuidados de uma tia paterna.

Camillo refere-se nos seus livros muitas vezes á



aldeia de Samardã, que fica entre as serras do Mezio e do Alvão.

Ali passou o futuro romancista a sua juventude, na companhia da irmã, que mais tarde casou com o medico Azevedo.

Os srs. conselheiros Antonio de Azevedo Castello Branco, jurisconsulto, orador parlamentar e poeta, em tudo insigne, e José de Azevedo Castello Branco, lucidissimo espirito, muito perito em letras e arte e conhecendo a fundo a estrategia politica, são filhos d'esse casamento.

Honram o tio.

Camillo foi o mais genuino representante do Romantismo em Portugal, não só nos seus livros immortaes, mas tambem na sua vida estouvada.

Da sua primeira estada no Porto, Camillo deixou memoria pelas rapaziadas constantes que fazia, especialmente n'um certo duello comico, que travou com um condiscipulo, para troçar a mania dos duellos, muito em voga então. Esse duello foi celebrado por elle em verso e esses versos publicados. Foi esta a sua primeira publicação.

Durante cincoenta annos, sempre com um vigor espantoso e uma vivacidade intangivel, interessou, ora encantando, ora castigando, uma sociedade inteira. Deixou, como Balzac, a sua «Comedia Humana».

A dôr santificou Camillo. Teve um filho, que morreu; outro, que enlouqueceu.

E, para a desgraça ser maior, uma neta, que era



o encanto orvalhado da sua velhice e da sua cegueira, morreu tambem.

E, assim, Camillo escrevia ou dictava prosa e versos, revolvendo-se n'um leito de espinhos, até que, n'uma hora de maior desespero, procurou descanço na morte. Suicidou-se no dia 1 de julho de 1890. Exhalou o ultimo suspiro ás 5 horas da tarde, durando apenas sete quartos de hora depois do tiro no parietal direito.

E assim acabou aquelle grande espirito, victima de uma allucinação momentanea e atroz!

Assim findou o cerebro mais potente do Portugal moderno, o genio assombroso de que os vindouros fallarão com respeitosa admiração, como uma das maiores figuras do seculo XIX, o seculo de Victor Hugo, de Lamartine, de A. de Musset, de Balzac, de Flaubert, de George Sand, de Almeida Garrett, de Alexandre Herculano, de João de Deus e de Castelar.

Camillo Castello Branco jaz n'um jazigo «alheio» do cemiterio da Lapa, no Porto.

Palavras de Alves Mendes :

«As cinzas de Camillo são uma herança nacional, que se deve manter como preciosa reliquia».

Camillo semelha o roble secular, ao qual só depois da queda se mede bem a grandeza.

As luminosidades intensas da alma de Camillo sentem-se no drama lyrico do sr. João Arroyo, que mais uma vez manifestou o seu portentoso genio — a verdadeira nobreza, mais — a unica realza, a que se deve prestar vassallagem.



D. ISABEL, A REDEMPTORA

Vive modesta e quasi obscuramente em Boulogne-sur-Seine, com o seu marido e os seus filhos, a princeza de mais nobre e preclara ascendencia, a mulher a quem mais deve a humanidade.

Na linha paterna encontram-se os reis portuguezes desde D. Pedro IV até D. Affonso Henriques, que em 1139 fundou a monarchia portugueza, e uma longa serie de imperadores e reis, de além Rheno, desde o imperador Francisco II até Santo Estevão, rei da Hungria em 997. Sua avó, a sr. D. Leopoldina Josepha Carolina, era filha do imperador Francisco II da Allemanha e I da Austria.

Na linha materna tem o avô, D. Francisco II, rei de Napoles; e um ramo dos Bourbons.

Refiro-me á virtuosissima princeza imperial D. Isabel, que por duas vezes governou o imperio do Brazil para começar e acabar a redempção do escravo.

A primeira lei que assignou estancou a fonte da escravidão, declarava livres os nascituros de escravas; tem a data de 28 de setembro de 1871; a se-



gunda, que é datada de 13 de maio de 1888, concedia liberdade plena, incondicional, a todos os escravos, que eram muitos milhares.

Leão XIII enviou a Sua Alteza Imperial a Rosa de Oiro, por embaixador especial.

Duas regencias gloriosas n'um reinado tão ditoso como foi o do sr. D. Pedro II — nenhum paiz teve: é facto novo na Historia.

A' Redemptora, que foi, seguiu-se o Anjo da Caridade, que tem sido e está sendo em França, acudindo a todos os infortunios, attendendo todos os pedidos de esmolas que lhe dirigem, a maior parte do Brazil.

Serena, modesta, resignada, esquecendo-se de si para pensar nos infelizes e na sua patria amada; orando por ella em preces de vigorosa e ardente fé; ensinando a seus filhos, que são rapazes muito sympathicos e bem educados, a serem tão brasileiros e tão amigos da terra em que nasceram como quando, creanças, escreviam em Petropolis, a Cintra brasileira, pequenos jornaes abolicionistas, em que manifestavam idéas de egualdade, que faziam a alegria e o orgulho do venerando avô de longas barbas alvas; a excelsa princeza Isabel tem conquistado no injusto exilio uma corôa, que nenhuma revolução lhe pôde arrancar. E' a corôa das santas.



RECORDAÇÕES DE THEATRO

O IMPERADOR DO BRAZIL

Uma noite memoravel do theatro de D. Maria :
Foi a noite de 9 de março de 1872.

O imperador do Brazil, D. Pedro II, que era nosso hospede, mostrára desejo de assistir, com sua augusta esposa e a sua comitiva, á representação do «Gladiador de Ravena», em que o insigne escriptor Latino Coelho, de gloriosa memoria, ostentava as mais fulgurantes e sublimes galas do estylo e em que Emilia das Neves, a tragica por excellencia, revelava todas as grandezas do seu genio.

Tratou-se immediatamente de satisfazer a vontade, lisongeira para nós, do imperial visitante.

Quatro camarotes de 1.^a ordem, os n.^{os} 11, 12, 13 e 14, foram reservados para suas magestades.

Engalanou-se, com sedas orientaes, preciosos cortinados, flores em profusão, escudos e corôas, com o distico P. II., a elegante sala dos espectacu-



los. O conjunto d'esses artisticos e vistosos ornatos, das luxuosas «toilettes» da primeira sociedade lisboense e da plateia e camarotes apinhados de espectadores selectos, produzia um effeito deslumbrante.

O sr. D. Luiz I, o rei litterato, a rainha a sr.^a D. Maria Pia, então no auge da elegancia e da distincção, e o sr. D. Fernando, o rei artista, occupavam a tribuna real.

A camara municipal de Lisboa estava completa, em um camarote.

Achavam-se presentes os mais illustres homens de letras, Teixeira de Vasconcellos, Pinheiro Chagas, Julio Cesar Machado, Ramalho Ortigão, Latino Coelho, Osorio de Vasconcellos, Bulhão Pato, etc.

A orchestra era regida pelo maestro Gomes Cardim, que ainda vive em S. Paulo, e os musicos de que se compunha trajavam todos casaca e gravata branca.

O spectaculo correu admiravelmente.

A presença imponente do imperador do Brazil, bem como a dos monarchas portuguezes e de muitas pessoas gradas, deu tal animação aos actores que o desempenho da peça, que é de origem allemã, attingiu, n'essa noite, uma harmonia e perfeição inexcediveis.

Os applausos foram conferidos entusiasticamente pelo auditorio, rompendo-os o sr. D. Pedro II.

Os soberanos brasileiros declararam que estavam satisfeitissimos com o spectaculo a que tinham assistido e que levavam a melhor impressão dos nossos artistas dramaticos, alguns dos quaes já tinham apreciado no Rio de Janeiro.



O maestro Cardim offereceu a Sua Magestade Imperial a partitura de uma symphonia, intitulada a «Brazileira», que fóra tocada antes de subir o panno.

O imperador agradeceu e disse ao auctor que lhe agradára muito o seu trabalho.

No elegante theatro da Trindade, fundado, havia poucos annos por iniciativa de Francisco Palha, assistiu o imperador do Brazil á representação da celebre comedia de Molière «Medico á força», traduzida primorosamente pelo illustre cantor de «A Primavera».

Sua Magestade, que era litterato, quiz prestar um testemunho de admiração á memoria do maior comediographo francez e de sympathia ao grande talento do traductor.

O sr. visconde de Castilho, que no intervallo do 1.º para o 2.º acto foi tributar os seus respeitos a quem assim o honrava, foi por Sua Magestade deitado no camarote, d'onde assistiu ao 2.º acto, presenceando a satisfação com que o imperador e a imperatriz animavam os actores, que todos n'essa noite se excederam a si proprios, em perfeição e graça.

No intervallo do 2.º para o 3.º foi Sua Magestade mesmo quem, desejando o sr. visconde de Castilho voltar para a caixa do theatro, onde tinha alguma coisa que recommendar, lhe deu o braço e o acompanhou até ao palco, onde se conservou alguns minutos, expressando a Taborda quão satisfeito estava



com a representação, em que tanto se distinguiram todos, especialmente elle e Delphina.

No Gymnasio os imperadores do Brazil assistiram a um espectáculo composto do drama «Arte, patria e caridade» e das comedias «O lenço branco. Não falta nem sobeja nada a minha mulher e Rosario, batina e chambre».

A orchestra do theatro executou o hymno brasileiro e o actor-auctor Braz Martins recitou uma poesia de sua composição, saudando o sr. D. Pedro II, a qual foi muito applaudida.

O rei D. Fernando e sua esposa compareceram.

Em S. Carlos houve recita de gala, com a opera «D. Carlos» e o bailado «Dançarina». Ouviram-se de pé os hymnos portuguez e brasileiro.

Os imperadores do Brazil estiveram sempre no camarote dos reis de Portugal.

O sr. D. Pedro II tinha a tiracollo a grã-cruz de S. Thiago, que lhe fôra offerecida pelo sr. D. Luiz I. Deu honra á insignia roxa.



O IMPERADOR DO BRAZIL

E

O SR. ALEXANDRE HERCULANO

No dia 17 de Junho de 1871 foi o sr. Alexandre Herculano ao Lazareto cumprimentar o Imperador do Brazil D. Pedro II, que não acceitára a corveta *Estephania*, offerecida pelo seu real sobrinho, o sr. D. Luiz I, para fazer a quarentena de 8 dias, imposta pelas auctoridades do porto e da saude aos passageiros do vapor *Douro*, que conduzira do Rio de Janeiro a Lisboa os Imperadores do Brazil.

O Imperador escreveu uma carta a El-Rei, pedindo-lhe que em nada se alterassem as determinações legaes.

Foi sempre um escravo da lei este grande cidadão, como lhe chamou Victor Hugo.

Sua Magestade Imperial, conhecedor do notavel merecimento do primeiro historiador de Portugal, professava pelo eminentissimo escriptor a mais dedi-



cada consideração e poudo afinal significar-lh'a nos termos mais expressivos e lisongeiros.

Foi demorada a entrevista, na qual o neto de Marco Aurelio combateu forte e energicamente o desalento em que se achava o sr. Alexandre Herculano, fazendo-lhe ver quanto lhe cumpria, para honra sua e da patria, voltar aos seus trabalhos litterarios e não se entregar todo e exclusivamente á lavoura.

Desculpou-se o genial ermitão de Valle de Lobos com a sua idade avançada, com os seus achaques e ainda mais com as suas descrenças e delusões, considerando inutil deixar o arado pela penna e entregar-se novamente aos livros e ao estudo.

O sr. D. Pedro II, na sua longa conversa com o illustre historiador, não esqueceu que elle era tambem um perfeito cultivador de azeite e por isso lhe pediu uma amostra do producto mais aperfeiçoado da sua colheita.

Sua Magestade queixou-se da má qualidade do azeite servido no Lazareto, gostando aliás a Imperatriz, muito, de peixe, prato este que não dispensava.

O sr. Alexandre Herculano accedeu gostosamente e logo enviou um homem a Valle de Lobos para d'ali trazer a amostra.

O grande historiador foi de novo ao Lazareto para entregar a bilha de azeite.

E assim um dos mais eruditos sabios modernos offerencia um producto do seu trabalho agricola ao monarcha illustradissimo, que se declarava admirador e respeitador do genio do creador do *Eurico* e do poeta sublime da *Harpa do crente!* Em uma carta



do Imperador ao sr. Alexandre Herculano, escripta de Hespanha, trata-o de *meu velho amigo*.

Depois de ter visto a Hespanha, a França, a Italia, a Inglaterra e o Egypto, sendo venerado em toda a parte, regressou Sua Magestade, com a virtuosissima Imperatriz, a Portugal no dia 29 de Fevereiro de 1872, oito mezes depois da partida.

A 10 de Março, o Imperador, acompanhado pelo seu medico, pelo ministro do Imperio do Brazil em Lisboa e pelo sabio Silva Tullio, partiu n'um comboio expresso para Santarem, d'onde seguiu para Valle de Lobos, em carruagem descoberta.

O sr. Alexandre Herculano recebeu Sua Magestade com a franqueza que o caracterisava e sem a etiqueta, que o Imperador e o logar muito bem dispensavam.

O sr. D. Pedro disse ao grande historiador :

«Soube que estava doente e que por isso não podia ir a Lisboa : vim eu cá. Deus concedeu-me saúde e forças».

E assim o soberano de um dos mais vastos e mais ricos paizes do mundo satisfez o desejo de conversar familiarmente com um verdadeiro sabio.

Mais um florão para a immortal corôa de gloria de Alexandre Herculano.

Esta visita não foi só um preito de homenagem conscienciosamente prestado ao mais illustre dos escriptores portuguezes : foi tambem uma entrevista amavel de duas augustas realezas, ambas comprehendendo-se pela magnanimidade dos corações.

Na historia das outras nações não se encontra facto de tão eloquente significação, como o da fami-



liaridade d'esta notavel visita, que, revelando o espirito justo e illustrado de um monarcha liberal, honrava condignamente um homem superior, que se nobilitou pelos esforços do trabalho e pelo poder de admiravel talento.

Foi um grande exemplo de justiça e respeito, que todos os monarchas deviam imitar.

O sr. D. Pedro II, pela sua prudencia e illustração, era o mais estimado soberano do seculo XIX.

Em Valle de Lobos foi servido um almoço campestre, em que o grande historiador só apresentou iguarias feitas de productos da sua lavra ou de aves apanhadas na sua propriedade, sendo servidos á meza por moços de aldeia, com os seus caracteristicos e pittorescos trajos.

O imperador conversou com o sr. Alexandre Herculano sobre variados assumptos scientificos e artisticos, mostrando mais uma vez a sua competencia e admirando a erudição do seu magnanimo hospedeiro.

Concluida a visita, o sr. D. Pedro, que desejava demorar-se em Santarem para ver a igreja da Graça, onde estão fechados n'um tumulto os restos de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, agradeceu, commovido, ao sr. Alexandre Herculano a sua generosa e captivante hospitalidade, abraçando-o com lagrimas nos olhos.

Tinha alma este grande monarcha brigantino!

Foi amado por Victor Hugo e Alexandre Herculano e venerado por todos os povos.



VICTOR HUGO

Ho sr. Guerra Junqueiro

Vinte e dois de maio de 1885 é a data mais luttuosa do seculo XIX.

N'esse dia, a melhor porção da humanidade, aquella que sabe ler, disse, ou pelo menos sentiu, esta phrase terrivel: «Morreu Victor Hugo!»

Victor Maria Hugo, grande e mysterioso como Dante, colossal e vingador como elle, tem a simplicidade e a grandeza de Homero, a graça de Virgilio, a eloquencia e a originalidade de Sophocles, a grandeza de Eschylo, a força e a amplidão de Shakespeare, emfim, é da raça dos Prometheus.

Encheu de luz o mundo moral.

Em todas as luctas, quer politicas, quer litterarias, Victor Hugo obteve sempre a victoria:

Pelas palavras e pelo exemplo, elle foi de todos os grandes homens do seu seculo o que mais contribuiu a elevar a Humanidade.

Tudo elle sondou, desde os choques violentos, a sensação produzida pelo embate das faculdades col-



lectivas em acção, até o veio mais mysterioso e mais intimo da natureza humana.

Victor Hugo foi adorado por uma geração de genios, que principiou em Chateaubriand e acabou em Zola, que, depois de exercer o direito de critica, reconheceu a suprema soberania do Mestre.

«Victor Hugo foi a minha mocidade» — escreveu o auctor dos «Rougon-Macquart» n'uma carta dirigida a Georges Hugo e publicada no precioso livro «Victor Hugo devant l'opinion».

Victor Hugo não teve uma queda, não teve uma derrota, não teve a ilha de Elba nem a ilha de Santa Helena, que são dois desastres: teve a ilha de Jersey e a ilha de Guernesey, que são duas apotheoses.

Victor Hugo era excessivamente grande; occupa, no seculo XIX, quasi toda a historia de França.

Na politica, na litteratura, na philosophia deslocou tudo, porque elle era a expressão mais vasta e mais concreta da humanidade, aspirando á Justiça, procurando a Verdade, encarnando a miseria dos seculos para arrancar d'ella, como de uma noite opaca, o sol da redempção do mundo.

O que elle podia colher de grande, de bom, de verdadeiro dava-o á creança, á mulher, a tudo que era fraco e enfermo, porque o auctor dos «Misera-veis» queria tudo forte, são e alegre.

A sua doutrina humana é igual, se não superior, á doutrina celeste de Jesus.

— Eu teria perdoado a Judas, se fosse o Christo! — exclamou elle n'um soberbo verso.

«Nossa Senhora de Paris», «O homem que ri», «Os trabalhadores do mar», a «Historia d'um cri-



me», as «Punições», «As orientaes», as «Lendas dos seculos», a «Arte de ser avô», as «Contemplações», as «Canções das ruas e dos bosques», «Han de Islandia», «O anno terrivel», «Napoleão minuscuro», «Hernani», ficarão como balisas do poder do espirito humano em meio do oceano dos tempos.

Victor Hugo conseguiu encher de idéas, de glorias e de abnegação um seculo.

E' maior do que Napoleão I.

Era o direito reivindicado, a liberdade readquirida, a colera sagrada, a garantia da ordem, a expansão do espirito latino.

Em toda a sua obra immensa ouve-se esta grande voz:

*En face du soleil sacré, qui nous éclaire,
J'apporte ma vieille âme, et ma vieille colère !*

Esta velha alma é um juiz e esta velha colera é um julgamento: ambos combatem pela justiça e pela liberdade, que é um acto de justiça.

Em todos os seculos por vir, qualquer pessoa dirá de Victor Hugo. «Amo-o pelo interesse que elle tomou por mim.»

«Foi o protector amoroso de todas as miserias — disse o italiano Edmundo de Amicis nos seus *Retratos Litterarios* — dos desherdados da natureza, dos abandonados da terra, de quem não tem patria, de quem não tem liberdade, de quem não tem esperança, de quem não tem luz».

Alexandre Dumas Filho, ao tecer-lhe o elogio na



Academia Franceza, lembrou aos astrônomos a ideia de se designar uma nova estrella com o nome de Victor Hugo.

*

Morrer não é desaparecer. Victor Hugo viverá na força vital que transmittiu ás suas obras geniaes. Galgando a eterna morte, assentou-se na eterna vida.

As suas ultimas palavras foram :

Creio em Deus!

A grandeza humana é isto : é Victor Hugo — um Crente.



GUILHERME BRAGA

Em todo o tempo e mesmo nas épocas mais agitadas e menos sujeitas a uma disciplina e a uma crença, tem havido almas ternas, sensíveis, ferventes, transportadas em extase ás regiões absolutas da Verdade, da Belleza e do Amor.

Guilherme Braga, astro fulgurantissimo da litteratura portugueza, amou um constante ideal, um ser angelico que elle sonhava, a immortal Belleza, a Harmonia, a Musa.

Como Lamartine, podia dizer :

Mon âme a l'oeil de l'aigle et mes fortes pensées,
Au but de leurs désirs volant comme des traits,
Chaque fois que mon sein respire, plus pressées
Que les colombes des forêts,
Montent, montent toujours, par d'autres remplacées,
Et ne redescendent jamais!

Guilherme Braga possuia um talento poetico igual ao de Victor Hugo.



Os seus primeiros versos revelavam muita disposição natural para a poesia..

São de 1859 (tinha o poeta 14 annos) estas lindissimas quadras — *Flôres sobre um tumulo* :

Roseira de brancas flôres
Que perdes sobre esta lousa,
Deixa cahir teus perfumes
Sobre quem n'ella repousa.

Flôr mais pura que as estrellas
Era essa virgem querida,
Que veio pedir-te a sombra
Na primavera da vida.

Tive-lhe amor desde a infancia
E sei que dôce harmonia
Entre esse archanjo formoso
E o mundo todo existia.

Mas ai! se a luz das estrellas
Ainda os espaços corta,
Se a terra floresce ainda,
Ella — ai de mim! — ella é morta.

Sobre uma flôr chovam flôres!
Se n'este pobre moimento
Ninguem vem desfolhar goivos,
Cubra-o de rosas o vento.

E a virgem que n'estes ermos
Passar da lua aos fulgores,
Fique sentada sobre elle,
A scismar nos seus amores.



E' dos 15 annos a primorosa traducção da poesia *Os pobres*, de Victor Hugo; em trezentos e tantos endecassyllabos impecaveis.

Na poesia lyrica, Guilherme Braga attingiu a sublimidade na elegia *Cadaveres*, que é, diz o grande critico *Bruno*, uma das raras paginas supremas, definitivas, em nossa moderna litteratura, e nas blasphemias suggeridas por quatro mortes de filhos queridos.

No enterro de Laura é o grito dilacerado da maior dôr humana.

Em nenhuma litteratura estrangeira ha composiçãõ que se lhe eguale em sentimento e desespero.

Hei de orar ? mas na sombra da consciencia,
Não me luzem, cá dentro, ignotos brilhos !
Hei de crêr ? mas a mão da Providencia
Tem garras para mim... rouba-me os filhos !

O livro *Heras e violetas* abre com esta lindissima quadra :

Junto á modesta flôr que o proprio musgo ensombra,
O amor tornado em planta, o affecto inanimado !
As *heras* são da ruina ; as *violetas* da sombra...
E' sombra o mèu futuro ! é ruina o meu passado !

Grande poeta lyrico, Guilherme Braga foi um dos maiores poetas de combate, no seculo XIX.

Fulminou as tyrannias politica e religiosa, com arrojo indomavel, e entoou hymnos ardentes á liberdade — a *estrella redemptora*.

Os falsos apóstolos, pamphleto cheio de indigna-



ção, é um grito de dôr, de colera, de protesto contra o Ultramontanismo, fanatico, impostor.

O bispo do Pará excommungou o altivo poeta portuguez, por hereje.

Guilherme Braga, por sua vez, excommungou o prelado reaccionario, em nova heresia em verso —
O *Bispo*.

Eis a excommunhão :

Advertencia ao Bispo do Pará

Embora sobre mim péze
O teu anathema ahi,
Eu, bispo d'outra diocese,
Tambem te excommungo a ti !

O *Bispo* é a objurgatoria mais violenta, o repto mais vivo, a exprobração mais energica, o libello mais audaz, que póde lançar-se a um padre mitrado.

No *Bispo*, ha arte perfeita e pomposa, ha colera sincera, ha ironia cruel, ha tudo o que constitue uma obra prima, que Théophile Gautier, o incomparavel artista dos *E'maux et Camées*, assignaria com orgulho.

Um pintor celebre admiraria o quadro da antiga cathedral, no *claro azul de um frio céu de inverno*, sobre a collina onde a cidade dorme.

O anathema, fragmenta do «*Syllabus*», lançado pelo bispo ao Progresso e á Liberdade, *gêmeos filhos do Mal, irmão e irmã do Crime*, lembra uma das immortaes verrinas de Cicero.



A um cura de almas (o cura Santa Cruz) termina com estes alexandrinos:

Não ha no Vaticano um raio que te esmague,
Mas na mão de Jesus flammeja o azorrague!

Deixou muitas outras produções valiosas o maravilhoso engenho de Guilherme Braga.

Os Eccos de Aljubarrota são um brado patriótico — o protesto de uma alma.

O auctor, *que não conhece o caminho do paço*, dedica-os ao rei D. Luiz.

Escreveu a parodia *O mal da Delphina* ao poema de Thomaz Ribeiro *A Delphina do mal*.

E' um modelo de gracejo. Thomaz Ribeiro manifestou-se alegremente: riu.

Na poesia que elle recitou (e como recitava!) na noite do espectáculo de gala, no theatro de S. João do Porto, a commemorar o anniversario da entrada do exercito libertador, em 9 de julho de 1872, com a presença do rei D. Luiz e da rainha D. Maria Pia, ha estas estrophes:

E' justo que um grande povo
Lembre os seus feitos de gloria;
Não póde rasgar se a historia
Que immortal resplende já!
Emquanto ás margens do Douro
Se elevar este baluarte,
Só dos livres o estandarte
Sobre elle tremulará.
.....
Quem ha que possa esquecer-se,
Entre os laureis do combate,



Da aurora do seu resgate,
Que o povo inteiro bem diz ?
Quem não mostra aos estrangeiros,
Com nobre, férvido orgulho,
O dia nove de julho
Na historia do seu paiz ?

Foi aqui, foi n'este fóco
De liberdade perenne,
Que do povo a mão solemne
Quebrou d'um Nero os grillhões,
Fomos nós que lhe oppuzemos
Heroicas linhas, crestadas
A' luz das suas granadas,
Ao fogo dos seus canhões !

.....
Tu, que em sangue mitigavas
A sêde que te devora,
Tu, que tinhas por aurora
A luz dos autos de fé,
Milhafre do jesuitismo,
Que paira por sobre o Porto,
Se julgas que elle está morto,
Vens encontral-o de pé !

Querias vir acolher-te,
Àve de sangue e rapina,
D'estas muralhas em ruina
Sob os inclitos brazões ?
Vae chumbar tuas algemas,
Aos debeis pulsos dos cafres !
Não fazem ninho os milhafres
Na caverna dos leões !

Não se descreve o entusiasmo que produziram
estes versos calorosos.

Guilherme Braga era insinuante e gentil; rosto



pallido ; olhos, bigode e cabellos negros ; corpo apurado, mãos finas, voz agradável.

Junte-se a todos estes predicados o genio — um genio authenticico.

Nasceu no Porto no dia 22 de Março de 1845 e falleceu na mesma cidade a 26 de Julho de 1874.

Guilherme Braga, que foi o idolo e que é uma gloria do Porto, está sepultado no chão do cemiterio de Agramonte.



BOCAGE

(ELMANO SADINO)

Reinava D. José I e governava Sebastião José de Carvalho e Mello, quando foi dado á luz, em Setubal, aos 15 de setembro de 1765, segundo o sr. José Feliciano de Castilho, um rapaz, fadado para poeta :

Versos balbuciei c'o a voz da infancia

Era filho do bacharel José Luiz Soares de Barbosa, antigo juiz de fóra em Castanheira de Povos, ouvidor em Beja e, por fim, advogado em Setubal, e de D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, filha do francez Gillot Le Doux du Bocage, que chegou ao mais alto posto da marinha portugueza — almirante.

Depois de concluir os seus estudos, Manuel Maria de Barbosa du Bocage assentou praça no regimento n.º 7, aquartelado em Setubal ; d'ahi a dois annos, passou a servir na armada, na qualidade de guarda-marinha.



Em 1785, tendo de idade dezenove para vinte annos, eil-o tenente de infantaria, nas vespervas de partida para os Estados da India, com escala pelo Rio de Janeiro, onde desembarcou.

Lá serviu por espaço de quatro annos. Que vivas impressões não despontariam no seu espirito superior, visitando os antigos logares das nossas glórias militares e maritimas?

Que profundo contraste não conheceria elle, contemplando os monumentos d'aquella audaz conquista, e vendo em torno de si os netos degenerados dos valorosos aventureiros portuguezes, que haviam enchido o mundo com a gloria do seu nome, alargando os seus limites e sujeitando-os ao dominio d'este pequeno reino de noventa leguas, sumido nos confins do occidente!...

Tudo era novo para um poeta inspirado; tudo lhe devia exaltar a mente e engrandecer as faculdades intellectivas: o mar, nas meiguices da bonança ou nos furores da tempestade; a natureza luxuriante e maravilhosa da Asia: os caprichos phantasticos do seu clima; as tradições que rebentavam prestigiosas em cada pedra ainda tinta de sangue heroico, em cada muro de fortaleza ainda rasgado pelos pelouros e machinas de guerra.

Deveria ter sido profunda e decisiva a influencia d'esta viagem no grande coração do poeta, se os tempos fossem outros, se Bocage não tivesse de desperdiçar o genio na tumultuosa agitação de uma vida incerta e atravessada por prazeres frivolos.

O seu temperamento irascivel e o seu espirito sa-



tyrico deram origem a varios desgostos que soffreu em Gôa.

Irritou profundamente o capitão-general da India, D. Frederico Guilherme de Souza, publicando contra a sua amante a satyra obscena, que tem por titulo *Manteigui*.

Foi mandado para Macau, em fins de 1788 e lá se demorou até ao anno de 1790, em que voltou para Portugal, demittido do seu posto e sem nenhuns meios de fortuna.

Este rigor excessivo, que o character acerbo do poeta não justifica, traduz a guerra continua e implacavel que a mediocridade intenta contra os talentos, que a assombram e as vocações que a deslumbram. Não ha nada mais revoltante do que a estulticia vingativa.

A sua chegada a Lisboa marca-se pela sublime elegia, que consagrou á morte desastrosa do filho do marquez de Marialva, afogado no Tejo, quando seguia, de noite, rio abaixo, para a romaria da Nazareth.

O gosto das letras não havia fallecido totalmente em Portugal. A' primeira Arcadia, que contára entre os seus membros poetas distinctos, como Garção, Quita e Diniz, succedeu a segunda, em que Manuel Maria Barbosa du Bocage e José Agostinho de Macedo, frade graciano, expulso da sua ordem por frascário, deviam tomar um logar importante; ambos irasciveis, travaram uma lucta de amor-proprio, que, para gloria de ambos, deveria ter sido extincta da historia litteraria do tempo.

Foi por causa d'estas rivalidades litterarias, e



d'estas rixas poeticas, que Bocage se abandonou a todo o fogo do improviso.

Repulso da Nova Arcadia, Bocage fez dos botequins de Lisboa a sua Academia.

Era n'esses centros de conversas politicas que Bocage vibrava o latego do epigramma e da satyra.

A ninguem poupava a musa de Elmano.

Da *Pena de Talião*, diz Rebello da Silva, que, pela vehemencia da phrase, do conceito, do verso, do pensamento, essa incomparavel satyra denuncia a mais valente imaginação, o mais fogoso estro que nunca houve em Portugal.

D'essa vez a aguia, levantando o vôo soberbo, cahiu de chofre, com as pennas banhadas no esplendor da inspiração, sobre José Agostinho de Macedo, que a provocára, e em cujo cachaço fradesco ficou para sempre gravada a marca infamante.

Julgado, pelo Intendente Manique, auctor de poesias impias, sediciosas e criticas, Bocage foi preso e entregue á Inquisição. Das masmorras inquisitoriaes passou á reclusão no mosteiro de S. Bento, onde a convivencia dos frades d'essa ordem, varões mais ou menos sabedores, o incitou a varios emprehendimentos, entre elles o da traducção das *Metamorphoses*, de Ovidio.

Readquirindo a liberdade em 1801, o padre José Marianno da Conceição Velloso, director da Imprensa Régia, encarregou-o de fazer traducções de poemas didacticos francezes.

José Agostinho julgou desconsiderados os seus poemas didacticos, como a *Contemplação da Natu-*



reza: travou-se terrível polemica, de que Bocage sehiu triumphante.

Filinto Elyσιο, que lhe reconhecía dons de genio, proclamou-o o seu continuador.

Bocage fez escola: em volta d'elle, reuniu-se uma phalange de poetas *elmanistas*, que se juntavam na *Arcadia das Parras*, como se chamava ao botequim de José Pedro da Silva, no Rocio, em um gabinete denominado *Agulheiro dos sabios*.

Tendo de ausentar-se para França a Marqueza de Alorna, em casa de quem vivia a irmã do grande poeta, D. Maria Francisca, foi ella para a sua companhia, encetando então Manuel Maria uma vida regular de trabalho, principalmente fazendo traducções do francez.

Trasladou para portuguez purissimo o celebre romance de Bernardin de Saint-Pierre *Paulo e Virginia*, *Os Jardins*, de Delille, *As plantas*, de Castel, e *O consorcio das Flores*, de Lacroix.

A primeira edição das suas obras, impressa em 1791, debaixo do titulo de *Rhytmos*, havia-lhe alcançado não só a boa opinião dos doutos, mas tambem a aura popular, que vale muito mais.

Bocage lera os philosophos do seculo xviii e adivinhára as modificações que a sociedade moderna tinha de soffrer, em nome dos nobres principios proclamados pela Revolução Franceza.

O maior sonetista de todos os tempos teve o presentimento da sua morte prematura.

Pouco antes de cahir doente, havendo-lhe morrido uma sobrinha de cinco annos e tendo expirado na mesma casa, sita na travessa de André Valente, um



homem de sessenta annos e uma donzella de dezoto, o *sceptico*, o *indifferente*, sentiu os terrores da morte e, n'um bellissimo soneto, denunciou as amarguras, que a alma sente, em presença de um tão medonho espectáculo. Depois, illuminada a phantasia por um raio de fé, exclama:

Ah ! porque tremes, louco ? Ah ! porque pênas ?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas de ouro, em regiões amenas.

O fervor religioso acordou-lhe n'alma durante a cruel doença — um aneurisma nas carotidas ; porém, revelára-se com todos os extasis de viva crença, na preciosa collecção de *Novos Improvisos*.

Ha sonetos de Bocage que reproduzem todo o espiritualismo plangente, que depois se admirou em Lamartine e em Victor Hugo.

A inspiração do poeta era superior ás duvidas amargas do philosopho e do sceptico.

Quando a sua alma bondosa se sentia tocada de intima e mysteriosa adoração ; quando a blasphemia lhe morria nos labios, afastada pelas supplicas e gemidos do amor, quando se esquecia das repugnantes orgias aonde procurava esquecer os pezames do coração, a sua Musa tornava-se irmã da de Camões.

Camões e Bocage — orgulhe-se Portugal por ter sido berço de dois vultos tão ingentes, de dois verdadeiros genios !



TAINÉ

A França acaba de pagar a sua divida á memoria de Taine. E' na cidade que lhe deu o berço, Vouziers, que se levanta o monumento.

A França cumpriu o seu dever: isso, porém, não basta, pois que a influencia das maximas de Taine foi universal.

A humanidade inteira lhe deve homenagem.

Do principio ao fim da sua vida, que foi de 65 annos, mantem completa independencia e a mais assombrosa unidade.

Nunca deixou de pertencer a si proprio.

Dos grandes cerebros que illustraram a França no seculo XIX, o mais equilibrado foi o do auctor do tratado precioso «Da intelligencia».

Com a penna, segura, na mão, ordena os factos em vista das consequencias; remonta ás causas geradoras e desce aos resultados ultimos, que elle julga immediatamente.

A sua logica é imperativa.

A' philosophia, á historia, ás letras classicas, Taine juntou a philosophia, a anatomia, as sciencias



naturaes, as mathematicas, tudo estudado com ordem, sem pressas e sem ostentação.

Um dos seus mais elevados conceitos é este :

«Deve-se estudar tudo, não pela metaphysica, mas pela physica».

Outro preceito :

«A vida apresenta os problemas ; a intelligencia dá-lhes fôrma precisa ; a sciencia progressiva esforça-se pe'a sua resolução, por meio de experiencia e observações comprobatorias».

A preocupação historica revela-se em toda a obra de Taine : «La Fontaine e Tito-Livio, Historia de litteratura ingleza, História das origens da França contemporanea, Viagem na Italia, etc».

Para que não lhe attribuissem desígnio politico, declarou que era um livre naturalista, examinando as obras e os costumes dos homens como procederia com os costumes das abelhas e das formigas.

Taine era alumno da Escola Normal, em 1848.

Teve como condiscipulos J. J. Weiss, o futuro critico, Edmond About, Prévost-Paradol, Francisque Sarcey, que se tornou celebre, e o futuro cardeal Perraud.

A revolução propagava-se pela Europa. Havia ardores nas luctas : Taine distinguia-se pela sua frieza.

Desagradavam-lhe as utopias.

Lia Aristoteles, Platão, Seneca, S. Jeronymo, Santo Agostinho, Abelard, Gerson, Raymond Lulle, Bacon, Fichtz, Hegel, Spinosa, Descartes, Augusto Comte, todos os antigos e todos os modernos em que se encarnasse um pensamento pela explicação dos grandes mysterios.



Em cada um procurava o segredo das suas conclusões, das suas aspirações, da sua raça, do seu paiz e do seu seculo.

«Rien d'humain ne lui fut étranger» — diz Foucauld.

Não se pôde elevar mais um homem.

A Academia Franceza não se fez representar na cerimonia inaugural do monumento a Taine, que foi um dos seus membros mais gloriosos.

A Academia Franceza commetteu uma falta muito censuravel, que, por certo, augmentará o seu desprestigio.

Não ha só indifferença no seu procedimento incorrecto; ha ingratição.

A maior parte dos escriptores modernos, especialmente os criticos, alguns dos quaes pertencem á Academia Franceza, devem a Taine o melhor do seu cerebro. Foi este grande philosopho quem implantou a verdade na arte e na critica.

Taine é um dos mais completos representantes do genio latino.

Honra o genero humano.

Lendo-se qualquer das suas obras profundas — porque elle foi um estudioso toda a sua vida — sente-se que se eleva o nosso espirito.

O contrario succede com a peste litteraria, que dimana actualmente de Paris.

O governo da Republica Franceza fez-se representar por um orador brilhante na inauguração do monumento a H. Taine, patenteando completa comprehensão dos seus deveres.

As Academias decahem tristemente.



ALPHONSE KARR

Inaugurou-se em Saint-Raphael, uma das estações mais bellas da *Côte d'azur*, a preferida por artistas, uma estatua ao celebre escriptor Alphonse Karr, que alli viveu alguns annos e morreu em 1890.

Na opinião de Gustavo Planche e Sainte-Beuve, Alphonse Karr era o maior humorista francez, depois de Rabelais.

Os seus pamphletos intitutados *Les Guépes* são modelos perfectos de satyra, pelo bom senso, pelo estylo e pela malicia.

Fizeram sensação em França e fóra da França.

Sous les tilleuls é um livro que ainda hoje se lê e relê, com commoção, deixando-se com saudade. E' um poema de amor infeliz. Teve, em dois annos, quarenta edições.

De Alphonse Karr póde affirmar-se que era um escriptor de raça, um talento original assim.

Ficará na litteratura franceza, como o seu amigo Théophile Gautier, o divino *Théo*.

Ambos attingiram a perfeição na Arte.



JOSÉ BONIFACIO (O MOÇO)

Inclita e privilegiada familia a dos Andradas!

Ainda hoje os portadores do appellido tornado illustre pelo sabio José Bonifacio, o insigne naturalista e principal promotor da independencia do Brasil, por Antonio Carlos, o revolucionario de Pernambuco em 1817, o valente e destemido deputado ás côrtes portuguezas de 1820, o ardentissimo liberal, o Mirabeau brasileiro, e por Martim Francisco, o estadista de bom conselho, o calmo e vigoroso orador, o notavel homem de sciencia, ainda hoje os portadores d'esse appellido celebre, que vale mais do que um velho brazão de complicada heraldica, lhe dão brilho e honra.

Ainda hoje se pôde dizer que o talento e o civismo constituem a mais avultada parte do patrimonio dos Andradas, que não degeneraram, por emquanto.

Martim Francisco Junior, Bueno de Andrada e Martim Francisco Sobrinho, netos do primeiro Mar-



tim, e Antonio Carlos Junior, neto do grande Antonio Carlos, mantem galharda e dignamente, pelas suas faculdades intellectuaes e pelos seus dotes de character, a luminosa tradição que herdaram.

*

Oriundo d'esta nobre e gloriosa casta, o senador José Bonifacio de Andrada e Silva, filho do velho Martim Francisco, foi, por sua vez, mais do que uma gloria de familia — uma gloria brasileira.

Gloria tão lidima, tão pura, de tanta valia, como aquellas de que tanto se ufanam as nações europêas, quando enumeram, para recommendal-os á admiração universal, os seus oradores mais altamente inspirados e os seus poetas de maior genio lyrico.

José Bonifacio nasceu em França, aros de Bordeus, em 1827, durante o exilio de seu pae, exilio que terminou em 29.

Doutorou-se em direito na Falculdade de S. Paulo, da qual depois foi lente prestigioso e venerado.

No largo fronteiro ao antigo edificio onde funciona aquelle acreditado estabelecimento scientifico, ergue-se hoje uma estatua (obra artisticamente deploravel) de José Bonifacio, que falleceu aos 26 de outubro de 1886.

Em 1849 publicou José Bonifacio um pequeno volume de versos, intitulado *Rosas e goivos*. Esse livrinho tem unicamente o valor de raridade bibliographica. As bellas composições lyricas e os magnificos poemetos epicos de José Bonifacio estão por colligir.



A poesia não era em José Bonifacio, como pôde parecer, a fugitiva inspiração de um sentimento impetuoso, mas uma irreprimível necessidade do seu temperamento, como homem subordinado á imaginação.

A politica deu-lhe maior nomeada do que a litteratura, mas poeta e grande poeta é que elle foi, mesmo quando a sua alma se alava da tribuna para as mais generosas theorias politicas e civis, quando a sua palavra, ora lyrica e florida, fazendo brotar dos corações os mais suaves sentimentos e vibrar os mais nobres affectos, alcançava — ajudada pelo encanto dominador da figura — os admiraveis triumphos e as delirantes ovações, que lhe davam pleno jus á posse do aureo sceptro da eloquencia.

Vejamos algumas das mais notaveis poesias lyricas de José Bonifacio :

RETRATO

Incline o rosto um pouco... assim... ainda...
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura ;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura
E a covinha animar da face linda.

Erga a ponta do pé... que graça infinda !
Quero nos olhos vêr-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura,
Froco de luz suave que não finda l

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada,
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruginha da fronte jambeada...



Enfadou-se ? Meu Deus, eil a que chora !
Pois cahiu-me o pincel . . . Que mão ousada !
Pintar de noite o levantar da aurora !

O PÉ

Adorem outros palpitantes seios,
Seios de neve pura ;
De angelico sorrir meiga fragancia,
Ou sobre collo de nevada garça
Cahindo a medo em ondas aloiradas,
Bastos anneis de tranças perfumadas.

Adorem o coral do labio ingrato
Na alvura do alabastro,
A voz suave, o pallido reflexo
Da luz do céu em face de creança ;
Ou sobre o altar erguido á formosura,
Na fronte eburnea a morbida brancura.

Adorem outros de um airoso porte
Relevados contornos,
A magestade da belleza altiva,
O desdenhoso passo, o gesto ousado,
A descuidosa mão, que a trança alisa
Na tripode infernal á pythonisa.

Não, não quero paineis de tal encanto,
Tenho gostos humildes :
Amo espreitar a negligente perna,
Que mal se esconde nas rendadas saias,
Ou ver subir o patamar da escada
Sem azas a voar um pé de fada.

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,
De tez follia de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso ;
Um pé de matar gente e pisar flores,
Namorado da lua e pae de amores.



Um pé, como eu já vi subindo a escada
Da casa de um doutor ;
Da moçoila gentil a erguida saia
Deixou-me ver a delicada perna.
Padres, não me negueis, se estaes em calma,
Um coração no pé, na perna um'alma.

Um pé, como eu já vi junto á ottomana,
Em férvido festim,
Tremendo de walsar, envergonhado
Sob a meia subtil, e a côr do pejo
Deixõdo fluctuar na veia azul ;
Requebro, amor, feitiço — um pé taful.

Poeta do amor e da saudade,
Depois de morto, peço,
Em vez de cruz sobre a funérea pedra
A fórma de seu pé... Foi o meu culto
Quero sonhar o *resto* enquanto a lua
Chorosa e triste pelo céu fluctúa...

QUE IMPORTA ?

Podes sorrir-te embora ! As flores murcham,
Mas não morre o perfume sobre o chão !
Que importa o riso sobre o labio ingrato,
Se inda, mulher, te bate o coração ?

Toda orgulhosa nos salões brilhantes,
Vagas sem tino, no dansar louquejas ;
E as pennas brancas da plumagem alva
Cahiram todas ; n'um paúl doidejas.

Vale acaso essa vida de delirio
Aquelles sonhos de paixão fervente,
Os quentes beijos, os abraços ternos
E o céu tranquillo sobre a terra ardente ?



Ai ! que louca tu foste ! As nossas festas
Tinham por luzes os clarões da lua ;
Ainda hoje ás vezes, solitaria e bella,
Tua imagem triste no luar fluctúa !

Não chorei . . . oh ! não ! Lá quando um dia
Emmudecer o som da louca festa,
Essa historia de gozos infinitos
Hão de contar as brisas da floresta.

Teu pranto em fio pelas faces murchas
Ha de ser minha unica vingança ;
Serás a estatua muda da saudade
No sepulchro deserto da esperança . .

Embalde o tentas . . . Minha imagem sempre
Como um remorso surgirá perdida !
Eu sou tua sombra — seguirei teu corpo,
Eu sou tua alma — seguirei tua vida.

E' claro que só apreciará devidamente estas composições quem se transportar ao tempo e ao meio em que foram escriptas.

São egualmente formosas as poesias intituladas *Aspiração*, *Tu e eu*, *Não e sim*, *A' margem da corrente*, *Saudades do escravo*, *O tropeiro* e *Enlevo*.

José Bonifacio não se deixou influenciar por Byron, como Alvares de Azevedo e outros academicos seus contemporaneos ; se alguma esteira seguiu, foi a de Lamartine e a de Victor Hugo. Tambem o orientaram, por vezes, Camões e Garrett, que elle adorava e sabia de cór. Nunca, porém, cahiu na imitação servil. O seu lyrismo tem individualidade pela petulancia da seiva e pelo fulgor do estylo.

O Redivivo e *Primus inter pares* são as mais



brilhantes produções de José Bonifacio, no genero grandiloquo.

Celebram ambas heroes brasileiros na guerra entre o Brasil e o Paraguay.

Algumas estrophes da primeira :

Dorme o batalhador ! Por que choral-o ?
 Armas em funeral ! Silencio, ó bravos !
 Que a dor não o desperte !
 Tão só... tão grande... sobre a terra inerte !
 A patria além... partido o coração...
 Saudade immensa e immensa solidão !

.....
 Quando elle adormeceu, na mente insana
 Homericas visões lhe appareceram !
 Olhou fito o seu norte...
 Eu sou a Eternidade — disse a morte...
 Do meu ginete o pé a terra abala,
 Quando eu caminho — a viração nem fala.

.....
 As montanhas se abatem quando eu passo ;
 O rio inclina o dorso e me saúda,
 Se me apeio em caminho !
 O meu cavallo é aguia, o céu é ninho ;
 A fome, a peste, a chuva, em véus de fumo,
 São meus soldados, guiam-me no rumo.

.....
 Armas em continencia ! E' um morto-vivo !
 Eil-o que passa agora, erguido alto
 No esquite da victoria !
 O Brasil o saúda, e tu, Historia,
 Um poema de luz de novo escreves !
 Soldados, cortéjae ANDRADE NEVES !



Ha grandeza, ha elevação n'estes versos, que attingem, não raro, a sublimidade. A fórma tem a nobreza que a concepção exige.

Uma das ultimas composições poeticas de José Bonifacio foi este soneto dedicado a Camões e que, não só por isso, mas tambem por tudo mais, é camoneano :

Entre dois sonhos — lida mal sonhada,
De phantasias mil a phantasia
Viveu, como su'alma desvivia
De seus fundos cuidados mal cuidada.

Em lembrança da patria deslebrada
A gloria sua a gloria d'ella erguia ;
Escura noite lhe surgira o dia
Na viva luz da formosura amada.

Partido o coração, a alma partida
N'aquelles sonhos, vasta immensidade,
Era-lhe a vida, morte, e a morte vida !

Hoje renasce na immortal saudade :
Tem nos versos a patria aos céos erguida,
E o seu amor n'um templo — a eternidade.

Inquestionavelmente, José Bonifacio é um dos maiores vultos litterarios do Brasil, no periodo do romantismo.

Nos seus ultimos annos de existencia, o grande poeta, que sonhava novos triumphos, não para a vaidade pessoal, que essa não o preocupava a elle, mas para a causa da liberdade e do progresso social do povo brasileiro, dedicou-se de alma á ideia da



emancipação dos captivos e foi na imprensa e na tribuna parlamentar um dos mais estrenuos defensores d'esse generoso pensamento.

A luta, que foi aspérrima, aggravou-lhe a implacavel doença que o minava. Succumbiu nas antevesperas da victoria.

A impressão causada em todo o immenso territorio brasileiro pela morte de José Bonifacio descreveu-a eloquentemente, mas sem exaggero rhetorico, um notavel orador e poeta, o dr. Brasilio Machado, na solemne sessão civica celebrada a 8 de dezembro de 1886, na cidade de S. Paulo, em memoria do auctor do *Redivivo*.

Eis — e serão o termo d'este ligeiro artigo — os primeiros e os ultimos períodos da monumental oração d'aquelle meu talentoso e querido amigo : .

«Quando aquella calamidade publica, a que o inesperado multiplicou a violencia, cahiu, abalando o paiz inteiro, e entontecidos todos nós ficámos, como se no céo americano, na abobada d'essa basilica de estrellas, encimada pelo Cruzeiro, ouvíssemos o coração da patria, feito bronze, a dobrar pelos finados... o primeiro grito foi uma interjeição de lagrimas ! Foi a alma que se partiu, o coração que estalou, o pranto que rompeu : a primeira vestidura que amortalha os infortunios é sempre o sentimento. O grito foi a espontaneidade da dôr... Mas, amortecida a surpresa, quando se alcançou medir o vacuo que na harmonia do movimento social aquella morte viera rasgar, ao primeiro grito acudiu um segundo e esse não chora-



va, interrogava; não gemia como um soluço, mas interpellava como uma esperança.

.....
«Para em nome do *grande morto restituir a vida a este paiz*, para viver ou morrer ao pé do evangelho do civismo, erguido como um estandarte, sob estes horisontes immensos, á luz dos quaes desaparecem as fronteiras dos paizes, a differença das raças, as divisões dos partidos; para essa politica que deverá tomar por bandeira a sua mortalha, por altar o seu tumulo, por arca o seu nome, quem apparece para recolher a gloriosa herança, n'esta geração de bastardos politicos?

Saudade immensa... immensa solidão!»

*

José Bonifacio era uma extraordinaria figura, que impressionava á primeira vista. Como de João de Deus disse Candido de Figueiredo, «ao fixarmos os olhos n'aquella physionomia, ao escutarmos aquella voz, ao sentirmos a instillação d'aquelle olhar sereno e profundo, assomava-nos a idéa o vulto insinuante do grande e pacifico revolucionario de Nazareth.»

*

O auctor d'este livro foi uma das pessoas que conduziram, á mão, o feretro, da casa onde morreu José Bonifacio ao cemiterio — uma distancia de 3 kilometros; e proferiu um discurso, á beira da sepultura, dizendo que o Brasil devia uma estatua a quem tanto o honrava.



O SR. JOSÉ DE ALPOIM

Parlamentar feroso e brilhante, jornalista dos mais vigorosos e audazes, figura imponente e simpática, onde se agita uma bella cabeça á Mirabeau, sendo, como este grande tribuno, fidalgo de raça e democrata pelas ideias e pelas maneiras, caracter puro, homem de bem ás direitas, magnanimo e polido — o sr. conselheiro José Maria d'Alpoim de Cerqueira Borges Cabral é hoje uma das raras individualidades superiores do nosso paiz.

Do seu prestigio politico e da sua popularidade resalta a prova incontrovertida do que n'esta occasião se está passando no antigo, opulento e hospitaleiro solar da Réde, onde, por doença produzida pelo cansaço das luctas, sua ex.^a se recolheu para repousar, em doce convivio, na serenidade de um ambiente puro e nobre e no goso de uma natureza tão bella como sadia.

N'aquelle éden, delicia-se a vista, enleva-se a alma e avigora-se o corpo.



Cumpria aos innumerados amigos e admiradores do conselheiro Alpoim não perturbarem esse repouso, tão necessario e tão merecido.

Assim, porém, não está acontecendo; as conveniencias foram postas de lado pela ancia de ver e saudar o *senhor conselheiro* e de toda a região viticola duriense, trasmontana e beirôa, abalam romarias com rumo á habitação solarenga do *nosso homem*, como lhe chamam os menos entendidos em honrarias.

Franqueia-se-lhes tudo — o coração e a grandiosa residencia, cercada de jardins e de vinhas, que parecem jardins.

Não se pôde levar mais longe a magnanimidade.

Comprehende-se que o sr. conselheiro José Maria d'Alpoim seja o estadista portuguez que tem mais dedicações pessoaes.



THEOPHILO BRAGA

O sr. dr. Theophilo Braga é dos espiritos mais adeantados da nossa epoca.

A sua vida tem sido laboriosissima, fulgente e honrada.

A sua obra é um thesouro immenso de saber profundo e vasto.

Os trabalhos scientificos são os seus amores de predilecção.

Procede como sente e pensa: deseja o bem e a liberdade do povo.

E' admiravel pela firmeza na defensão dos principios que adoptou.

Tem por amigos e devotos todos os litteratos de Portugal e do Brazil.

A fama do seu talento e dos seus assiduos e valiosos estudos é universal.

Os seus proprios adversarios politicos o admiram e veneram.

E' uma gloria da nação e da Humanidade.



JULIO RIBEIRO

Um grande mestre da lingua portugueza, como Arthur Barreiros. De maior nome e auctoridade, porém. Exercia o professorado e compuzera uma grammatica, da qual disse o conselheiro Viale que n'ella aprendera muita e muita coisa, accrescentando que, em sua opinião, levava a palma a quantas grammaticas portuguezas existiam.

Theophilo Braga emittiu identico juizo.

De facto, a grammatica de Julio Ribeiro foi a primeira que poz de lado as dissertações metaphysicas e obedeceu aos ensinamentos da glottica, da linguistica e da anthropologia.

E', pois, uma grammatica scientifica e racional.

André Lefèvre, o eminente philologo francez, Karl von Reinhardstoettner, o sabio professor allemão e outras summidades na materia, teceram-lhe francos e calorosos elogios. Uns erros de etymologia, notados pela critica na primeira edição, foram



corrigidos na segunda, que deve ser considerada a definitiva.

Em Portugal já está bastante divulgada a grammatica de Julio Ribeiro, conhecendo-a todos os estudiosos do idioma patrio e sendo muito consultada em Coimbra.

Se Julio Ribeiro fosse vivo, que intenso jubilo lhe causaria esta informação!

E eu, que tão seu amigo fui, como me sentiria feliz por poder assegurar-lhe que a sua obra querida era aqui devidamente apreciada, sem sombra do preconceito, que elle tanto receiava, imaginando existir em Portugal, mas que realmente não existe!

Além de grammaticógrapho notavel, Julio Ribeiro era romancista illustre e temivel polemista.

O seu romance historico *Padre Belchior de Pontes* é um trabalho magnifico, cheio de interesse e cheio de erudição.

Tem por assumpto o jesuita. Assumpto excellentemente, excellentemente tratado.

Em mais de uma situação — e que bellas situações ha no romance! — fulgem traços de genio.

Outro ramance de Julio Ribeiro é *A Carne*.

Dedicado a E. Zola, pertence á escola do auctor dos *Rougon-Macquart*.

Tem bellezas, tem paginas finamente litterarias, offerece um curioso estudo scientifico dos effeitos do *curare*, com que diversas tribus selvagens envenenam as flechas, mas pecca pelos excessos naturalistas, inteiramente desnecessarios como documentos.

Basta, entretanto, para lhe dar alto valor a linguaagem em que é escripto. Que pureza e que correcção!



Como polemista, Julio Ribeiro lembrava Camillo. Era de esfolar e espostejar o adversario.

Bateu-se com o padre Senna Freitas, que, apesar de franzino, tem pulso... para a penna, e deixou-o moído, escangalhado.

Foi um malhar de cego!

Bateu-se, em certa occasião, com o partido republicano de S. Paulo, sendo elle republicano, e foi um varrer de feira!

D'esse episodio ficou documento, que será perduravel como verdadeiro modelo, no genero desancador: as *Cartas sertanejas*, que se acham colligidas em livro e foram primitivamente publicadas no *Diario Mercantil*, jornal fundado e dirigido pelo auctor d'este livro.

Valentim Magalhães, noticiando no periodico de que então era director a appareição das primeiras d'essas cartas, escreveu o seguinte:

«Era de um homem d'estes que estavamos sentindo falta. De um observador recto e inabalavel, imparcial e sereno, de um critico independente e liberrimo, sem gargalheiras partidarias, nem atilhos de pequeninas conveniencias; de um corajoso até á insolencia, de um justo até á crueldade, de um sincero até á grosseria».

Outro volume da bagagem litteraria de Julio Ribeiro intitula-se *Traços geraes de linguística*.

E' um epitome lucidissimo do estudo comparativo das linguas.

Possuia Julio Ribeiro um precioso manuscripto



do *Hyssope*, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, o qual manuscripto se lhe deparára em uma viagem pelo interior da provincia de S. Paulo, para onde fôra levado de Minas Geraes.

Por cõter mais um canto do que as edições existentes, tencionava Julio Ribeiro publical-o, do-tando assim a litteratura portugueza com uma edição nova do celebre poema heroi-comico — uma das joias mais valiosas do nosso thesouro litterario. Sei que chegou a escrever o prologo, que era um optimo trabalho, de que lhe ouvi ler fragmentos, mas a publicação não se fez, infelizmente.

Ignoro se o illustre philologo e litterato brasileiro se reconciliou com os seus correligionarios paulistas; com o padre Senna Freitas, que, no seu character sacerdotal, lhe surgiu á hora da morte, pedindo-lhe e offerecendo-lhe perdão, foi a reconciliação completa e commovedora.

Os dois antigos contendores abraçaram-se ternamente, confundindo-se as lagrimas de ambos.

Bello fecho de uma vida preclara!



O REGICIDIO

Não matarás — é mandamento de Deus e lei humana.

O attentado, que victimou o Rei de Portugal e o seu filho primogenito, causou horror em todo o mundo.

Foi um crime hediondo, monstruoso, contrario á razão e ao sentimento.

Os tiros, que mataram o Rei e o Principe, feriram os corações amantíssimos de duas mães, as Rainhas D. Maria Pia e D. Amelia.

Todas as mães — os melhores seres humanos — acompanham na sua angustia a excelsa filha de Victor Manuel, esse grande Rei e grande homem, e a piedosa e venerada neta de S. Luiz.

O Senado da Republica Brasileira dirigiu ao governo portuguez o telegramma seguinte:

«Petropolis, 3 Fevereiro. — Como vice-presidente do senado federal, em seu nome e representando os



sentimentos d'aquella assembléa, rogo a v. ex.^a aceitar e transmittir a SS. MM. El-Rei e Rainha e ao povo portuguez a expressão da nossa consternação mais viva e indizível horror ante o barbaro crime e terrível catastrophe, que acabam de ferir em Portugal, o throno e a Nação, enluctando profundamente o coração brasileiro. associado n'esta amargura aos seus irmãos de além-mar. — *Ruy Barbosa*, vice-presidente do senado».

A mais alta corporação politica do Brazil, representada pelo insigne jurisconsulto e philosopho humanitario sr. conselheiro Ruy Barbosa, estigmatiza o horroroso e muito lamentavel acontecimento.

O sr. D. Manuel, então infante e hoje rei, foi salvo pelo expedicionario ao Cuamato, Couto Valente, que desviou a carabina, que o assassino Buiça tinha novamente carregado.

Esse soldado portuguez honrou mais uma vez o appellido.

Que o sr. D. Manuel II seja tão «venturoso» como foi o intelligentissimo rei, que personifica na historia universal a affirmação definitiva do genio e do valor sociologico do povo portuguez, como individualidade nacional, independente e soberana!

Começou muito bem o novo reinado.

Temos Constituição.

Graças a Deus!



VISCONDE DE FARO E OLIVEIRA

Eis um nome sympathico e honrado. De todos os mistéres em que o homem póde exercer a sua actividade; o commercio é, sem duvida, um d'aquelles em que a seriedade e a honradez — absolutamente indispensaveis em todos — teem de ser a pedra angular sobre que ha de firmar-se o exercicio de tal mister. Se lhe falta essa base, o edificio, por mais aparentemente solidificado, dá em terra. Chegado ao Brasil, o joven Luiz de Faro e Oliveira seguiu a carreira commercial. Tão extraordinarias aptidões evidenciou desde logo que, volvidos quatro annos, era guarda-livros de uma casa muito importante. Foi gerente de varios estabelecimentos commerciaes; fundou uma livraria-editora, de sociedade com o escriptor Lino d'Assumpção; tendo envergadura para vãos mais largos, convidaram-n'o para director do Banco de Credito Real do Brasil. Pelo seu trabalho, pela sua intelligencia, para sua constancia, pela sua honradez, pelos seus merecimentos excepçionaes, o



futuro visconde de Faro e Oliveira — titulo merecidissimo — soube desmontar os obices levantados pelas difficuldades da vida, que são invariavelmente as mesmas em toda a parte. Com outros membros illustres da colonia portugueza no Brasil, o sr. Luiz de Faro e Oliveira repartiu entre aquelle grande e generoso paiz e o nosso querido Portugal numerosos e relevantissimos serviços, todos revestidos de uma isenção, de um desinteresse, de uma longanimidade, que o tornaram excepcionalmente credor de toda a consideração e de todas as bemquerenças. Em 10 de setembro de 1868, um grupo de rapazes portuguezes, quasi todos empregados no commercio, desejosos de se instruirem, de cultivarem os seus espiritos, deliberaram fundar una associação litteraria, onde pudessem, nos lazeres que lhes deixavam as suas occupações materiaes, educar a intelligencia, pelo estudo, pela troca de idéas, pelas conferencias, pelas leituras, pelos debates de theses litterarias e scientificas; emfim, pelo cultivo da vida intellectual. Dentro de pouco tempo, esse pequeno gremio devia inspirar-se de outras idéas, e trocar, embora com sacrificios, o objectivo modesto, com que se fundára a associação por outros intuitos ainda mais nobres e elevados, procurando exercer uma benefica esphera de acção social pela diffusão da instrucção popular. Effectivamente, um anno mais tarde, a 27 de setembro de 1869, resolveram os socios fundadores dar uma applicação mais importante aos seus esforços, creando aulas nocturnas gratuitas de instrucção primaria, que foram inauguradas n'essa occasião. Estas duas datas assignalam as duas primeiras phases da existen-



cia do *Lyceu Litterario Portuguez*. Como era de esperar, as aulas tomaram incremento, as classes encheram-se de alumnos, e, apesar dos sacrificios moraes e pecuniarios dos directores, o *Lyceu* já não podia custear senão difficilmente as enormes despezas, que lhe acarretava a generosa tarefa, que tomára a seu cargo. Foi n'essas circumstancias que, a 30 de julho de 1881, assumiu a presidencia do *Lyceu* o sr. commendador José João Martins de Pinho, mais tarde barão e conde do Alto-Mearim, que, condjuvado por amigos e companheiros de direcção, entre elles o sr. Luiz de Faro e Oliveira, conseguiu melhorar as condições materiaes do *Lyceu*, adquirindo um predio proprio para a associação. Esses valiosos esforços foram amplamente coadjuvados pelo publico do Rio de Janeiro. Em fins de 1883 foram inauguradas as aulas no novo edificio, que é o mesmo em que actualmente funciona o benemerito instituto.

A frequencia n'aquella data era de 1:500 alumnos. O ensino é primario e secundario, dividido em quatro classes e estas subdivididas em nove secções. O fundo social é importante. O edificio, collocado na parte mais commercial e laboriosa da capital, nada offerece de notavel como architecturá: impõe-se pela sua grandeza e abundancia de luz que banha todas as suas salas. Por um bem lançada escadaria chega-se ao primeiro vestibulo e depara-se uma lapide com a inscripção seguinte: *Deus, Patria e Liberdade*. Inaugurou-se este edificio em 14 de junho de 1884, sendo presidente da directoria o commendador José João Martins de Pinho, vice-presidente, Manuel Firmino Souza Cotta, 1.º secretario, Bernardo José



de Andrade, 2.º secretario, Primo Augusto Teixeira de Pinho, thesoureiro, Manuel José Affonso Gonçalves Roque, bibliothecario, dr. José Maria Moreira Senra, orador, Luiz de Faro e Oliveira. O *Lyceu Litterario Portuguez* tem um curso de pilotagem. E' o unico, particular, que existe no Brasil. A bibliotheca, fundada pelo sr. Luiz de Faro e Oliveira, tem hoje 10:000 volumes, devidamente catalogados. O nome do visconde de Faro e Oliveira está glorificado n'esta instituição tão util e sympathica. O galardão official consistiu na mercê da commenda de Christo, conferida pelo governo portuguez e da commenda da Imperial Ordem da Rosa, pelo governo brasileiro. Amigo exemplar, cumprindo á risca os deveres que a amizade impõe, reunindo como chefe de familia todas as virtudes domesticas, captivando pela amenidade do seu trato, inspirando a toda a gente as mais espontaneas e merecidas sympathias, dotado de indole laboriosa e tenaz, o visconde de Faro e Oliveira teve uma unica ambição: a de legar a seus filhos — almas de purissimo crystal — um nome immaculado, um nome de que elles se possam ufanar com legitimo orgulho. Realisou-a. Viveu e morreu pelo coração. Deixou muitas saudades. Será chorado por longo tempo.



EZEQUIEL FREIRE

Um poeta da melhor estirpe. A sua musa inspirava-o sempre bem, a favor das boas causas, como a da abolição da escravatura. No seu coração, posso afirmar, porque fomos amigos íntimos, concentravam-se os mais delicados sentimentos.

Ezequiel Freire nasceu em Rezende, cidade do Estado do Rio de Janeiro, a 10 de Abril de 1850.

Filho do capitão Antonio Diogo Barbosa Lima e D. Maria Chrispiniana Freire, chamou-se José na pia baptismal; porém, quando adolescente, supprimiu o seu primeiro nome, e de José Ezequiel Freire Lima passou a ser Ezequiel Freire.

Fez o curso de preparatorios no Rio de Janeiro, matriculando-se em seguida na Escola Militar.

Mas, a carreira das armas não se coadunava com o seu temperamento e, por esse motivo, abandonou-a, entrando para a Escola Polytechnica.

Tambem ahi o seu espirito não se sentiu bem. Reclamava outro departamento da sciencia que lhe



descortinasse vasto campo philosophico para sua imaginação voar; partiu então para S. Paulo, com o intento de cursar a Faculdade de Direito.

Antes da realização desse *desideratum* casou-se com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide de Araujo Freire, filha do Dr. Luiz José Ferreira de Araujo e D. Joaquina Angelica da Silva Araujo, e neta do Barão de Tieté, começando a frequentar as aulas da Faculdade em Março de 1876.

Quando academico, Ezequiel Freire foi contemporaneo de um punhado de rapazes talentosos, que produziram bellos trabalhos litterarios e scientificos, eram elles: Assis Brazil, Valentim Magalhães, Afonso Celso Junior, Eduardo Prado, Raul Pompeia, Silva Jardim, Lucio de Mendonça, Fontoura Xavier Rodrigo Octavio, Coelho Netto, A. Pujol e outros.

Recebeu o grau de bacharel em direito em 1880.

Apenas formado, abriu em S. Paulo escriptorio de advocacia em companhia do Dr. Paulo Egydio de Oliveira. Carvalho e, mais tarde, com o Dr. Pedro Vicente de Azevedo.

Na magistratura, occupou o cargo de juiz municipal e, deixando este logar, obteve, por concurso, a cadeira de rhetorica do curso annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo.

Pouco depois de sua formatura, em Ezequiel Freire manifestou-se a grave enfermidade — tuberculose pulmonar — a que annos depois succumbiu.

Retirando-se de S. Paulo para Caçapava em 1891, afim de procurar n'essa cidade melhoras á saude alterada, ahí falleceu no dia 14 de Novembro do mesmo anno. Tinha então 41 annos de idade.



Ezequiel Freire mostrou ainda muito joven tendencia para a poesia e desde então fez magnificas producções poeticas, que não estão colligidas em volume.

O livro da sua adolescencia intitula-se *Flôres do campo* e justifica o titulo.

Um soneto primoroso de Ezequiel Freire :

FÉ E ESPERANÇA

(A MINHA MULHER)

Quando transpões o limiar da Igreja,
— Velada a fronte calma e scismadora,
Vae com tu'alma a Fé consoladora
E de tu'alma a paz minh'alma inveja.

Depois, se teu olhar limpido adeja
Sobre as feições da Virgem redemptora,
A luz da Esperança que teus olhos doura
Aclara o limbo em que meu ser negreja.

E ao vêr-te assim, na prece silenciosa,
Prosternada ao sopé do Santo Lenho,
Sinto a influência da crença religiosa ;

E peço a Deus com fervoroso empenho
Faça vingar-me n'alma duvidosa
Essas doces virtudes que não tenho. X



ARTHUR BARREIROS

Como Alvares d'Azevedo, Casimiro d'Abreu, Castro Alves, Junqueira Freire, Aureliano Lessa, Theophilo Dias, Arthur d'Oliveira, Adelino Fontoura, Hugo Leal, Carvalho Junior e tantos outros poetas e litteratos do Brazil, Arthur Barreiros, que era um prosador correcto e elegante, um profundo conhecedor da lingua portugueza e que possuia um verdadeiro temperamento litterario, morreu moço.

Na brilhante geração a que pertencia — a geração de Arthur e Aluizio Azevedo, Affonso Celso, Assis Brazil, José do Patrocínio, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier, Thomaz Alves, Alberto de Oliveira, Ezequiel Freire, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Luiz Murat, Xavier da Silveira Junior, Alberto Torres, Augusto de Lima — distinguia-se Arthur Barreiros, não só pela esmerada forma dos seus escriptos, mas também pelo seu talento observador e ponderativo.

Colligia elle, para os publicar em volume, os seus



artigos criticos e as suas phantasias litterarias, quando a morte o prostrou, aos 17 de fevereiro de 1885. Não completára ainda trinta annos.

Dois trabalhos de Arthur Barreiros ficaram para certificar o estudo e as aptidões d'esse mallogrado escriptor: o notavel proemio do livro de versos de Carvalho Junior—*Parisina* (livro que se imprimiu por esforços do proprio Barreiros) e um extenso, lucido e consciencioso artigo sobre a collocação dos pronomes, inserto na antiga *Revista Brasileira*.

Arthur Barreiros, que lera e relera os classicos portuguezes, desde João de Barros a Antonio Feliciano de Castilho, tinha o culto da boa linguagem: um pronome mal posto na oração irritava-o a ponto de lhe dar febre; um solecismo enfurecia-o medonhamente.

Amigo e admirador de Ferreira de Menezes, que era um folhetinista encantador, deixou de o lér e de o cumprimentar, porque elle escrevera: «Ainda *faz-se versos!*»

Barreiros foi um dos criticos do *Cancioneiro alegre*, levando-a a sua conta, como os outros. (Um d'esses outros é o auctor d'este livro. Tinha 19 annos).

A descompostura não o incommodou, porém.— Ser descomposto por um escriptor como Camillo é uma honra, dizia elle. Talvez lhe replique para apañhar nova tarefa...

Levando tão longe a sua intransigencia e severidade em materia de correcção grammatical, Arthur Barreiros arriscou-se, n'aquelle tempo, a ficar com as suas relações sociaes muito reduzidas.



A fortuna nunca teve blandicias nem sorrisos para Arthur Barreiros. Era por isso quasi um misantropo.

Em longos mezes de convivencia intima, só uma vez lhe vi fulgir a alegria no sympathico semblante: dispunha de um dinheirito, que lhe permittia comprar mais alguns volumes de Alphonse Karr — o seu predilecto dos auctores francezes.

A memoria de Arthur Barreiros está perpetuada em uma soberba elegia, que Raymundo Corrêa—genial poeta — lhe consagrou.



NO CEMITERIO

Uma linda mulher, vestida de preto, chora copiosamente junto da grade de um tumulo.

A sua attitude não é menos artistica do que a das famosas estatuas dos mausoleus do *Campo Santo*, de Genova.

Toda entregue á sua dôr, n'uma immobilidade que a respiração suffocada não trahe, dir-se-hia a imagem do Pranto, envolta em crepe.

*

Dois pequenitos, igualmente vestidos de luto, brincam ali perto, como se estivessem no seu jardim, em plena liberdade.

— Que é isso, meninos? pergunta a dama, em tom reprehensivo.

Ficam um momento quietos. Um momento apenas.

Novas risadas retinem, passado um instante, e a



senhora, talvez irreflectidamente, diz-lhes, para que se contenhão :

— Meninos, juizo ! E' aqui que está enterrado o papá...

— Aqui !

— O papá...

E ficam sérios.

O mais velho parece pensativo.

De subito, porém, adeantando-se, trépa a grade, salta para dentro e, quasi collando a bocca ao marmore, grita :

— Papá ! papá !

.....
E o marmore não estalou !



NO ENTERRO DE PINHEIRO CHAGAS

DISCURSO PROFERIDO NO GEMITERIO DOS PRAZERES, A 9
DE ABRIL DE 1895, PELO VISCONDE DE S. BOAVEN-
TURA, EM NOME DA COLONIA PORTUGUEZA DO BRAZIL

Meus senhores :

A morte do sr. conselheiro Manuel Pinheiro Chagas constitue uma grande, uma calamitosa, uma irreparavel perda nacional.

Disseram-n'o os illustres oradores que me precederam; affirmou-o, em termos eloquentissimos, a palavra do governo, pela voz do nobre ministro dos estrangeiros, o sr. conselheiro Carlos Lobo de Avila; proclamou-o, em nome do parlamento, o verbo sublime do sr. conselheiro João Arroyo, o maior tribuno contemporaneo; sentem-n'o todos os que vieram aqui — e é a população inteira da illustre capital do paiz — prestar homenagem a este grande morto!



Os portuguezes residentes no Brazil, que vivem acorrentados á Patria pelo Amor e pela Saudade — amor intenso, saudade vivissima — partilham sempre, bem o sabeis, quer das amarguras — tão fundas e frequentes! — quer dos regosijos — tão raros e diluidos! — da terra onde nasceram e que nem um instante olvidam.

Vendo-a agora — mãe alanceada n'alma pelo finamento prematuro de filho dilectissimo; vendo-a agora envolta em crepe e desfeita em pranto, elles veem, por meu humilde intermedio, não trazer-lhe consolações, porque não póde mitigar uma dôr quem sente essa mesma dôr, mas significar-lhe como os angustia a sua atroz angustia.

E veem, ao mesmo tempo, cumprir um duplo dever; um dever de patriotismo, porque Pinheiro Chagas, filho d'esta terra de glórias, era uma gloria da nossa terra; e um dever de gratidão, porque eram as producções do genio de Pinheiro Chagas — o escriptor portuguez mais querido e apreciado no Brazil — que lhes robusteciam o affecto pela patria distante, falando-lhes n'um estylo incomparavel — grandiloquo e refulgente — das façanhas e virtudes portuguezas, e eram esses escriptos, esmaltados com opulencia deslumbrante, que lhes arraigavam o nobre orgulho de terem nascido no exiguo, mas outr'ora poderoso, reino,

Onde a terra se acaba e o mar começa...

O sr. conselheiro Pinheiro Chagas não foi grande, não foi admiravel, não foi extraordinario, unica-



mente pelas multiplas e assombrosas manifestações do seu raro talento, admirado em Paris e em Madrid, na terra de Gambetta e na terra de Castelar; pela superioridade e fecundidade do seu intellecto: foi-o tambem pelo coração, tão cheio de affectos e bondades (eu posso affirmar-o) para todos que se lhe approximavam, e só cruel para elle proprio, a ponto de o matar e foi-o pelo character, pelo seu character crystalino, que destruiu o celebre conceito: «la politique gâte les plus belles choses».

O character de Pinheiro Chagas conservou-se sempre, inalteravelmente, integro, puro, rigido, immaculado.

As pomposas letras portuguezas perderam um cultor operoso e genial; a tribuna parlamentar, um dos seus mais floridos ornamentos; a politica, um vulto em quem o povo confiava e que adorava; o jornalismo, a penna mais fluente e mais brilhante que tinha ao seu serviço; a liberdade, um paladino forte e activo; mas a maior perda é de ordem puramente moral, porque a vida de Pinheiro Chagas, vida de trabalho indefesso, de lucta, de dedicação pela familia exemplarissima, de firmeza, de honradez, de sacrificios e de heroismos, era um perfeito modelo, um preciosissimo exemplo, em meio da deploravel decadencia de brio e de patriotismo em que nos debatemos.

Eis, meus senhores, o que a minha profunda commoção de amigo — elle conferiu-me essa honra, que me orgulha — e de admirador entusiastico de Pinheiro Chagas, por quem sempre tive e conservarei verdadeiro culto, me permite dizer, interpretando



os sentimentos dos nossos dignissimos compatriotas do Brazil, dos nossos queridos e benemeritos irmãos de além-mar.

Accrescentarei apenas que, se eu e elles fossemos ouvidos sobre o epitaphio a gravar n'esta sepultura, que vae ser sagrada, a formula seria: «Aqui jaz um verdadeiro portuguez».

Ajoelhemo-nos !



O SR. D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRAZIL

No dia 5 de dezembro de 1891 falleceu em Paris, no modesto Hotel Bedford, o sr. D. Pedro II, que fôra imperador constitucional do Brazil e nascera no Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1825, no palacio da Boa Vista.

Foram seus progenitores D. Pedro I, do Brazil, e IV de Portugal e a archidueza sr.^a D. Leopoldina Josepha Carolina, filha do imperador Francisco II da Allemanha e I da Austria.

Ainda o sr. D. Pedro não havia saído da infancia, quando a sorte lhe preparou dois golpes, cujos resultados, em sua tenra idade, elle não podia avaliar.

Em 11 de dezembro de 1826 falleceu sua mãe, a sr.^a D. Leopoldina; em 7 de abril de 1831, separou-se para sempre do seu querido filho o sr. D. Pedro, abdicando n'elle a corôa imperial.

Pouco passava de cinco annos o principe primogenito.



Por decreto de 6 de abril D. Pedro nomeou tutor dos seus filhos que ficavam no Brazil o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, sabio illustre, principal ministro da independencia e director dos acontecimentos.

Da não «Warspite» escreveu cartas de despedida aos seus amigos, mostrando-se consolado por saber que seu augusto filho, o sr. D. Pedro II, fôra, com o maior enthusiasmo do povo, acclamado e reconhecido imperador do Brazil.

No dia 13 de abril de 1831 D. Pedro deixou para sempre o Brazil — com uma constituição liberal.

D. Pedro foi no Brazil o proclamador, o entusiastico pregoeiro e campeão exaltado da liberdade.

Não se contempla sem justa admiração um principe herdeiro presumptivo d'um throno de vastos dominios, e amamentado aos seios do poder absoluto, collocando-se á frente de um povo, levando-o á conquista da sua regeneração politica, fundando um imperio com o systema representativo e com instituições liberaes.

Tanto o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, nomeado pelo sr. D. Pedro I tutor do seu filho, no acto da abdicação, como o marquez de Itanhaem, que em 1833 substituiu na tutoria aquelle grande homem, empregaram os maiores desvellos em escolher pessoas as mais habilitadas e competentes para instruirem o joven principe nos varios ramos dos conhecimentos humanos.

Póde affirmar-se que desde o berço o sr. D. Pedro II se entregou ao cultivo da sua grande intelli-



gencia. Não era mister lembrar-lhe o estudo, nem chamal-o para estudar: estudioso por indole, tinham muitas vezes os seus mestres de o desviar da sua aturada e diuturna applicação.

O sr. D. Pedro II era dotado de uma memoria muito feliz e de talento raro e versado em sciencias e lettras e linguas modernas e antigas.

Conhecendo que o machinismo de um bom governo depende do accordo e harmonia das differentes molas que o formam, compulsou, assiduo, os tratados sobre direito publico, sobre direito internacional, sobre economia politica, sobre os diversos de administração, em summa, sobre a arte de governar.

Era assombrosa a actividade physica do sr. D. Pedro II.

Até sob este aspecto, o sr. D. Pedro II era uma natureza privilegiada.

Em julho de 1840 foi proclamada a maioridade do sr. D. Pedro II e, passado um anno, em 18 de junho de 1831, foi sagrado e coroado — «Defensor Perpetuo e Imperador Constitucional do Brazil», o mesmo titulo de seu pae.

Ao sr. D. Pedro II coube a immensa responsabilidade de governar um povo no inicio da sua vida nacional e no mais melindroso periodo de formação de sua nacionalidade.

Por actos da sua clemencia e magnanimidade, foram perdoados os chefes revolucionarios, que promoveram as revoltas dos ultimos annos da menoridade e as dos primeiros annos da maioridade.

Monarcha pacifico, liberal e philosopho, aprazia-



lhe apparecer sob este aspecto aos olhos do seu povo, que o venerava, e do mundo, que o respeitava.

O imperio fez de uma terra selvagem uma grande nação civilisada.

Isto só o contesta algum jacobino, que diz que o Brazil, antes de 1889, era a «Côrte».

Os centros intellectuaes eram a cidade de S. Paulo — capital artistica, assim denominada por Sarah Bernhardt, Emanuel e Coquelin—Pernambuco e Maranhão — a Athenas brazileira.

Foram muito grandes os progressos do Brazil no reinado do sr. D. Pedro II — um Bragança excepcional.

A população quadruplicou; a importação e a exportação augmentaram prodigiosamente, a agricultura melhorou e desenvolveu-se como por milagre; estabeleceu-se a viação accelerada; mesquinhos logarejos tornaram-se povoações ricas; as artes, as letras e as sciencias foram animadas e protegidas; o jornalismo diffundiou-se por todo o paiz e foi abolida a escravidão.

Bastaria este facto para glorificar um reinado. O monarcha liberal, chefe de um povo livre, não quiz sob o seu governo senão cidadãos livres.

A bondade é a nota dominante do character do sr. D. Pedro II.

No exilio, soffrido com resignação de santo, não teve uma palavra de queixa ou de censura.

Destronando-o, os seus adversarios contavam com o perdão do neto de Marco Aurelio — o mais virtuoso dos imperadores romanos.

O sr. D. Pedro II foi denominado protector das letras.



A mais importante associação litteraria do paiz, o «Instituto Historico e Geographico», deveu-lhe a mais singular protecção e assidua frequencia.

Comparecia em todas as festas academicas e visitava todos os estabelecimentos de educação, ensino e beneficencia. Mantinha correspondencia activa com os sabios europeus e livres pensadores, como Victor Hugo, Renan, Littré e Alexandre Herculano.

O sr. D. Pedro II não se preocupava com eleições, interesses partidarios, empenhos, empregos e quejandos assumptos: sendo o unico que na alta governação do paiz mostrou constante desvello pelo seu desenvolvimento intellectual.

Os actnaes homens de letras, quasi todos muito notaveis, appareceram no imperio.

Estadistas de qualidades raras eram o marquez de Paraná, marquez de Olinda, visconde de Itabórahya, Euzebio de Queiroz, visconde de S. Lourenço, Paulino José Soares de Sousa, Theophilo Benedicto Ottoni, visconde do Rio Branco, barão de Cotegipe, João Alfredo Correia de Oliveira, José Bonifacio de Andrada e Silva (o Moço), Gaspar da Silveira Martins, Lafayette Rodrigues Pereira, visconde de Ouro Preto, Ferreira Vianna, Dantas, José Antonio Saraiva, Rodrigo Silva, etc.

Os srs. Rodrigues Alves e Affonso Penna foram ministros no reinado do sr. D. Pedro II.

Os srs. barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco serviram o imperio brilhantemente.

Acima da politica está a historia.

Durante o longo reinado do sr. D. Pedro II todos os habitantes do Brazil, nacionaes e estrangei-



ros, pensavam como queriam e diziam o que pensavam.

Nunca nenhum jornalista sentiu a falta de liberdade.

O sr. D. Pedro II é um vulto, de quem a humanidade pôde justamente ufanar-se, um dos nomes mais esclarecidos do século XIX. Foi amado por Victor Hugo — de quem Renan disse que veio ao mundo por um decreto, especial e nominal, de Deus.



ROMA

Maio, 92.

Meu amigo: Que dizer dos esplendores e dos encantos d'esta cidade incomparavel que tu não saibas, que não tenha sido cem vezes escripto por pennas adamantinas?

Como dar-te, em meia duzia de linhas, traçadas incommodamente n'um quarto de hotel, a sensação do completo deslumbramentô dos meus olhos e do meu espirito?

.....

Roma tem dois aspectos principaes: o de cidade augusta dos Cesares e o de cidade eterna dos Papas. Tambem pôde ser considerada como capital moderna da Italia, mas, sob esse ponto de vista, é muito menos interessante para quem viaja.

Falemos da Rôma antiga, que é a verdadeira Roma; prejudicada no conjuncto pelo contraste entre o que é novo e o que é velho.

O viajante anda aqui continuamente assombrado e boquiaberto!



Seria preciso não ter o menor respeito pelas tradições, não saber nada de historia e sentir um grande desdem pelo passado para ficar frio, para mostrar indiferença diante das verdadeiras maravilhas da arte e dos monumentos colossaes que os seculos teem accumulado em Roma.

Como reprimir a commoção á vista dos restos do Forum, onde Cicero e Hortencio alcançaram os seus triumphos tribunicios; da Via Sacra, calçada de lava, por onde tantos generaes victoriosos, levando atraz do seu carro triumphal os reis vencidos, ascenderam ao Capitolio no meio das aclamações delirantes do povo; do Coliseu, essa immensa e monumental arena, onde milhares e milhares de gladiadores foram lacerados pelas feras, saudando Cesar, no ultimo arranco da vida; da elevada Torre, ainda de pé, d'onde Nero gosou o monstruoso e sacrilego espectáculo da cidade em chammas.; do Pantheon, erigido por Agrippa, genro de Augusto; do Capitolio, onde se admiram, além de magnificos trabalhos de reparação devidos a Miguel Angelo, prodigios, d'arte como a Venus Capitolina e o Gladiador Moribundo; dos arcos triumphaes de Septimo Severo, de Constantino e de Tito; das Thermas de Caracalla, ruinas maravilhosas, onde no seculo xvi foram encontrados o Hercules Farnesio, o Torso de Belvédère e a Venus Callipygia; das magestosas columnas Trajano e Antonina, ou antes de Marco Aurelio; do palacio dos primeiros imperadores; dos aqueductos, dos mausoleus e das columnadas, que, por toda a parte nos surgem, como viva evocação do passado do maior dos povos?!



Como ficar impassível perante monumentos que, se foram testemunhas de acções hediondas, também viram feitos nobilísimos e são contemporâneos dos escriptores e dos heroes, cujos nomes, dominando a historia, hão de ser eternamente gloriosos e nimbados de veneração?

Como resistir a um profundo sentimento de tristeza em face de todas estas admiráveis reliquias, que parece não haverem affrontado os seculos senão para mostrar á nossa época de emprehendimentos e audacias a inanidade dos trabalhos e dos esforços do homem, deante das fatalidades da immutável lei das cousas?

Se, vista por este lado, encarada debaixo d'este aspecto, Roma é a cidade—depois de Athenas—onde o espirito do viajante mais se entrega á reflexão e mais se entenebrece, forçado a pairar sobre tumulos e ruínas, a impressão que produz como capital da christandade é ainda extraordinária e mais poderosa.

Mesmo sem remontar aos tempos distantes e fabulosos de Romulus o Remus, o seu passado—o seu passado como cabeça do christianismo—é de perto de dois mil annos.

E que grandezas n'esse passado!

E, d'esse longo passado, que preciosísimas tradições!

Quer se observe e contemple no Coliseu, cujo chão foi regado pelo sangue de tantos confessores e martyres do novo culto; quer nos santos e lóbregos retiros das catacumbas, onde se faziam os sacrificios; quer nas egrejas, pobres e simples a principio, mas



que, taes como eram, supplantaram os velhos templos; quer, depois nas que a Fé levantou, sumptuosas e bellas, como as basilicas de S. Pedro, S. João de Latrão, de Santa Maria Maior, e de S. Paulo e de Santa Cruz da Jerusalem, — Roma impõe estes sentimentos: o de um respeito profundo e o de uma admiração extatica.

Palacios, museus, bibliothecas, edificios christãos e profanos, tudo isso, deslumbrando os olhos e a imaginação, atesta o poder da Igreja, manifestando ao mesmo tempo as virtudes do povo romano e um poder muito superior áquelle, um poder capaz dos maiores prodigios e que é o unico verdadeiramente invencivel — a Fé.

.....

Na carta subsequente communicar-te-hei as minhas impressões do Vaticano — esse colossal edificio, ou melhor essa imponente reunião de edificios, onde estão encerradas muitas das obras primas de Miguel Angelo, Raphael, Fra Angelico, Guido Reni, Cellini, Perugino e outros genios, e onde se encontram preciosidades como a Venus de Praxitéles e o Apollo de Belvédère — esta a mais celebre estatua que nos legou a antiguidade.

Não deixarei de descrever a profunda commoção que senti ao ver passar n'uma singela «chaise á porteus», com destino ao jardim do Vaticano, a figura celestial de Sua Santidade Leão XIII, que se dignou abençoar-nos, a mim e aos meus companheiros.

Um feliz acaso, que me permittiu ir a Roma e ver o Papa.



JOÃO DE LEMOS E THOMAZ RIBEIRO

O sr. Luiz da Camara Reis, que tem mais petulancia do que criterio, chama «biberons rançosos» aos grandes poetas lyricos João de Lemos e Thomaz Ribeiro, n'um artigo tocante a Eugenio de Castro.

João de Lemos foi o centro de uma reunião litteraria, que protestou contra as tradições classicas.

Prestou um grande serviço á poesia moderna, na perfeição e rigor a que soube levar a fórma.

Ha poesias lyricas de João de Lemos tão notaveis como as de Lamartine e de Musset.

A «Lua de Londres» ha-de viver em quanto se falar a lingua portugueza ; em quanto existir :

«...A Terra dos verdores».

«Na patria dos meus amores»,

«Patria do meu coração».

A poesia de João de Lemos tem pureza litteraria. Quando um nome se eleva rapidamente na ima-



ginação publica e se conserva querido e admirado, é que esse nome definitivamente se inscreve nos fastos da historia litteraria.

João de Lemos, alma religiosa, creou escola: chamou as gerações academicas, desencaminhadas em distracções pouco cordatas, ao tírocínio das letras.

Soneto do divino poeta Gonçalves Crespo dedicado ao primeiro visconde de Pindella:

JOÃO DE LEMOS

Na cidade gentil do austero estudo,
Sobranceira ao Mondego socegado,
Em cuja riba o sinceiral folhudo
De rouxinoes suspira gorgeado,

Foste erguido no concavo do escudo
Pelos moços de outr'ora, celebrado
Trovador, cavalleiro, e namorado...
Tempo de glorias como passa tudo!

No emtanto ás vezes, na provincia, quando
A um dôce, honesto e feminino bando
Digo «A lua de Londres», de repente

Da infancia volvo á candida simpleza
E ondulam na minh'alma vagamente
Tremulas notas de fugaz tristeza.

Pelo criterio do sr. Luiz da Camara Reis, Gonçalves Crespo, que rivalisa com José Maria de Heredia e Sully-Prudhomme, é um «biberon» rançoso.

Ha hoje, evidentemente, uma serie de talentos



sem orbita, que correm ao acaso e que se despe-
nham na parvoice.

Thomaz Ribeiro nasceu poeta.

O «D. Jayme» anima e enthusiasma as almas
abatidas pela mysteriosa acção dos seus cantos.

E' este o grande e sublime poder do poeta.

As suas poesias lyricas teem um suave perfume
de sentimento.

As estrophes, que o insigne poeta consagrou á
memoria querida de sua mãe, são perolas de senti-
mento elevado e de estudo elegante.

Pinheiro Chagas diz n'um dos seus excellentes
livros de critica :

«Thomaz Ribeiro é o mais revolucionario dos
nossos poetas ; audacias ninguem as tem como elle ;
imagens de nenhuma phantasia brotam em mais
caudal torrente, gritos de coração ninguem os solta
mais espontaneos. Tem ás vezes, uma simplicidade
quasi infantil, que arranca ás lagrimas ; outras ve-
zes uma pompa de lyrismo que enthusiasma e abraza.

Elle é a poesia em todo o seu florescer livre e
desconstrangido, é o romantismo na plena e primeira
exaltação da victoria.»

Pinheiro Chagas, o auctor do «Poema da Moci-
dade» tinha talento poetico — o que falta no sr. Luiz
da Camara Reis, que chama «biberons rançosos» a
João de Lemos e Thomaz Ribeiro, dois grandes
poetas, que possuíam o espirito vivo da patria.

Só tem o direito de os julgar quem mostra que
teve o poder de os sentir.



ÉMILE ZOLA

Vão ser depositadas no Pantheon as cinzas do fecundissimo auctor de «Rougon-Macquart» «L'Argent», «Pot-Bouille», «Nana», «La faute de l'abbé Mouret», «Assomoir», «Bête humaine», «Germinal», «Débacle» e outros romances deshumanos, cuja impressão é triste e desoladora.

Zola pretere Chateaubriand, Lamartine, A. de Musset, Balzac, Flaubert, Victor Cousin, Augusto Comte, Taine, Michelet, Littré, E. Renan, os Goncourt, E. Augier, Sainte-Beuve, Stendhal, A. Dumas Filho, Alphonse Daudet, Leconte de Lisle, que não estão no Pantheon e deviam anteceder Zola, pelo valor e alcance das suas obras litterarias e scientificas.

O precursor do naturalismo foi Stendhal, com o seu romance bellissimo «Armance», scenas de um salão de Paris em 1827. Victor Hugò não gostou d'esse desacato ao romantismo, de que era pontifice.

Stendhal, que Taine qualifica de primeiro psychologo do seculo, publicou os seus tres romances,



quando appareciam as obras capitaes de Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas e Alfred de Musset.

Em 1830, tres annos depois de «Armance», appareceu «Le Rouge et Le Noir», com o sub-titulo de — «Chronique du XIX siècle»; em 1839, «La Chartreuse de Parme», a mais completa e perfeita das obras de Stendhal.

E' maravilhosa a descripção dos costumes, das intrigas, dos caracteres da Italia do principio do seculo.

Balzac, encantado pela «Chartreuse de Parme», consagrou-lhe um admiravel estudo, que occupa mais de cincoenta paginas na sua «Revue parisienne».

Balzac, Flaubert e os Goncourt acompanharam o movimento pelo naturalismo, que Zola, Daudet e Guy de Maupassant continuaram.

A obra de Zola é grandiosa, mas repleta de coisas soberanamente horriveis.

Jules Lémaitre define os «Rougon-Macquart»: — «une épopée pessimiste de l'animalité humaine».

Zola retrata a sociedade franceza do periodo nefasto e pôdre do segundo imperio, onde não houve Cesar, e onde, se houve algum Napoleão, esse apenas serviu para formar contraste, pela sua baixeza, com a grandeza do fundador da curta dynastia dos Bounapartes.

Na «Bête humaine» ha paginas que provocam o vomito.

Os grandes mestres do romance, no seculo XIX, são Stendhal, Balzac, Flaubert e George Sand.



FLORENÇA

JUNHO, 94.

Meu amigo: Aqui estou, na Athenas da Italia, na terra que Miguel Angelo mais amou, porque tinha cá a sua esposa, *mia sposa*, que era a igreja de *Santa-Maria-Novella*, onde existe a celebre Madona pintada por Cimabùe, mestre de Giotto — o primeiro monumento da renascença da arte florentina.

E' deslumbrante e encântadora esta antiga capital da Toscana, onde sobrevive o genio de Dante.

Divide-a o Arno, que não é um rio: é uma torrente, produzindo effeitos assombrosos.

De qualquer ponto de vista d'onde se observe, Florença, pela sua situação e pelo relevo elegante dos seus monumentos, justifica plenamente a fama de belleza e opulencia de que desfructa pelos seus palacios e pelos seus thesouros artisticos.

Além d'isso, Florença, que prosperou muito, de ha trinta annos para o estado actual, é a terra das flores, de que se faz um consumo extraordinario. As



carruagens, nos passeios, teem o aspecto de *corbeilles* e não raro se produz o effeito de chuva florida.

As escadarias são ornamentadas de flores. As mezas lembram jardins.

O mistér de *bouquetière* é muito cobiçado.

Na primavera os campos apresentam um aspecto multicolor, que lembra os tapetes da Persia.

E já que falei de flores, falarei de mulheres...

As florentinas serão menos bellas do que as milanezas, as venezianas e, principalmente, as romanas; porém, despertam mais interesse ao espirito.

Os seus olhos são, em geral, velados pela melancholia e na sua fronte nota-se quasi sempre a chimera.

André del Sarto provou bem que os typos florentinos, inferiores em formosura aos de Veneza e de Roma, produzem uma impressão mais penetrante e mais duravel.

Ha quem diga que bastam alguns dias para ver e admirar as riquezas artisticas que Florença encerra; eu creio que o espaço de um anno seria insufficiente para tal fim.

O dôce Méry e o divino Théo achavam curta a vida inteira.

De tudo quanto vi em uma semana, eis o que mais me impressionou:

O primeiro assombro proporcionou-m'o a celebre praça do Grão-Duque, onde se reúnem todas as condições do pittoresco architectural e onde tudo é gracioso e perfeito, fazendo esquecer os grandes recintos semi-nús das capitaes modernas.

Ha regularidade nos monumentos que cercam a



praça, mas são diferentes uns dos outros, o que não permite a monotonia, imperdoável em arte.

Segundo assombro, ainda ao ar livre: *La Loggia de Lanzi*, onde outr'ora se abrigava a guarda dos lanceiros dos Médicis e que é hoje um museu aberto, onde se admiram, entre outras maravilhas, o *Perseu*, do divino Benvenuto Cellini, obra notabilíssima pela graça e movimento da figura ultra-seductora; o *Rapto das Sabinas*, esplendido grupo de João de Bolonha, admirável pretexto que este genial artista achou para mostrar toda a sua sciencia do nú e fazer admirar a belleza humana sob tres expressões diferentes: a de uma linda rapariga, a de um rapaz vigoroso e a de um velho bem conservado; e seis estatuas antigas, em grupo, do genial Donatello (Judith e Holophernes), João de Bolonha, Ricci e Fedi—todos esculptores perfeitos. A estatua equestre de Cosme de Médicis é a melhor das quatro que João de Bolonha executou: não se póde levar mais longe a nobreza e o bem estar do cavalleiro e do cavallo.

Cumprê tambem assignalar n'esta incomparavel praça o palacio Uguccioni, cuja architectura é attribuida a Raphael, pelo seu estylo suave e puro, que é bem o do grande artista.

No edificio onde funciona a estação postal ha um riquissimo tecto, que os florentinos fizeram executar pelos pisanos prisioneiros.

Dois colossos de marmore, *Hercules matando Cacus*, de Bandinelli, e *David vencendo Goliath*, de Miguel Angelo, fazem sentinella á grande porta do *palazzo vecchio*.



N'esta antiga construcção ha um recinto, de enormes dimensões, que tem esta lenda :

— Quando os Médicis foram expulsos de Florença, em 1494, frei Girolamo Savanarola, que dirigia o movimento popular, suggeriu a ideia de construir um salão immenso, onde um conselho de mil cidadãos elegeisse os magistrados e administrasse os negocios da Republica.

Terceiro assombro. O palacio dei Uffizi, com as suas galerias, que constituem um dos mais ricos museus do mundo.

Bastavam as obras primas existentes na pequena sala octogona, que se denomina *Tribuna*, para que Florença tivesse a primasia em thesouros de arte.

Eis o que lá se admira : em esculptura, a *Venus de Médicis*, encontrada em Tivoli, na villa Adriana; o pequeno Apollo (*L'Apollino*), antiquissimo ; O *Espião*, achado em Roma no seculo xvi; *Luctadores*, obra prima da esculptura grega; *Fauno dançando*, cabeça e braços de Miguel Angelo; em pintura: *S. Jeronymo*, de Ribera; *Massacre das innocentes*, de Daniel de Volterre; *Vida de Jesus*, *S. João Evangelista* e *S. Francisco*, de Andréa del Sarto; *Venus deitada*, de Ticiano; *O repouso no Egypto*, de Correggio; *La Fornarina* e o retrato do papa Julio II, de Raphael; *A Santa Familia*, de Miguel Angelo.

Nas outras salas ha muitas maravilhas de Leonardo da Vinci, de Fra Angelico, de Ticiano, de Paulo Veroneso, de Tintoreto, dos dois Palmas, de Rubens, de Raphael, de Miguel Angelo e de Benvenuto Cellini.

Quem quizer conhecer Scipião, Solon, Anacreon-



te, Aristóphanes, Marco Antonio, o triumviro, Demosthenes, Cicero — venha a Florença. Estão aqui, em bustos antigos, de fidelidade historica.

Mais preciosidades: a mascara, em *terre-cuite*, do auctor da *Divina.cemedia*, moldada no cadaver, e um modelo em cera do *Piensieroso*, original de Miguel Angelo.

O palacio Pitti, situado á margem esquerda do Arno, entre a praça de Pitti e o bello jardim Boboli, é outra grande e incomparavel curiosidade artistica de Florença.

Foi de Brunelleschi o desenho d'esta sumptuosa construcção, cuja fachada mede 291 metros.

São innumeradas as galerias e as salas onde se expõem centenas de obras de arte, todas celebres.

Na sala de Venus figuram A. Dürer, o Tintoretto, Salvador Rosa, Rembrandt, Ticiano, Feti, Guido Reni e Yan Dyck.

O paraiso da Pintura!

Casas notaveis de Florença:

Do Dante, de Alfieri, de Galileu, de Machiavel, de Miguel Angelo, do historiador Guicciardini, de Benvenuto Cellini e aquella onde morreu o adoravel Andréa del Sarto — o meu querido pintor.

Divinos todos!

Tive tentações de andar de joelhos por estas ruas sagradas...

Fica-me preso o coração n'esta encantadora terra,

Où le Dante s'assit, où son nom est gravé!

Adeus, meu amigo. Inveja-me...



D. JOÃO DA CAMARA

AO VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA,
meu muito querido amigo

Quebrou-se a lyra de ouro!

Morreu D. João da Camara. Quando morre um poeta, apaga-se uma estrella.

Mais um bardo gentil que vae dormir á geladora sombra do pranto e da saudade, ao fim de haver de-
posto a cruz do seu viver!

Já não se alteia a sua cabeça romantica!

Trilhou sempre o caminho direito e bom.

Era um santo.

Como o sol do Occidente, D. João da Camara
cahe no gelo do sepulchro, aos rythmos do mar.

Era alma ardente de divino fogo.

A memoria dos bons não se sepulta.

Revestiu a maior imponencia o cortejo que seguiu
D. João da Camara á ultima morada — o jazigo da
nobilissima familia Ribeira Grande no Alto de S.
João.

O governo, que se compõe de illitteratos, não se



representou no imponentissimo funeral do insigne escriptor.

Fez bem.

Seria dissonante a presença de qualquer dos actuaes ministros, que não conhecem *D. Affonso VI*, *Alcacer-Kibir*, *Os velhos*, *Triste viuvinha*, *Meia noite*, *Rosa engeitada*, *Pantano*—obras primas do theatro portuguez; *El-Rei* e *O Conde de Castello Melhor*, romances historicos, notaveis por muitos titulos.

D. João da Camara honra, com a maxima elevação, a terra de Portugal.

A morte de D. João da Camara é um acontecimento funesto, que se deve deplorar.

Descance em paz o poeta sublime, o patriota puritano, o apostolo do Bem!

*

A familia de D. João da Camara fica em precarias circumstancias.

Cumpra ao Estado dar-lhe uma pensão, como fez á nobre viuva de Eça de Queiroz e aos netos de Camillo Castello Branco.

Lembramos um sarau litterario, em que se fizessem ouvir oradores, poetas, litteratos e artistas dramaticos.

Ninguem aprecia o que se consome, em Portugal, de coragem e de esforço para resistir ás luctas que assaltam qualquer vocação litteraria.

E' um longo poema de soffrimento.



A litteratura predomina nos destinos sociaes e transforma os instinctos em sentimentos.

A sociedade, madrastra, não acolhe o homem de talento e favorece o homem pratico.

Camões, o grande Camões, soffreu as agruras do desterro e morreu miseravelmente em Lisboa, depois de saber que a patria, que elle tanto amou e serviu, tinha exhalado o ultimo arranco em Alcacer-Kibir.

Lopes de Castanheda chegou ao termo fatal dos seus dias, exercendo o insignificante cargo de guarda do cartorio da Universidade. Magnifica recompensa de tão uteis fadigas e de tão revelantes serviços!

Pedro Garção foi encerrado em uma masmorra.

O mundo só se lembra das agonias do escriptor, quando ellas se terminam por uma catastrophe.

O poder é funesto sem a litteratura.

D. João da Camara morreu pelo coração.

Alma candida, bello talento poetico, sensibilidade delicadissima, imaginação ardente, modestia, lealdade, character independente de facilimo accesso e amabilissimo trato, educação litteraria, originalidade de inspiração — eram os dotes d'esse illustre portuguez.

Deixou, por herança, á sua virtuosissima familia um nome glorioso.

Viveu pobre e pobre morreu, trabalhando incessantemente. Legou á patria riquezas litterarias.

Deus e a Natureza eram os seus inspiradores e em tudo quanto lhe safu da intelligencia e da



penna sente-se e adora-se a sua individualidade poetica.

As suas obras teem o sello do seu genio.

E' bem merecida a pensão á familia de D. João da Camara, poeta suavissimo, christão profundo e exemplo de virtudes.



HINTZE RIBEIRO

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro foi notavel como estudante, como orador parlamentar, como legislador, como economista, como politico, como estadista, como escriptor, na sua vida particular e na sua vida publica.

Era varão de rigidos costumes e typo de probidade. Morreu pobre.

Deu as maiores provas de lealdade — que não tiveram recompensa.

Illustrado e prudente, severo, mas não oppressor, honesto e de consciencia recta, deixa um nome honrado e uma grande reputação, que se perpetuará, de homem de critica esclarecida, de meditação e de idéas proprias.

Era muito affavel no trato social.

Era modesto.

Elevou-se, pór merecimento proprio, ás grandezas sociaes, que soube honrar.



O seu peito, coberto de condecorações, brilhava muito menos do que o seu coração cheio de virtudes.

Na politica nasceu e morreu conservador: foi coherente, ninguem o póde censurar.

Teria servido melhor o Rei, se resistisse ao Rei.

Estadista, que influiu consideravelmente nos destinos da sua patria, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro incorreu, sem duvida, em erros; mas prestou grandes serviços.

Era homem de governo e de ordem, de lealdade e de honra.

A sua falta ha de ser muito sentida.

Fazem falta os espiritos reflectidos e moderados.



DR. ANTONIO CENTENO

Em todos os organismos naturaes ou da arte ha um centro de onde se irradiam a vida e o movimento por todo o aparelho organico.

No corpo humano este centro é o coração.

D'elle parte o tronco da ramagem arterial e para elle converge o sangue em constante circulação.

E' o primeiro orgão, que attesta e revela a vida animal e o ultimo que morre.

E' o que recebe o influxo das sensações, o que estremece e palpita ás alegrias e ás maguas.

O prazer e a dôr parece que residem ahi.

E' o repositorio do sentimento.

Se o coração concentra as relações da vida organica, tambem suggere ou provoca os phenomenos da vida moral, ãa qual os homens se distinguem pelo coração, como na intellectual pelo cerebro.

Um grande coração, ou um coração mesquinho, são expressões que indicam um homem generoso e bom ou o destituído de nobreza moral.

O sr. dr. Antonio Centeno é um grande coração e um grande cerebro.

E é tambem um *charmeur*.



SULLY-PRUDHOMME

Apagou-se uma estrella: morreu o divino poeta poeta Sully-Prudhomme, auctor de *Justice*, *Vaines Tendresses*, *Amérique*, *Vie intérieure* e outras obras poeticas, que teem logar á parte no coração dos apaixonados da suprema belleza plastica.

Em toda a obra de Sully-Prudhomme não ha um verso banal.

Os seus sonetos são, talvez, os mais bellos da lingua franceza.

Nas suas descripções a exactidão é perfeita.

A imaginação allia-se ao pensamento.

Sully-Prudhomme possuia todas as faculdades particulares dos grandes poetas, que, entre o mundo moral e o mundo material, encontram relações imprevistas pelo commum dos homens; n'esta faculdade, Sully-Prudhomme foi inexcedivel.

São admiraveis e originaes as suas imagens, as suas metaphoras, os seus symbolos, tão bellos como os de Victor Hugo.



Na Italia, viu, principalmente, as estatuas e, nas paisagens, as linhas (*Croquis italiens*).

A *Vie intérieure* é, na obra de Sully-Prudhomme o que as *Premières méditations* são na de Lamartine.

Ha semelhanças moraes nos dois genios.

Parnasiano, Sully-Prudhomme não levou o seu culto pela forma á impassibilidade.

Ao rythmo, á rima perfeita e rara, ao epitheto expressivo dos seus versos de ouro puro correspondem a inspiração e o sentimento.

Assumptos de psychologia intima são expressos na fôrma rigorosa e superior do verso parnasiano.

Sully-Prudhomme foi o maior poeta da sua geração.



EL-REI D. MANUEL II

A historia de todos os tempos revela uma verdade, que ninguem póde contestar: o chefe d'uma nação fará ou não a felicidade do paiz que dirige, consoante ao seu grau de prudencia e illustração.

El-Rei D. Manoel entregou-se, desde creança, ao cultivo da sua rara intelligencia e recebeu completa educação moral, litteraria, religiosa e physica.

Estudioso por indole, por vezes os seus preceptores o procuraram desviar da sua aturada e diuturna applicação.

Os primeiros actos do seu reinado foram applaudidos por todo o mundo.

A sua Augusta Mãe é um modelo de amor e caridade, como Isabel de Aragão — a rainha santa.

E' um Anjo a velar pelo throno dos grandes reis D. Affonso Henriques, D. Diniz, D. João I, D. João II, D. Manoel e D. Pedro V, que foi chorado na morte e vive na alma do povo.



O sr. D. Manoel II tem as virtudes d'aquelle bom e saúdo rei.

Deus o proteja *sempre!*

Sempre!

São os votos da Patria de Camões!

FIM



INDICE

	PAG.
Dedicatoria.....	5
Ao leitor.....	7
Anteloquio.....	9
A imprensa.....	15
O sr. João Arroyo.....	25
O governo.....	28
A mulher.....	33
Eduardo Prado.....	37
Antonio Pedro.....	42
Dr. Ferreira d'Araujo.....	46
Casi (Poemetos em prosa).....	49
Um grande amigo de Portugal (O dr. Assis Brazil).....	56
Furtado Coelho.....	73
Raphael Bordallo Pinheiro.....	78
Henry Irving.....	81
Emilio de Girardin.....	84
Émile Augier.....	87
O Sampaio da «Revolução».....	89
Fontoura Xavier.....	92
Os portuguezes no Brazil.....	94
Veneza.....	97
Pisa.....	103
Da côr na pintura.....	107
Portugal e Italia.....	111



Visita do Imperador do Brazil a Camillo Castello Branco.	121
Camillo Castello Branco.....	124
D. Isabel, a redemptora.....	128
Recordações de theatro (O Imperador do Brazil).	130
O Imperador do Brazil e o sr. Alexandre Herculano.....	134
Victor Hugo (Ao sr. Guerra Junqueiro).....	138
Guilherme Braga.....	142
Bocage (Elmano Sadino).....	149
Taine.....	155
Alphonse Karr.....	158
José Bonifacio (o moço).....	159
O sr. José de Alpoim.....	169
Theophilo Braga.....	171
Julio Ribeiro.....	172
O regicidio.....	176
Visconde de Faro e Oliveira.....	178
Ezequiel Freire.....	182
Arthur Barreiros.....	185
No cemiterio	188
No Enterro de Pinheiro Chagas. (Discurso proferido no ce- miterio dos Prazeres, a 9 de abril de 1895, pelo vis- conde de S. Boaventura, em nome da colonia portu- gueza do Brazil.....	190
O sr. D. Pedro II, Imperador do Brazil.....	194
Roma.....	200
João de Lemos e Thomaz Ribeiro.....	204
Émile Zola.....	207
Florença.....	209
D. João da Camara.....	214
Hintze Ribeiro.....	218
Dr. Antonio Centeno.....	220
Sully-Prudhomme.....	221
Rl-Rei D. Manuel II.....	223



OBRAS DO AUCTOR

Corôa de perpetuas e saudades na sepultura de Julio Diniz.
Braga, 1873.

Antes de apagar a luz (contos, folhetins, apreciações literarias e versos), S. Paulo — Brasil, 1876.

Carta de um emigrado ao sr. Camillo Castello Branco (a proposito do *Cancioneiro Alegre*), Rio de Janeiro, 1877

O Balzac de S. Miguel de Seide (réplica suave), Rio de Janeiro, 1878.

Reacção e liberdade, drama em 3 actos. Rio Grande do Sul, 1880.

A Revolução no Brasil, Lisboa, 1894.

O Brasil actual, Lisboa, 1895.

O Livro de Luíza (trovas), Lisboa, 1895.

Impressões estheticas, Lisboa, 1905.

Fromont Junior & Risler Senior, de Alphonse Daudet (traducção), 1876.

Reverbéros (versos), 1881.

Poemetos em prosa, de Ch. Baudelaire (traducção), 1882.

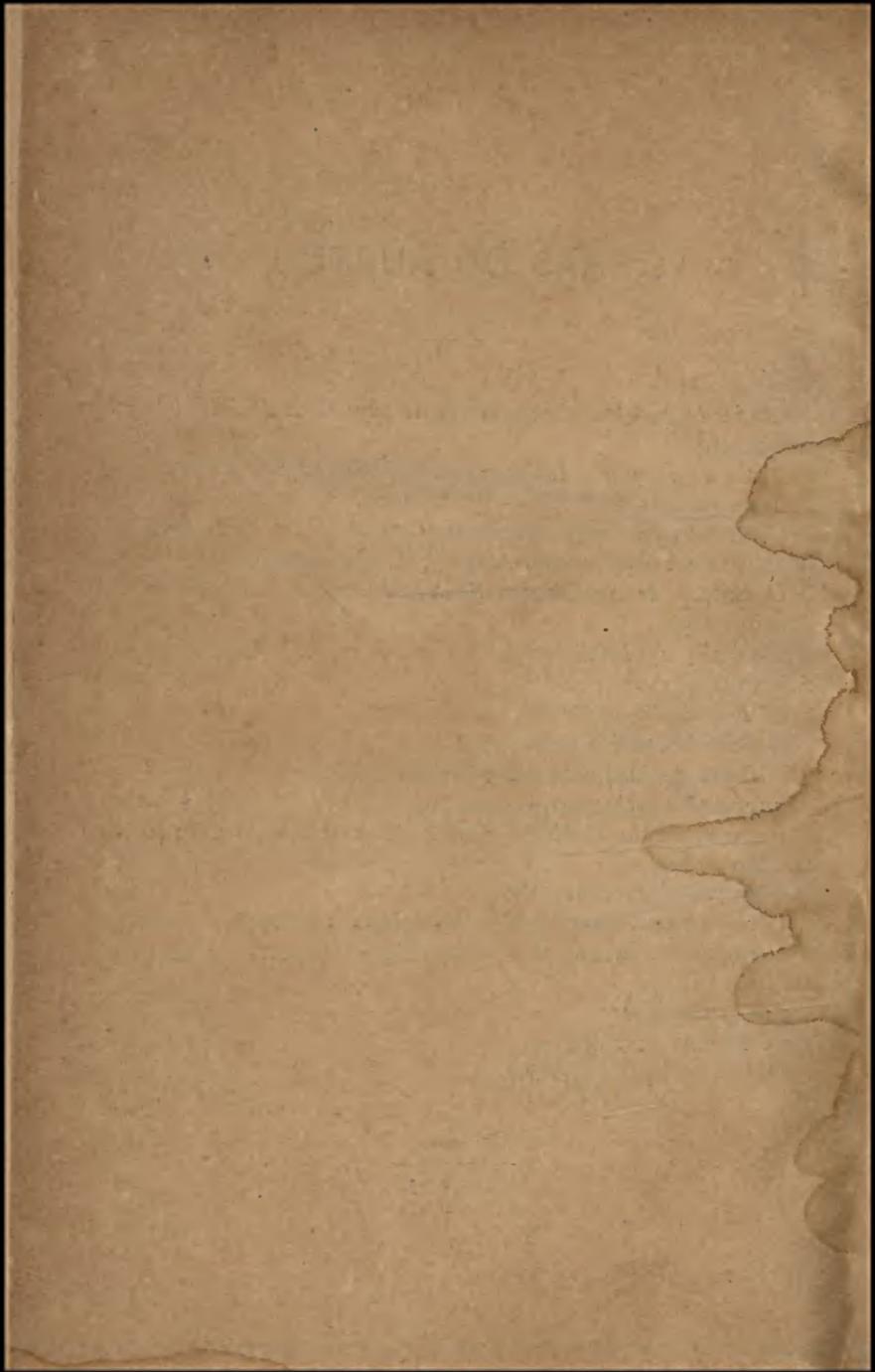
Decepção, comedia em 1 acto, de G. Rovetta (traducção do italiano).

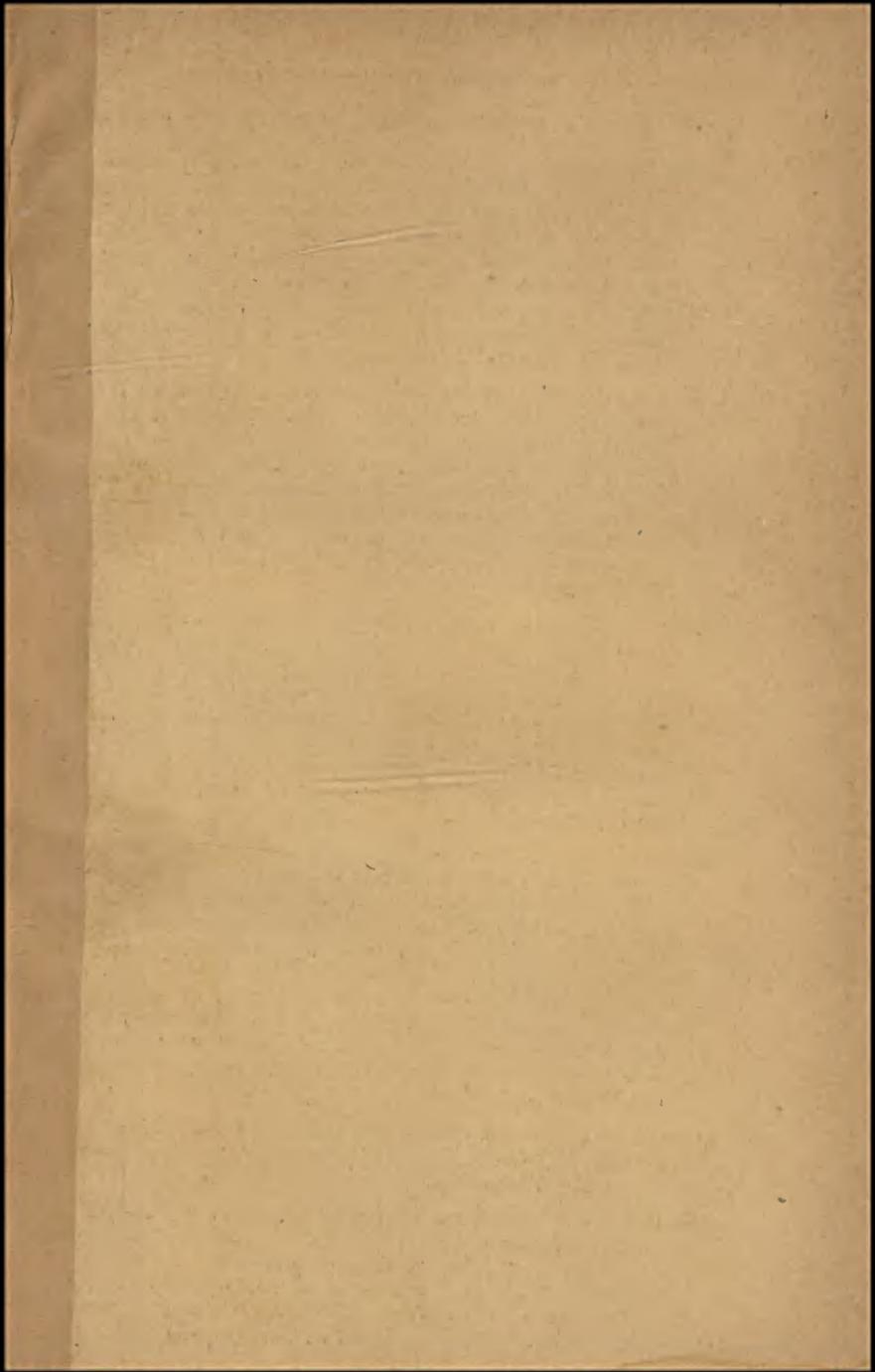
OBRAS INEDITAS:

O Theatro, 2 volumes.

O meu coração (poesias).







OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão tenente graduado da Armada

INDISPENSÁVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIR'S, ARCHYECTOS, ETC.

Engenhelro (O) d'alglbeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenharia nos seus diferentes ramos; 3.^a edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livro nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. Preço 800 réis br., 1\$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.^o francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.^a edição.—Preço 800 rs. br. 1\$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriacs, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaes quer trabalhos mechanicos.—8.^a edição. Preço 1\$600 rs. br., 1\$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.^o francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2\$000 réis br., 2\$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor 2.^a edição. Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: 2.^a Edição. — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Materias textis. — Metacs. Construeções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

